

BEATRIZ EUGÊNIO MAIA

**O DISCURSO HUMORÍSTICO SOBRE A MORTE NAS TIRINHAS,
CHARGES E CARTUNS DA INTERNET
(2000 – 2017)**

**UBERLÂNDIA-MG
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
Programa de Pós-Graduação em História – PPGHI

BEATRIZ EUGÊNIO MAIA

**O DISCURSO HUMORÍSTICO SOBRE A MORTE NAS TIRINHAS,
CHARGES E CARTUNS DA INTERNET
(2000-2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social

Linha de pesquisa: Política e Imaginário.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento

UBERLÂNDIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

-
- M217d
2018 Maia, Beatriz Eugênio, 1982-
O discurso humorístico sobre a morte nas tirinhas, charges e cartuns da internet 2000-2017 [recurso eletrônico] / Beatriz Eugênio Maia. - 2018.
- Orientador: Mara Regina do Nascimento.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Programa de Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
- I. História. I. Nascimento, Mara Regina do, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Programa de Pós-graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Glória Aparecida
Bibliotecária Documentalista – CRB6 2047



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ACADÊMICO, nº. 352, PPGHI.

Junto ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

DATA: 06 de março de 2018. Horário: início: 14h30 encerramento: 16h30

LOCAL: Sala 1H67, Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia.

DISCENTE: **Beatriz Eugênio Maia** – matrícula n. **11612HIS011**

TÍTULO DO TRABALHO: O discurso humorístico sobre a morte nas tirinhas, charges e cartuns da Internet (2000-2017).

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: História Social.

LINHA DE PESQUISA: Política e Imaginário.

PROJETO DE PESQUISA DE VINCULAÇÃO: Sociedades e religiosidades: gestos, saberes e discursos (América portuguesa e Brasil).

Reuniu-se a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores:

Ana Paula Spini – Docente – UFU

Márcia Pereira Santos – Docente – UFG

Mara Regina do Nascimento – UFU – orientadora e presidente da Banca.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa apresentou à Banca Examinadora a candidata e agradeceu a presença do público, concedendo à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Concluída a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, emitiu parecer final.

Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata A PROVADA.

Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação e regulamentação internas da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Profª. Dra. Márcia Pereira dos Santos

Profª. Dra. Ana Paula Spini

Profª. Dra. Mara Regina do Nascimento
Orientadora

AGRADECIMENTOS

O período de escrita desta dissertação teve seus altos e baixos, mais baixos do que altos, confesso. E foi nas horas mais difíceis, quando pensei que não conseguiria cumprir esta tarefa, que obtive o apoio necessário para continuar. Com licença para um trocadilho jocoso, indo por partes, assim como fez Jack, o estripador, quero esclarecer que todos os citados aqui tiveram grande participação para que esta dissertação, com todas as suas falhas, que são única e exclusivamente minhas, pudesse finalmente se concretizar.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida a partir de 2017, que possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa durante o ano derradeiro do curso de Mestrado. Sem este auxílio financeiro eu teria que continuar dividindo o trabalho da escrita com a labuta diária da fabricação e venda dos meus “famosos” quitutes da marca “Cuscuz de Tapioca da Bia”, que, se agradavam aos colegas, aos professores e às professoras, tomavam muito do meu tempo. A bolsa de estudos tornou possível completar a Dissertação no período de dois anos e com menos sacrifícios.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da nossa universidade (PPGHI/UFU), à coordenação e aos técnicos administrativos, por toda a dedicação e auxílio que sempre se prontificaram a dar a nós, discentes.

Quero agradecer também à minha orientadora, Mara Regina do Nascimento, que ao longo da graduação e do Mestrado tem me acompanhado e me dado toda a segurança acadêmica, além da amizade e compreensão dedicadas em tempos turbulentos da minha vida pessoal.

Agradeço com a mesma intensidade àquela que se tornou uma grande amiga e parceira, Aline Ferreira Antunes, pela parceria e amor dedicados em um dos momentos mais tensos da minha vida. Estendo este agradecimento a seus pais, irmão e tios, sempre carinhosos e prestativos.

Agradeço a minha família, sobretudo a meu pai, Osvaldo, por ter plantado em mim a sementinha do gosto pelo estudo que só veio a germinar um pouco mais tarde. Não poderia deixar de fora minha tia Ivone pelo incentivo e tratamento carinhoso de sempre. Agradeço aos meus irmãos pelos momentos de descontração e de bate-papo.

Aos amigos feitos ao longo da graduação e do mestrado e que levarei para o resto da vida: Fernando, Vasni, Flávia, Luana, Aline, Maria de Fátima (*in memoriam*), Vitor, Laís,

Marcela, Marcos, Angélica, Pablo, Kleber, Driele, Luciana e Lucas. Aos professores do curso de História da UFU, tão importantes na minha formação e que me modificaram positivamente: André Fabiano Voigt, Alcides Freire Ramos, Mara Regina do Nascimento, Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, Marcelo Lapuente Mahl, Maria Clara Tomaz Machado, Jacy Alves de Seixas e Ana Paula Spini, a estas duas últimas especialmente por terem contribuído imensamente no Exame de Qualificação.

Agradeço ao meu companheiro durante os anos em que vivi em Uberlândia, Nilson César da Silva, uma pessoa que me ensinou a ter mais disciplina e ir até o fim nos meus projetos, assim como a toda a sua família, da qual tive o prazer de fazer parte.

Por fim, agradeço aos que reingressaram na minha vida na fase final do mestrado e que, de algum modo, me estimularam a continuar: Carlinhos, Sharon, Kátia, Zé, Neto, Thiago, às colegas da academia que me incentivaram a ficar bonita e a ser fitness quando eu só queria comer, escrever e me sentir triste, enfim, a todos aqueles que torceram por mim e me estenderam a mão.

O homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é.
(Millôr Fernandes)

Resumo

O humor sobre a morte é uma atitude que pode ser identificada em diversas sociedades ao longo da história. A dissertação propõe refletir acerca dos modos pelos quais os sujeitos na contemporaneidade permitem-se escarnecer e brincar com um tema tão caro como a morte, apesar dos confrontos teóricos quanto a este ser ou não um tabu na sociedade ocidental atual. Para tanto, utilizando-se das tiras, charges e cartuns disponíveis na internet, busca-se pensar o contexto de produção destas imagens, assim como entender de que modo elas refletem, enquanto representações, os medos, angústias e preocupações humanas que compõem os imaginários sociais em torno da finitude de si e do outro considerando os desafios da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Humor – Morte - Internet

Abstract

The humor about death is an attitude that can be identified in many societies throughout history. This dissertation proposes a reflection concerning the foundations on which the subjects of the contemporaneous society are allowed to sneer and mock such a delicate topic as death, despite the theoretical confrontations whether this is or not a taboo in the present western society. Therefore, making use of the comic strips and cartoons available on the internet, it is intended to search the context of production of these images, as well as understand the form in which they reflect, as representatives, the fears, the anguishes and human concerns that are part of the social image surrounding the finitude of oneself and the others considering the challenges of the present

KEY WORDS: Humor - Death - Internet

Lista de Figuras

Figura 1– Sem título	16
Figura 2 – Sem título	22
Figura 3 – “Um caso de morte” (1984)	31
Figura 4– Alguns personagens assassinos de Dr. Pepper	32
Figura 5 – Você morreria pelo seu amor?.....	35
Figura 6– A Entediante Vida de Morte Crens #16	36
Figura 7 - A entediante Vida de Morte Crens #63	41
Figura 8– Riscos.	42
Figura 9 – Cartum.....	43
Figura 10 – A Entediante Vida de Morte Crens #122	48
Figura 11 - Polícia assassina.....	49
Figura 12- Comentários da tira Polícia assassina, de Dr. Pepper	51
Figura 13 – Muito trabalho	52
Figura 14– Sem título.	53
Figura 15– Sem título.	56
Figura 16– Salvando Temer.....	66
Figura 17– Sem título	67
Figura 18– Certezas da vida.	68
Figura 19– Aposentadoria diminui	69
Figura 20– Como você reagiria se soubesse que tem câncer?	70
Figura 21– A Entediante Vida de Morte Crens # 119.	73
Figura 22– Ual, tem wifi lá partiu # inferno	75
Figura 23- Cartum.....	78
Figura 24- A Entediante Vida de Morte Crens #91	86
Figura 25– Felizardos no casamento	88
Figura 26– O que não dizer a uma mulher na TPM	89
Figura 27– A Entediante Vida de Morte Crens #76	90
Figura 28– Cartum.....	92
Figura 29 – Acessos a página <i>Dr. Pepper</i> no Facebook.....	97

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
Resumo	9
Abstract.....	9
Lista de Figuras	10
INTRODUÇÃO.....	13
1. RIR DA MORTE EM QUADRINHOS	28
1.1. Suicídio	34
1.2. Redes sociais	40
1.3 Consumismo.....	43
1.4. Medo da morte	47
2. SOBRE O HUMOR E O RISO	49
2.1 Violência	49
2.2 Cenas da vida (e da morte) contemporânea na pena de Nani e Jaguar	65
2.3 Política	65
2.4 A vida cotidiana e o morrer em Duke e Amarildo	68
2.5. Velhice	68
2.6 A morte nas redes sociais nos traços de Daniel M.T. e Gustavo Borges	70
2.6.1 Doenças terminais.....	70
2.6.2 Enganando a morte	73
3. IMAGEM E HISTÓRIA: PENSAR O CONTEMPORÂNEO	80
3.1 Histórias em Quadrinhos	84
3.1.1 Amor e casamento	86
3.1.2 Temas e tramas variados.....	89
3.2 Charges e cartuns	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
Fontes digitais.....	100

Artigos, sites, filmes	100
Figuras	103
Obras de Referência.....	105
Bibliografia.....	105

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa busco compreender a relação de dois conceitos aparentemente antitéticos: humor e morte, que podem ser encontrados nas formas mais contemporâneas de comunicação, as redes digitais sociais. Este tema será interpelado a partir do uso de fontes imagéticas disponíveis na internet, produzidas por quadrinistas, chargistas e cartunistas independentes, respectivamente: Gustavo Borges, com *A entediante Vida de Morte Creens* e Daniel M.T com *Dr. Pepper*; Amarildo e Duke; Nani e Jaguar. O critério para a escolha de tais artistas se deu a partir da possibilidade de mesclar produções oriundas tanto de desenhistas mais jovens, a exemplo de Gustavo e Daniel M.T, como daqueles mais consagrados pelo público, os “clássicos”, na possibilidade de observar as semelhanças e contrastes nos estilos do humor sobre a morte dado o contexto social em que se encontram inseridos, apesar de que nem todos, a exemplo das charges e cartuns, tiveram a internet como lugar inaugural dos seus trabalhos.

Gustavo Borges e Daniel M.T são dois jovens quadrinistas independentes, ou seja, não se utilizam do mercado editorial para divulgar seus quadrinhos, o que não implica dizer que não tratem seu ofício de modo menos profissional que os divulgados em jornais e revistas de periodicidade regular. Amarildo, Duke, Nani e Jaguar são, por outro lado, a “velha guarda” das charges e cartuns no Brasil. Suas trajetórias se iniciaram em jornais impressos, cujo momento histórico e mesmo o papel exercido pelas charges e cartuns foi construído no sentido de possuírem (e ainda possuem) um caráter de denúncia típico desse estilo de representação humorística.

Pretendo observar estas imagens enquanto produtos culturais contemporâneos¹ e quais possibilidades discursivas suscitam ao desafiarem uma das grandes preocupações humanas, a morte, utilizando-se do humor. Por denotar presunção estabelecer a posição de analista e intérprete destas imagens, não assumo tal condição por acreditar que não só o historiador, mas

¹ Por contemporâneo, no contexto da internet, refiro-me as tiras, charges e cartuns em meio eletrônico, também chamadas de webcomics e HQtrônicas. Larrosa estabelece divisões da história do tempo presente, denominando ‘história próxima’ a que compreende os últimos trinta anos e ‘história imediata’, “aquela feita no calor do acontecimento e geralmente associada ao ofício jornalístico”, neste caso, mais aplicada a natureza das charges e cartuns. LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Realidade. [Dossiê Michel Foucault]. Porto Alegre, v.29, n.1, p.27-43, 2004. Apesar do historiador poder acessar e refletir sobre uma temporalidade que é a sua, pois faz parte dela, abre-se a possibilidade de não se distanciar no tempo de modo a não se permitir olhar o seu objeto de modo analítico, mas passional. Agamben identifica este risco ao estabelecer que “a contemporaneidade é, portanto, uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a este aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.”. AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009, p.59.

o estudioso de qualquer área, pode arriscar tentar compreender tais expressões culturais, não nos cabendo assumir o papel de portadores da verdade, ou como afirmou, Juremir Machado da Silva em ‘O pensamento pós-moderno e a falência da modernidade’ à luz de Lyotard: “Não somos produtores de doutrinas, de verdades absolutas. Em conhecimento, somos produtores de possibilidades, de probabilidades, de hipóteses, de narrativas”.²

Esforço-me por compreender em que medida tais produções artísticas emitem discursos que lidam com sentimentos e subjetividades humanas constituintes dos sujeitos contemporâneos, e em que grau refletem nossos anseios em relação à morte frente aos atuais desafios, entre eles o de vivermos em uma sociedade cada vez mais violenta, intolerante, preconceituosa e que de certa maneira deixa transparecer por meio de atitudes e posicionamentos a falta de perspectiva e de esperança em um futuro, em tese, melhor, um futuro que, segundo Lipovetsky, prometia ser, a partir da modernidade, “o *locus* da felicidade vindoura e do fim dos sofrimentos”³. Faz-se necessário esclarecer a opção por não falar em nome de um “ocidentalismo”⁴ devido às especificidades de cada país, cidade e região, compostas por culturas as mais diversificadas e que lidam com o humor e com a morte de diferentes modos, a exemplo do povo mexicano que “frequenta-a, ri dela, a caricia, dorme com ela, festeja-a”.⁵ Vemos que, mesmo tratando-se de países que compõem um mesmo continente, ambos, Brasil e México, possuem suas particularidades ao lidarem com a morte numa atitude oposta à dos europeus, norte-americanos ou mesmo entre os demais países latinos.

Pensar como os imaginários contemporâneos permitem unir, a partir da produção de imagens, dois assuntos tão distintos como o humor e a morte é refletir, sobretudo, a respeito do que há de permissivo nelas a ponto de podermos concebê-las como representações sociais

² SILVA, Juremir Machado da. O pensamento pós-moderno e a falência da modernidade. Café Filosófico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bUBAXx8Np3g>>. Acesso em: 10 de dez. 2017.

³ LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.14.

⁴ Aqui me aproprio e inverte o conceito de Edward Said, *Orientalismo*, a partir do modo distorcido que os europeus constroem representações do Oriente. Nesse sentido, ao colocar em mão contrária o conceito, isto se torna possível quando identifico que há este mesmo esforço por parte de escritores também europeus em se referirem igualmente ao Ocidente, a exemplo de Philippe Ariès, na obra *História da morte no Ocidente* e a todos aqueles que, de modo geral, não explicitam as particularidades culturais desse conjunto de povos.

⁵ Paz aborda o significado da morte para um grupo de mexicanos, entre tantos, como herança histórica das feridas ainda abertas pelos traumas da Ditadura e da Revolução de 1910, estabelecendo a relação entre morte e liberdade: “[...] a morte nos vinga da vida, despe-a de todas as vaidades e pretensões e a transforma no que é: alguns ossos limpos e um esgar horrível. Num mundo fechado e sem saída, onde tudo é morte, o único valioso é a morte. Mas afirmamos uma coisa negativa. Caveiras de açúcar ou de papel de seda, esqueletos coloridos de fogos de artifício, nossas representações populares são sempre zombaria da vida, afirmação da ninharia e insignificância da humana existência. Enfeitamos nossas casas com caveiras; no dia de Finados, comemos pães que imitam ossos e nos divertimos com canções e anedotas em que a morte pelada ri, mas toda essa familiaridade fanfarrona não nos dispensa da pergunta que todos fazemos: o que é a morte? Não inventamos uma resposta nova. E cada vez que perguntamos por ela, encolhemos os ombros: que me importa a morte, se a vida não me importa?”. PAZ, Octávio. *O labirinto da Solidão* e post. scriptum. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1984, pp.55-56.

apesar dos embates teóricos que discutem ser ou não a morte um tabu na sociedade brasileira. Ao identificar nestas tiras, charges e cartuns selecionados para constituir o corpus documental deste trabalho formas de expressão que refletem imaginários acerca da morte na sociedade contemporânea brasileira, é possível identificar uma tentativa de representar, através do humor, da composição das personagens e dos diálogos existentes, visões de mundo que possam corresponder a realidade que determinados sujeitos assim venham a entender, pensar e sentir as questões relativas à morte e o morrer.⁶

O significado etimológico da palavra ‘representação’, segundo Makowiecky provém do latim *representare* – “fazer presente ou apresentar de novo” alguma coisa ou ideia que está ausente por meio da presença de um objeto, seja esta uma imagem, texto, pintura etc.

O próprio conceito de representação é muito complicado. A etimologia da palavra representação diz que as relações entre as coisas se dão por similitude e assim foi até o nascimento das Ciências, com Descartes. A partir daí as coisas passam a não mais ser olhadas e reconhecidas tal como o que o mundo empírico podia dizer através do tato, olhar, etc. O mundo passou a não ser só o que os olhos viam e se despontou para o fato de que a nossa noção de realidade é enganosa, é ficção, pois tudo é, e nada é. Antes da ciência, a imaginação era algo ilusório. Depois, as coisas passaram a sair do plano do real (representações) para o plano das taxionomias, onde da ausência nasce o real. O objeto não precisa mais estar presente. A própria imagem o substitui, como no exemplo: “A toga do juiz vale pelo juiz”.⁷

A partir desta definição é possível identificar nas imagens apresentadas a seguir em que medida elas representam os imaginários dos sujeitos que as (re) produzem retomando ou perpetuando estereótipos. Dando início ao uso das fontes, a tira de Gustavo Borges nos ajuda a entender essa afirmação quando faz uso, na tira abaixo, da cor branca em referência ao divino e da cor preta para representar o mal, o demoníaco; o uso de chifres e do tridente na representação “clássica” do diabo, cujo rosto não se oculta, ao contrário da representação de Deus, levada a cabo se pensarmos que sua face, de acordo com a crença cristã, não pode ser representada, embora a sua supressão não nos impossibilite de identificá-lo, graças ao seu autoritarismo.

A Morte, por sua vez, perde o seu poder ao “amarelar” diante de Deus quando estaria prestes a fazer negócio com um diabo jovem, de corpo sarado e linguajar malandro. A série de

⁶ Fazer adendo utilizando a obra *O queijo e os vermes* como exemplo de pensamento (imaginário) possível dentro de uma sociedade que trata determinados assuntos como tabus, mas que mesmo assim permite que determinados sujeitos, apesar do contexto social no qual estão inseridos, pensem e explicitem uma visão de mundo apartada das convenções sociais e dos tabus da época e do lugar.

⁷ MAKOWIECKY, Sandra. Representação – a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, nº 59, dez., 20013, p.3.

vinhetas abaixo apresenta a Morte em três fases que possuem um certo ritmo: imobilidade diante da proposta indecorosa, ascensão e queda, ordenadamente. Segundo Nietzsche “todo homem tem seu preço”, logo, não seria esta a representação de uma Morte mais humanizada se considerarmos sua conduta corruptível? Nem a morte estaria livre de se corromper...

Figura 1– Sem título



Fonte: A entediante Vida de Morte Crens.

Observando a maneira como a morte aparece representada nesta tira, amplio um pouco mais o conceito de representação, a partir de Chartier⁸, que considera a existência de algumas etapas entre produtor e consumidor tendo por base a literatura. Como visto, as tirinhas, charges e cartuns selecionados possuem imagem e texto, e apesar de o autor tratar de produção e consumo de obras literárias, torna-se viável uma discussão transversal incluindo estas imagens obtidas em meio eletrônico se considerarmos as fases citadas por Chartier, uma vez que enquanto a escrita, a fabricação, a divulgação e o consumo de livros impressos envolvem determinadas estratégias que integram além do escritor, editores e oficinas de impressão, as imagens disponíveis na internet, diferentemente dos impressos, não passariam, obrigatoriamente, por esses filtros.

Há, porém, um quesito que é possível vislumbrar como fator concordante entre o livro impresso e as imagens disponíveis na internet: as estratégias/intenções do autor e a construção dos sentidos, talvez relegadas a um segundo plano a partir de quando se analisa a obra como algo que não foi pensado a fim de alcançar um determinado público. É preciso refletir sobre as produções humanas que visam o consumo/uso de outrem, para além do suporte material, considerando as distinções e características específicas entre charges, cartuns e tirinhas, uma vez que apresentam uma natureza própria e uma missão política que não se aplica igualitariamente às três categorias de imagens.

⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista Estudos Avançados, 1991, p. 182.

De acordo com Jodelet⁹, a representação de algo carrega consigo, além da imagem, um significado simbólico. Representação social, nesse sentido, contempla tanto o objeto a ser representado como o sujeito, ou seja, aquele (a) capaz de ler e interpretar os objetos a partir das suas experiências e do contexto de produção dos mesmos, pensando até de modo inconsciente se esses objetos refletem e agem sobre o mundo no qual vive. Assim sendo, ao nos depararmos com imagens contendo referências à morte, reagimos e nos indagamos sobre as mensagens transmitidas no exato momento em que nos identificamos com elas, seja por vias do riso, do espanto ou mesmo da indignação.

O estudo do humor sobre a morte tem dado origem a diversas produções acadêmicas, porém, vindas de outras áreas do conhecimento que não a da História. É possível perceber que a psicologia se dedica bastante a esse tipo de reflexão, como nos artigos *Do trágico ao drama, salve-se pelo humor*¹⁰, de Maria Mazzarello, que trata de algumas formas de comicidade e o que elas acarretam na clínica psiquiátrica e *Humor - dor e sublimação*¹¹, de Ana Cristina Salles, sobre a importância do humor diante da dor e do luto. Na área de Letras, a dissertação *O riso da morte – manifestações do humor na publicidade e na literatura*, de Evandro Fedossi, faz o cruzamento entre obras literárias e propagandas publicitárias, como a venda de serviços funerários da atualidade, cujos discursos encontram-se permeados de ironia e sarcasmo. Na área da Comunicação, o artigo intitulado *Do hilário ao sinistro: a publicidade e o uso do humor para lidar com o tabu da morte*¹², de Iranilton Marcolino Pereira, apresenta peças publicitárias de um cemitério estabelecendo um paralelo entre a morte interdita e a possibilidade de se fazer humor com ela na sociedade contemporânea ocidental.

No campo do Direito, a dissertação de João Paulo Capelotti, *Ridendo Castigat Mores: Tutelas reparatorias e inibitórias de manifestações humorísticas no direito civil brasileiro*, investiga os processos judiciais decorrentes dos excessos praticados por alguns humoristas em nome da chamada liberdade de expressão. Esta leitura ajudou a pensar sobre os limites do

⁹ JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.27.

¹⁰ RIBEIRO, M.M.C. Do trágico ao drama, salve-se pelo humor. Periódicos eletrônicos de Psicologia. Estudos de Psicanálise, n.31, Belo Horizonte, out, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100013>. Acesso em: 10 dez. 2017.

¹¹ SALLES, A.C.T da C. Humor – dor e sublimação. Periódicos Eletrônicos de Psicologia. Reverso, v.33, n.61, Belo Horizonte, jun., 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000100003>. Acesso em: 08 dez. 2017.

¹² PEREIRA, Iranilton Marcolino. Do hilário ao sinistro: a publicidade e o uso do humor para lidar com o tabu da morte. Disponível em: < <https://portal.comunique-se.com.br/wp-content/uploads/2017/05/DO-HIL%C3%81RIO-AO-SINISTRO.-A-PUBLICIDADE-E-O-USO-DO-HUMOR-PARA-LIDAR-COM-O-TABU-DA-MORTE.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

humor, uma vez que as fontes aqui utilizadas tratam de um tema para muitos considerado um tabu.

Estas são uma pequena amostra de pesquisas que vem sendo realizadas no Brasil sobre o este tema, mudando apenas as suas perspectivas. Apesar de existir uma gama de outros artigos, teses e dissertações sobre isso foi possível perceber que não houve até o momento alguma que explorasse o humor sobre a morte a partir de tirinhas, charges e cartuns.

Como já exposto, o *locus* dessa dissertação é o Brasil, cujo recorte temporal compreende do ano 2000 a 2018. Apesar de ter sido nos anos 1990 o momento de expansão da internet no Brasil, é provável que essas imagens não tenham feito parte da rede mundial de computadores tão imediatamente, optando, por isso, por um recorte temporal a partir dos anos 2000.

Apesar de ser para muitas pessoas inaceitável rir e fazer piadas de eventos envolvendo a morte, é possível encontrar inúmeras situações entre as mais sortidas manifestações culturais em que essa prática tem deixado marcas evidentes desde os tempos mais longínquos. Assim como hoje são produzidos e disseminados certos tipos de imagens e piadas sobre a morte e o morrer, cada período histórico também faz uso de recursos e suportes específicos para brincar com a hora derradeira de nossas vidas através do humor, definido por Bremmer e Roodenburg como “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso.”.¹³

Bremmer e Roodenburg esclarecem ser relativamente nova a noção de humor, cujo significado moderno teria sido registrado pela primeira vez na Inglaterra em 1682. Antes disso, denotava ‘temperamento’ ou disposição mental. A obra *Sensus communis*: um ensaio sobre a liberdade da graça e do humor (1709), de Lorde Shaftesbury, foi uma das primeiras publicações a utilizar o termo conforme o definido pelo *Concise Oxford Dictionary* que interpretava o significado de humor como “facécia, comicidade”, o considerando “menos intelectual e mais agradável que o chiste”¹⁴.

Voltaire, porém, propõe que o termo teria uma origem francesa

Ele alegava que o humor na nova acepção inglesa, significando “*plaisanterie naturelle*” (brincadeira natural), derivava do *humeur* francês, conforme foi empregado por Corneille em suas primeiras comédias. É verdade que o inglês

¹³ BREMMER, J; ROODENBURG, H. Introdução: Humor e História. In: BREMMER, J; ROODENBURG (Org). Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.13.

¹⁴ Segundo Natércia, o chiste é breve e é por isso que se torna engraçado. De acordo com Possenti, no caso das imagens, o mesmo mecanismo pode ser utilizado, citando como exemplo a caricatura, que enaltece algum defeito, “o que se faz de acordo com os padrões culturais vigentes num lugar, numa época.”. NATÉRCIA, Flávia. Fazer chiste não é fazer piada. Scielo. Ciência e Cultura, vol.57, n.2, São Paulo, abr., /jun., 2005. Disponível em:< http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200004>. Acesso em: 22 dez. 2017.

“humour” originou-se do francês no sentido de um dos quatro fluidos principais do corpo (sangue, flegma, bílis e bílis negra), mas é mais que duvidoso o fato de o significado inglês contemporâneo derivar também da França. Na verdade, de 1725 em diante, o francês caracteriza invariavelmente o termo como um empréstimo inglês – um tratamento do qual Voltaire é, naturalmente, uma testemunha indireta. Em 1862, Victor Hugo ainda falava sobre “essa coisa inglesa chamada humor”, e foi somente no início dos anos 1870 que alguns franceses começaram a pronunciá-la o jeito francês.¹⁵

O humor é objeto de estudo desde a Antiguidade Clássica. Já são bem conhecidos os embates teóricos acerca do assunto, a exemplo do segundo livro da *Poética*, de Aristóteles, em que ele aconselha usar o riso com parcimônia – *eutrapelia*; ou os escritos de Cícero, que afirmavam ser a ironia romana superior à grega, porque o riso romano é por vezes fino, sarcástico, grotesco, irônico; ou ainda as afirmações de Daninos, para quem o humorista é aquele que possui “uma disposição de espírito que nos permite rir de tudo sob a máscara do sério”.¹⁶ Cabe esclarecer que o humor enquanto função era atribuído a pessoas específicas da sociedade, como os bufões ou bajuladores, devendo ser utilizado de maneira comedida para que não configurasse grosseria ou ridicularização.

No século III, o Papiro de Leyde menciona que o universo teria se originado de uma grande gargalhada de Deus, dando margem ao surgimento dos primeiros mitos gregos de que o riso seria a manifestação da alegria de viver, da esperança no futuro, da luta contra os poderes da morte.¹⁷ No século X, manuscritos contendo uma coleção de 275 piadas, algumas datadas do século III a.C., de nome *Filógelos* ou “Amante do Riso” sugerem situações em que morte e humor estariam unidos. Segundo a transcrição da piada nº 171, “um habitante de Cime leva o corpo do pai para o mumificador depois da morte dele em Alexandria. Mais tarde, ao retornar para buscá-lo, o homem mostra vários corpos e lhe pede um sinal que identifique o pai. Ele responde: ‘Ele tossia’.”¹⁸ Bremmer justifica esta atitude dado o contexto social da época cujos tratamentos de saúde eram muito pouco desenvolvidos, fazendo dos médicos e da medicina da época alvos de escárnio.¹⁹

Com o passar do tempo, o tipo de humor dos bufões e bobos da corte, cuja finalidade era provocar o riso do outro, exige padrões mais discretos em nome dos bons costumes e do

¹⁵ BREMMER J; ROODEMBURG, H. Op.cit., pp.13-14.

¹⁶ DANINOS, P. Tout l’ humour du monde. Apud MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: UNESP, 2003, p. 78.

¹⁷ MINOIS, Georges. op. cit., p.22.

¹⁸ BREMER, J. Piadas, comediôgrafos e livros de piadas na cultura grega antiga. In: Uma história cultural do humor. BREMMER, J; ROODENBURG, Herman. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.36.

¹⁹ BREMER, J. op. cit., p.36.

conhecimento, embora houvesse adeptos e adversários do riso.²⁰ A sátira romana fatalmente atingia a esfera política, porém dependia da opinião pública para que o riso se tornasse presente, a exemplo das guerras púnicas, cuja sobrevivência de Roma era o centro das discussões e estopim para as zombarias iniciais direcionadas aos chefes militares. No tempo do Império, o riso assumia conotação diferente quando, segundo Minois,²¹ ousava-se ridicularizar o imperador, mas só após a sua morte, a fim de exaltar o novo soberano, rebaixando o anterior.

Minois sustenta que a decadência do riso romano ocorre de maneira progressiva e isso se reforça com a chegada do Cristianismo. Na Idade Média, o riso é diabolizado pela Igreja católica por ser consequência do pecado original.

[...] durante a primeira fase, a Igreja, diante de um fenômeno que considera perigoso e realmente não sabe como controlar, rejeita-o totalmente. Mais tarde, por volta do século XII, ela consegue submeter o fenômeno ao seu controle, distinguindo o riso bom do ruim, os modos admissíveis de rir e os inadmissíveis.²²

Na ocasião do carnaval²³, o riso manifestava-se livremente, pois

[...] se a morte está sempre presente, se a penúria, a guerra e a epidemia nunca estão longe – ainda que tenha havido uma relativa trégua do século XI ao século XIII – as angústias inscrevem-se num sistema de mundo que mistura de forma inextricável o sagrado e o profano.”²⁴

No Renascimento, Igrejas e o poder civil tentavam combater a gargalhada nas festas e carnavais. Minois explica que as descobertas científicas e a Reforma abalaram a ordem social e que, portanto, a seriedade deveria prevalecer, pois “não é rindo que se fundam as bases de um mundo estável e regenerado”.²⁵ Até o período moderno, o riso, principalmente na esfera

²⁰ De acordo com Minois, Platão desconfiava do riso por sua natureza ambivalente (prazer e dor). Rir do ridículo de um amigo combinava sentimentos como prazer e inveja, logo, admitia-se rir dos inimigos, dos estrangeiros ou de escravos. A política também era um campo em que o riso era absolutamente proibido. MINOIS, Georges. op. cit., p.70-71.

²¹ MINOIS, George. Op. cit., p.89.

²² MINOIS, Georges. Op. cit., p.70

²³ Minois diz haver estudos sobre a natureza do riso e do humor na Idade Média, embora não se tenha chegado a uma conclusão quanto a isso e cita uma expressão de Robert Escarpit sobre o humor, que apesar de sua evidência, manifesta “uma maneira de viver, ver e de mostrar o mundo que não é, necessariamente, cômica”. MINOIS, Georges. op. cit., p.193.

²⁴ MINOIS, Georges. Op. cit., p.155.

²⁵ MINOIS, George. Op. cit., p.317.

pública, deveria ser discreto e moderado, e na Europa do século XVIII cria-se uma divisão entre o humor polido e o humor popular.²⁶

Apenas recentemente o humor passou a ser campo de interesse de historiadores²⁷. Driessen, por meio da abordagem antropológica do humor, afirma que nem todo riso origina-se de piadas, porém, as duas partes envolvidas – quem as faz e quem ri delas -, encontram no riso uma forma de aliviar tensões, uma vez que “o riso torna suportável o insuportável.”²⁸

Como forma de orientar as reais inquietações que culminaram nessa pesquisa foram elaboradas algumas perguntas a fim de conduzirem a possíveis respostas decorrentes de reflexões e leituras: o que podemos apreender sobre os imaginários sociais quando enfocamos o tema da morte sob o viés do humor? O que leva um indivíduo ou um grupo de indivíduos a escarnecer sobre a morte? Haveria uma “origem” desse tipo de humor voltado para questões tão delicadas dados os sentimentos envolvidos? Tendo como fontes de pesquisa tirinhas, charges e cartuns do meio eletrônico, qual tipo de problemática pode ser levantada quanto à produção do humor sobre a morte, independente do formato? Falar sobre a finitude humana na contemporaneidade é realmente um tabu?

A indagação acerca dos discursos presentes em obras contendo simultaneamente o humor e a morte torna-se possível a partir do momento em que diz muito sobre a visão de mundo de uma sociedade que convive com desafios como a violência, a desigualdade social, o consumo desenfreado de mercadorias, entre outras questões. Soa lugar-comum mencionar esses aspectos em relação a sociedade brasileira quando se sabe estarem presentes em qualquer lugar do mundo, observadas as singularidades. Apesar de haver aqueles que se expressam utilizando a ferramenta do humor, não podemos deixar de considerar que assim como existem consumidores que se identificam com o chamado *humor negro*, há também os que execram esse tipo de conteúdo, verbal ou na forma de imagem, consideradas produções de mau gosto pela conotação de ridicularização dada a seriedade que o tema exige.

Segundo Ceia

O conceito de humor negro foi introduzido pelo surrealista André Breton na primeira edição da sua *Anthologie de l'humour noir* (1940). [...] Associado ao Surrealismo, este humor desconcertante é, assim, libertador e sinônimo de

²⁶ BREMER, J.; ROODENBURG, H. Introdução: Humor e História. In: Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.13.

²⁷ O humor e o riso são campos de interesse não só da História, tendo como principais expoentes Freud, no campo da Psicologia, Bakhtin e seus estudos sobre a linguagem, na Filosofia, assim como em outras áreas como a Sociologia e a Antropologia.

²⁸ DRIESSEN, H. Humor, riso e campo: reflexões da antropologia. In: Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.262.

denúncia / revolta. Outro aspecto a ter em conta é o princípio do prazer, resultante do efeito de surpreender e divertir através da palavra²⁹

Por não ter tido acesso direto à obra *Antologia do Humor Negro*, de André Breton, utilizarei as interpretações da mesma a partir da tese de doutorado de Álvaro Luna Sandoval, *Humor Negro: una aproximación estética*³⁰. Nela, segundo o autor, Breton divide o humor negro em duas temáticas: um humor voraz e outro intelectual ou universal. O que caracteriza o primeiro tipo de humor seria aquele claramente insensível com o sofrimento alheio. Cita como estereótipos mais comuns de se fazer esse tipo de humor a polícia, os militares, os fascistas, os racistas, ou seja, todos aqueles cujas características remetem a seriedade e sisudez.

Ele identifica que nos dias de hoje desde a mais tenra idade as crianças praticam esse tipo de humor, sobretudo por vias da internet, com vídeos contendo cenas de humilhação, ao que conhecemos por “bullying”. Um exemplo brasileiro pode ser visto no humor utilizado por alguns cemitérios, a exemplo do Cemitério Jardim da Ressurreição que faz piadas com os rituais de morte, como enterros, velórios e mesmo a cremação. A sua abordagem é constantemente atualizada, pois faz uso dos memes como forma de fazer rir em um momento que a muitos de nós remete a tristeza, perda e luto.

Figura 2 – Sem título



Fonte: <https://www.Facebook.com/jardimdaressurreicao/>

²⁹ CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/5991/humor-negro/>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

³⁰ SANDOVAL, Álvaro Luna. HUMOR NEGRO: una aproximación estética. Tese de Doutorado. Universidade de Chile: Santiago do Chile, 2013. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/112412/Humor%20Negro.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 dez. 2017.

A página do cemitério utiliza a imagem acima para se referir às sextas-feiras como o último dia de trabalho da semana, estando o empregado tão “acabado” quanto o falecido cujos restos mortais viraram pó e encontram-se depositados em uma urna funerária.

Não havendo maneira de dissociar a elaboração das tiras e charges dos imaginários sociais independente do suporte, parte-se do pressuposto que sempre houve, na história, a produção de humor sobre a morte sem desconsiderar, coerentemente, o contexto histórico, o gosto dos indivíduos e a tecnologia da época observadas as permanências e rupturas. Compreender o que possibilita o processo de feitura dessas imagens talvez não seja o centro de discussão dessa pesquisa, mas sim o de refletir se elas de fato expressam os imaginários sociais contemporâneos, levando-se em conta os sentimentos relativos ao medo, mas também ao destemor.

O mote desta pesquisa serão as *webtiras Dr. Pepper* e *A entediante vida de Morte Creens*, porém, foi possível perceber que não são os únicos desenhistas a tratarem dessa questão na internet. Sendo assim, faz-se importante a ampliação do leque de fontes imagéticas a fim de verificar, de modo crítico, sob quais outras perspectivas essas imagens contemplam a sociedade brasileira contemporânea no que concerne ao modo de lidar com a morte. Foi possível identificar outros cartunistas, quadrinistas e chargistas que fazem esse tipo de abordagem, mas não apenas aqui no Brasil há este tipo de produção. Em pesquisas futuras pretendo aprofundar e estender esta temática a outros países que também produzem *webtiras* e *webcomics* sobre humor e morte, pois além de enriquecer a discussão nos faz refletir sobre o trabalho do historiador que, segundo Schorske, deve sair da zona de conforto e pensar como se dá a construção do objeto em outros lugares, traçando relações e “pensando com a História”.³¹

De acordo com Magalhães, o humor assume uma função dialética ao considerar tanto o discurso transmitido pelo emissor da mensagem como o receptor, aquele que faz com que a comunicação se efetive.³² Sendo assim, as tiras, charges e cartuns aqui selecionados, levam em consideração a relação entre seus produtores e usuários. Vale ressaltar que a conexão entre ambos será explicitada apenas nas tiras *Dr. Pepper* e *A entediante vida de morte Creens* devido à possibilidade de visualização dos comentários tecidos pelos frequentadores de suas páginas nos blogs e *Facebook*. Aos demais, uma vez que suas produções se encontram espalhadas no ambiente *www*, há uma maior dificuldade em coletar tais dados.

³¹ SCHORSCKE Carl E. Pensando com a História: Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³² MAGALHÃES, Henrique. Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2006, p.9.

Ao tratar do uso de imagens, não quero com isso estabelecer uma relação comercial entre produtor e consumidor, mas de algo voltado para a possibilidade de se fazer um uso particular daquilo que se vê. Agamben³³ nos auxilia nessa reflexão na medida em que estabelece a diferença entre uso e consumo. O primeiro estaria relacionado ao ato de profanar, retirando do sagrado e dando direito ao livre uso dos homens, ou seja, conceber a toda e qualquer pessoa a possibilidade de se apropriar de temas considerados até então sagrados, a exemplo da morte.

Quando um quadrinista, chargista ou desenhista de um modo geral sente-se livre para brincar com assuntos sérios, cuja carga emocional remete em grande parte ao desconforto ou mesmo a dificuldade em se falar sobre certos assuntos com naturalidade e leveza, ele estaria deslocando algo do âmbito sagrado para o profano. Isso também é feito pelo leitor dessas imagens, sobretudo por aqueles que se identificam pela comicidade despertada por elas. Há de se considerar também em grau ocorre esta profanação, uma vez que se tratam de imagens espalhadas pela internet e cujo alcance atinge também aqueles usuários que de modo voluntário jamais acessariam esse tipo de conteúdo.

Nesse caso, entendo que os leitores dessas tiras, charges e cartuns que trazem humor sobre a morte fazem uso delas, e não o consumo. Obviamente me refiro aos que se utilizam apenas do meio virtual para rir dessas piadas e não dos que adquirem por meio da compra esses materiais. Agamben serve-se de Benjamin ao explicar

A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. Ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado.³⁴

Apesar do universo extremamente amplo, nos espaços digitais, de manifestações dos usuários, em que uma pluralidade muito grande de pessoas opina, comenta, interage, “curte” ou se expressa pelos “emojis”³⁵, ainda assim considero que seja possível observar a interpretação do uso dessas imagens que ironizam e debocham da morte. Se assumirmos que no campo das expressões artísticas tudo é representação (nada é o que é), desde um texto até uma ilustração, mais clareza teremos de que um mesmo documento pode nos propiciar inúmeras possibilidades interpretativas. Sendo assim, questionarei tais imagens a partir do meu lugar de

³³ AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007, pp.65-79.

³⁴ AGAMBEN, Giorgio. Op.cit., p.68.

³⁵ Os “emojis” são ideogramas e smileys usados em mensagens eletrônicas e páginas da web.

fala, cujo desafio consiste em pensar essas fontes a partir de “uma compreensão que vem de uma *experiência* da qual ele (o historiador do “tempo presente”) participa como todos os outros indivíduos”.³⁶

Oriento o leitor de que esta dissertação se divide em dois capítulos, informando que esta escolha traz em seu corpo a figura central das *webcomics*, enquanto as charges e os cartuns, também acessados do meio eletrônico, possuem particularidades que serão melhor explicadas no capítulo 2. Todas elas, porém, são fontes sobre as quais me debruço para refletir e levantar questões acerca da produção e do uso de um tipo de humor que não é unânime, quando do confronto entre questões tão delicadas e aparentemente dicotômicas como o humor e a morte.

O capítulo 1 trará uma discussão acerca do humor, sobretudo, dos modos e condições em que nós, no Ocidente, nos permitimos rir de contextos que remetam à morte, tema sobre o qual são suscitadas discussões quanto a ser ou não um tabu nos tempos atuais. O aporte teórico-metodológico se forma ao recorrer não apenas a história, mas a outras áreas como filosofia, antropologia, psicologia, medicina, letras, comunicação social e direito. Durante o processo de levantamento bibliográfico, por mais que buscasse centrar essas discussões no campo da história nos estudos sobre humor, riso, morte, morrer ou mesmo das imagens, inevitavelmente foi nessas áreas que tive um maior subsídio.

Será também desenvolvida uma reflexão sobre o lugar da morte nas sociedades contemporâneas, marcadas que são – ao menos em tese – pela negação da finitude dos corpos e pela secularização de todas as instâncias do social. Serão problematizadas as tiras, charges e cartuns como suportes imagéticos que insistentemente trazem o tema da morte para o convívio social cotidiano das redes da internet, atribuindo a este tema um novo sentido.

Este novo sentido pode ser percebido, segundo Walter, pela quantidade de obras abordando a temática da morte, fazendo-nos questionar se falar sobre ela seria de fato um tabu em pleno século XXI. Já o final do século XX alguns estudiosos como Joseph Jacobs e Geoffrey Gorer (1955) declaravam que o afastamento do pensamento da morte se dava por uma influência diretamente ligada à vida.³⁷ Simpson, porém, em 1979, afirmava: “A morte é um segredo muito mal guardado: um tópico tão inominável que há mais de 650 livros agora na imprensa afirmando que estamos ignorando o assunto”. Anos mais tarde, este mesmo autor nos apresentava uma lista com mais de 1.700 livros publicados sobre a morte e o morrer, nos

³⁶ AREND, Silvia M.F; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.1, n.1, jan./jun.2009. < <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705>>. Acesso em: 12 abr.2017.

³⁷ WALTER, Tony. The revival of death. USA: Routledge, 1994, pp.1-8.

fazendo refletir sobre, ao estarmos nos aproximando no final do século, estarmos presenciando o que denominou de “renascimento da morte”.

De acordo com Walter

Os anúncios de que a morte é um tabu e de que nossa sociedade nega a morte continuam, mas a morte é cada vez mais falada. Na Grã-Bretanha, a pesquisa sobre o câncer, a ajuda para crianças com leucemia e para hospícios são todos bem-sucedidos; "O processo de luto", uma frase que se refere à necessidade de enfrentar, em vez de suprimir o sofrimento, é agora linguagem comum. Jornalistas enlutados vão para a imprensa para expor seus sentimentos. O 'faça você mesmo' e os funerais humanistas estão se tornando mais populares. Histórias pessoais e emocionais sobre a morte, assassinatos e desastres, juntamente com fotografias de close-up de homens em duelo, dominam as primeiras páginas dos jornais. Até mesmo os sociólogos agora escrevem sobre o assunto. Nos EUA – supostamente ainda mais reprimidos sobre a morte do que no Reino Unido –, o dilúvio de artigos, livros, documentários televisivos é ainda maior e tem acontecido por mais tempo. E os cursos universitários de morte e morrer, praticamente desconhecidos na Grã-Bretanha, totalizavam mais de mil em 1976. Tudo isso soa como uma sociedade obcecada pela morte, não uma que a nega.³⁸

Nesse sentido, tais afirmações nos permitem entender em que sociedade vivemos para que imagens contendo humor sobre a morte sejam produzidas e consumidas, sobretudo, em um ambiente tão profuso como o da internet e que, muitas das vezes, não conseguimos exercer o controle desse tipo de visualização que se dá muitas das vezes de modo involuntário.

Devido a este bombardeio de imagens que a internet proporciona e o dinamismo desta plataforma dada a facilidade na obtenção das tiras, charges e cartuns, elas, enquanto fontes que respaldam esta pesquisa, foram coletadas nos blogs dos seus criadores a partir do mecanismo de busca do Google e pelo *Facebook*. As imagens inicialmente foram agrupadas por tipo – tira/charge/cartum – para em seguida serem organizadas por tema a fim de deixar claro para os leitores as preocupações e desafios da atualidade expressas nessas produções artísticas e que nos ajudam a pensar o nosso tempo.

As tiras de Gustavo Borges falam da morte e da vida pelo viés dos sentimentos e nem sempre recorrem ao humor, diferente das tiras de Daniel M.T, mais inclinadas ao humor negro e levantando discussões sobre acontecimentos mais atuais. Elas brincam com a morte sob as perspectivas do suicídio, violência e em alguns casos político, valendo salientar que usa o humor negro para tratar de assuntos de ordem racial e de gênero. Quanto às charges de Duke e Amarildo, compreender a sua natureza de trazer temas atuais nos permite entender quando trata

³⁸ WALTER, Tony. Op. cit., p.1.

sobre, por exemplo, da morte de alguém importante, de uma instituição, da descrença na política, de alguma situação de perigo em determinada estrada do país, etc, muito embora nem sempre recorram ao humor para tal. Os cartuns, por sua vez, extraem humor de situações cotidianas, logo, sua “validade” passa a ser maior que a da charge. Sendo assim, os cartuns de Jaguar e Nani escarnecem sobre política, violência, esportes, imprudência nas estradas, redes sociais, etc. Será possível perceber nessas imagens a composição das personagens, o modo como a morte é representada e o seu estilo.

O critério de seleção se baseou em escolher algumas tiras, charges e cartuns que me fossem confortáveis de analisar considerando leituras prévias voltadas às questões da morte e do morrer feitas ao longo da graduação em História, sobretudo as decorrentes da participação em Projeto de Iniciação Científica³⁹ e das discussões suscitadas durante o mesmo. Autores como Philippe Ariès, Edgar Morin, Tony Walter, Le Goff, José Carlos Rodrigues, Allan Kellehear, Waldomiro Vergueiro, Daniele Barbieri, Peter Burke entre outros⁴⁰, auxiliaram na leitura e interpretação dessas imagens no sentido de pensar as maneiras como a sociedade contemporânea ocidental lida com a finitude e os sentimentos decorrentes da perda e do medo da morte, sendo uma delas o humor.

No capítulo 2 abordarei a composição das *webtiras*, charges e cartuns, observando a combinação entre texto e imagem presentes nelas organizando a análise das imagens por temáticas, atendo-me a formação das personagens, dos diálogos e mensagens presentes nessas “pequenas” histórias e as possibilidades de discursos nelas contidas. Não menos importante é entender de que maneiras se dão a sua recepção considerando o meio em que são divulgadas, ponderando sobre o público a que elas se destinam e o impacto ocasionado dada a sua carga política e crítica, principalmente nas charges e cartuns que, como sabemos, refletem a visão de mundo desses chargistas, cartunistas e quadrinistas independentes.

³⁹ Durante a Graduação em História (2011-2016), fui bolsista PIBIC/APEMIG, vinculada ao projeto “Vida Urbana e Morte cristã: cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980)”.

⁴⁰ ARIÈS, Philippe. *Historia de la muerte en Occidente: De la edad media hasta nuestros días*. Barcelona: El Acantilado, 2000; MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Europa-América, 1997; WALTER, Tony. *The revival of death*. USA: Routledge, 1994; LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994; RODRIGUES, José Carlos. *O tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006; KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. São Paulo: Editora Unesp, 2016; VERGUEIRO, Waldomiro. *A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2015. BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

1 RIR DA MORTE EM QUADRINHOS

Neste capítulo abordo os processos históricos no tocante às permanências e rupturas acerca dos temas humor e morte na sociedade contemporânea e as maneiras como determinadas práticas e costumes dos sujeitos na construção da história se estabelecem ao longo de um tempo específico, ultrapassando o meramente factual. Tratar desses dois objetos, humor e morte, exige bastante cautela porque percorre dois campos que se referem aos sentimentos e subjetividade humanos, geralmente encarados como opostos. A história, sob essa perspectiva, ultrapassa perguntas como ‘o quê’, ‘quando’ e ‘por quê’, fazendo com que o historiador assuma, nas palavras de Peter Gay⁴¹, o lugar de um psicólogo amador ao refletir sobre crenças, valores e experiência dos indivíduos.

Antes de mais nada faz-se necessário situar historicamente as histórias em quadrinhos. De acordo com Veronezi,

Na primeira metade do século XX, em que a modernidade ainda era o paradigma dominante de influência, a imagem era vista com desconfiança. [...]. Com a emergência lenta, mas gradual, da pós-modernidade, a partir dos anos 1950 a desconfiança diante das imagens começou a diminuir.⁴²

No caso específico das HQ's, elas teriam surgido no contexto das 1ª e 2ª Guerras Mundiais e Fria, num período de imperialismo e falta de perspectiva por grande parte da população mundial. Esse cenário de caos foi um campo fértil para o surgimento de histórias inicialmente publicadas em jornais que, de certo modo, preenchessem os hiatos nos imaginários humanos. Essas histórias traziam nas tiras de heróis e super-heróis a personificação do bem, que combateria o mal e cessaria com as injustiças. Esses personagens representavam retidão de caráter sem qualquer possibilidade de cometerem deslizes, cujo maniqueísmo foi identificado e criticado por Nietzsche em *Ecce Homo*,⁴³ frente a uma modernidade que vinha sendo construída para preservar e reforçar rígidos valores morais.

No pós-guerra dos anos 1950, o mercado dos quadrinhos sofreu grande retração, não fazendo mais tanto sentido buscar-se por heróis que salvariam o planeta, desenhistas e roteiristas vendo-se obrigados a mudar a abordagem de suas histórias. Foi assim, segundo Veronezi, “que as histórias em quadrinhos chegaram a pós-modernidade: preparadas para a

⁴¹ GAY, Peter. Freud para historiadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

⁴² VERONEZI, Marcia. Op.cit., p.9.

⁴³ VERONEZI, Marcia. Quadrinhos na internet: abordagens e perspectivas. Porto Alegre, RS: Asterisco 2010, p.13.

explosão de imagens que iria ocorrer, especialmente nas últimas décadas do século XX”.⁴⁴ O que diferenciaria a modernidade da pós-modernidade em termos de HQ’s seria o princípio moral dos personagens. No caso específico dos heróis, a modernidade exigia padrões irretocáveis de caráter e bravura, enquanto a pós-modernidade abria espaço para figuras mais humanas, capazes de atitudes boas e ruins. Vale salientar que essa mudança nas HQ’s não foi radical, sendo possível perceber a permanência de um modelo fabular e cronológico, o que de certa forma é também uma característica pós-moderna, por congrega a mistura de vários estilos simultaneamente. Sendo assim, não teria a modernidade acabado.⁴⁵

Dado o momento em que não mais se depositava o futuro da humanidade nos super-heróis, a aproximação das HQ’s e, até mesmo, dos desenhos animados com o público passou a ser a de cultivar histórias divertidas e que proporcionassem distração.

Causa estranhamento saber que Batman se tornou um ser sinistro, que o Super-Homem morreu e depois reviveu, que o Zé Carioca não usa mais roupa de malandro, entre outras transformações. O primeiro impacto de uma leitura como essa, ou a visão de um filme como Matrix, não são fáceis para a sociedade atual, acostumada com as imagens da modernidade. [...] O que se percebe é que as narrativas heroicas praticamente perderam espaço na mídia. Enquanto nos anos 1980 as principais animações exibidas pelos programas de TV eram Comandos em Ação, Rambo, Super-Amigos, entre tramas de outros defensores da humanidade, hoje, o que existem são desenhos japoneses. [...]. Essas animações, ao invés de serem valorizadas por suas inovações, são duramente criticadas por pessoas de valores modernos, que as consideram agressivas, sem conteúdo e imorais, e que, portanto, não devem ser vistas por crianças.⁴⁶

Discordo parcialmente, entretanto, de Veronesi quanto à afirmação de que as narrativas heroicas praticamente perderam espaço na mídia. Se observarmos, nos últimos anos houve uma retomada das histórias de super-heróis, a exemplos dos personagens da Marvel Comics e Comics DC, as de maior destaque no mundo das HQ’s. Homem-Aranha, Capitão América, Mulher-Maravilha, vários dos X-men e mesmo o Superman e o Quarteto Fantástico são apenas alguns dos exemplos a serem citados, logo, servem de evidência para pensarmos a respeito da assertiva da autora.

Ainda, segundo Veronezi, há uma íntima relação entre alguns desenhos animados e as HQ’s, por se transmitir nos canais infantis o que é veiculado nas revistas, apesar de que nos quadrinhos elas acontecem com maior velocidade. Mesmo com alguns distanciamentos entre

⁴⁴ VERONEZI, M. Op. cit., p.14.

⁴⁵ HABERMAS (1990) apud Veronezi, 2010, p.15.

⁴⁶ VERONEZI, M. Op.cit., p.16.

modernidade e essa suposta pós-modernidade, não se deixou de lado o caráter atrativo das imagens. Se pensarmos que atualmente não mais se elaboram personagens de maneira tão bem estruturada, concedendo espaço para narrativas mais irreverentes e interativas, isso talvez nos ajude a entender o processo que resultou na criação e propagação de quadrinhos, charges e cartuns sobre a morte na linguagem humorística, sobretudo, se percebermos as diversas abordagens que vão do mais sensível, ou apresentando uma graça ingênua, até um tipo mais pesado, como no caso do humor politicamente incorreto, que pode conter misoginia ou racismo em seus discursos. Quanto as webcomics, essa maneira de divulgar conteúdos tiraram o monopólio até então pertencente às revistas impressas, assim como também propiciou que artistas iniciantes pudessem divulgar sua arte juntamente com outros de maior prestígio.

O artista não se vê mais obrigado a procurar aquilo que ainda não foi feito e sente-se em liberdade para voltar-se na direção ao que bem entender. Não há nem mesmo um empenho definitivo em relação a si mesmo ou sua obra: hoje faz isso, amanhã sente-se livre para fazer uma coisa bem diferente.⁴⁷

Talvez a HQ que primeiro tratou, no Brasil, sobre a morte na perspectiva do humor tenha sido a de Maurício de Souza com as histórias de Penadinho (1970), voltadas para o público infantil. Seu criador apresenta uma ceifadora de vidas que conduz as fantasminhas para o cemitério. Apesar desta missão, Dona Morte é representada a partir do imaginário ocidental: um esqueleto envolto em um capuz preto e carregando uma foice, muito embora, mesmo que esteticamente assustadora, demonstre atitudes bondosas e tolerantes ao poupar algumas pessoas do seu fim. Vale salientar que as histórias do Penadinho pertencem ao universo das HQ's impressas, conquanto seja possível encontrá-las, mesmo em uma amostragem muito pequena, disponíveis na internet.⁴⁸

⁴⁷ COELHO NETTO, T.J. *Moderno Pós Moderno*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p.122 apud VERONESI, M. *Quadrinhos da internet: abordagens e perspectivas*. Porto Alegre, RS: Editora Asterisco, 2010, p.19.

⁴⁸ Dona Morte. HQ: Antes da hora. Disponível em: <<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com.br/2014/04/dona-morte-hq-antes-da-hora.html>> Acesso em: 12 jun., 2016.

Figura 3 – “Um caso de morte” (1984)⁴⁹



Fonte: Arquivos Turma da Mônica

Melhor que especular sobre o que de fato impulsiona qualquer autor a tratar de determinados assuntos, a partir dos seus modos próprios de representação, é tentar obter do mesmo, quando possível, as respostas necessárias a fim de que não cometamos equívocos de interpretação. Quando perguntado se Penadinho reflete o que Maurício de Souza pensa sobre a morte ou o que ele gostaria que seus leitores pensassem, ele argumenta que o personagem foi criado para desmistificar os medos e pavores que cercam a infância do país de um modo geral.

Quanto ao personagem Dona Morte sugerir o que sinto a respeito do nosso final de vida, até que eu gostaria de pensar numa morte que chega com um papo, uma explicaçãozinha, uma marquinha no caderno dizendo que chegou a nossa hora. Seria mais “humano” do que acontece na real. Principalmente se soubéssemos que há vida depois da morte: no cemitério do Penadinho – uma espécie de limbo, área de espera – ou em outro sítio mais pra cima ou pra baixo (este último não desejado, lógico). Os leitores, por outro lado, devem encarar, cada um à sua maneira, nossas “brincadeiras” com a coisa séria que é a morte. É um tema, um assunto, que cada um trata ao seu jeito. A nossa

⁴⁹ “Em “Um caso de morte” - Dona Morte quebra o pé e não pode trabalhar e pede ao Penadinho para buscar o velhinho Ataulfo, causando muita confusão. Dona Morte só participa no início e no final, pois é o Penadinho quem está substituindo-a no serviço.
Disponível em: <<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/10/livro-lpm-as-melhores-historias-do-penadinho.html>>. Acesso em: 02 jun., 2017.

proposta é que a morte... ou a Dona Morte, não seja levada tão a sério... enquanto não nos encontramos com ela.⁵⁰

A resposta continua frisando que toda a sua criação artística se baseia na experiência com os seus antepassados, as histórias que ouvia quando criança e do medo que sentia ao término delas. Partindo deste exemplo, volto-me para o quadrinista independente Daniel M. T., cujas tiras do Dr. Pepper são uma dentre as fontes que embasam a reflexão do objeto desta pesquisa. No intuito de conhecer tanto o criador como as criações, foi-lhe enviada uma entrevista contendo perguntas de cunho pessoal e profissional.

Esta preocupação com a biografia dos autores justifica-se pela mesma prática empregada pela grande parte dos meus professores durante a graduação em História. É habitual que, anterior à discussão dos textos, o mesmo fizesse uma breve explanação da vida do autor e do contexto social, para que pudéssemos entender a historiografia da obra estudada. Nesse sentido, acredito que independente do suporte (literatura, obra de arte, imagens em geral) a mesma metodologia possa e deva ser aplicada para minimamente se conhecer os criadores e suas tiras, charges e cartuns, aqui interpretados como uma possibilidade interpretativa entre tantas possíveis.

Nascido em maio de 1980, Daniel M. T. diz que a primeira tirinha sua foi postada na internet em 2008, para apenas três ou quatro colegas, mas, inesperadamente, o conteúdo viralizou. A escolha do nome do personagem se deu a partir de um amigo que voltou dos Estados Unidos, elogiando um refrigerante de mesmo nome. Sempre gostou de desenhar com foco no humor, mas, por outro lado, sempre teve preguiça e por isso fez uso de bonecos palito. Abaixo, alguns dos personagens criados por Daniel M. T.:

Figura 4— Alguns personagens assassinos de Dr. Pepper



Fonte: www.drpepper.com.br

⁵⁰ Entrevista de Maurício de Souza para a PUC – Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.deusnogibi.com.br/textos-de-apoio/dona-morte/>>. Acesso em: 02 jun., 2017.

Daniel M. T. diz já ter feito alguns cursos de desenho, mas nada que influenciasse a produção do Dr. Pepper e que nunca pensou no crescimento do seu blog, nascido enquanto ele trabalhava em uma *sexshop* on-line, onde as postagens aconteciam nas horas vagas. Como já possuía um domínio na internet resolveu “lançar umas tirinhas bestas de alegre”, mandando o link do blog para alguns colegas de trabalho, porém, uma semana depois, o mesmo já apresentava lentidão em decorrência da quantidade de acessos.

Sobre a sua trajetória profissional, sempre trabalhou na área de informática como profissional de suporte técnico e *webdesigner*. Quando o blog ficou muito conhecido, convenceu seu chefe a vender camisetas do Dr. Pepper. Com o dinheiro das camisetas, propôs ao chefe a abertura de uma loja de *fundesign* em sociedade, a primeira neste segmento no Brasil, hoje um dos seus três ramos de negócio, todas online. Atualmente possui 3 lojas on-line nos ramos de *sexshop*, presentes criativos no varejo, considerando o Dr. Pepper apenas um hobby. Vez ou outra admite lançar um produto com os personagens, mas nem de longe o Dr. Pepper é sua fonte de renda principal.

O seu blog gerou um bom dinheiro de 2008 até meados de 2014, mas devido ao conteúdo “politicamente incorreto”, atualmente está banido das principais fontes de renda, como o AdSense.⁵¹ Quando perguntado sobre o tema da morte nas tirinhas, sobretudo considerando a sua jovialidade, Daniel M. T. explica não tratar apenas sobre isso, mas sobre qualquer coisa que dê vontade de fazer e falar: “o tema pode ser do mais grotesco até o mais fofo, mas se eu entender ser ‘postável’, assim o farei, apesar das constantes críticas da marchinha “nega do cabelo duro”. Quando perguntado se haveria alguma inspiração para a elaboração das histórias sobre a morte, ele respondeu não ler nada em específico, mas desde pequeno lia e gostava apenas de Turma da Mônica. Até lê algumas matérias isoladas, assiste alguns programas, mas nada frequente.

Sobre as paixões que movem quadrinistas como ele, diz achar bom saber que pelo menos uma pessoa ria de algo criado por ele, tendo no feedback dos leitores a sua principal motivação. Quando começou a desenhar e criar seu próprio material, seja impresso ou na internet, não sabia do impacto que estes desenhos iriam provocar, tanto positiva como negativamente. Quanto à periodicidade na divulgação de suas tirinhas na internet, seja em blog ou Facebook, ele estabeleceu uma regra de postar uma tirinha nova por dia útil. Durante muitos anos só quebrava

⁵¹ Segundo o site do Google, o Google AdSense é um serviço gratuito e simples com o qual os editores de websites de todos os tamanhos podem ganhar dinheiro exibindo anúncios constantemente revisados a fim de garantir qualidade e relevância do conteúdo e do público alvo. Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/9712?hl=pt-BR>>. Acesso em: 10 de dez. 2017.

o ciclo se estivesse muito doente ou algo assim, mas atualmente se dá um desconto: se estiver cansado e/ou sem criatividade não posta nada. Até meados de 2014 ganhou um bom dinheiro com o AdSense e anúncios de vários ramos, mas como os blogs apresentaram queda de audiência devido ao Facebook e Youtube, a situação mudou. Se não tivesse suas lojas, muito provavelmente teria migrado para o Youtube.

O que pretendo demonstrar entre o discurso de Maurício de Souza, embora suas obras não estejam entre as selecionadas nesta dissertação, e o de Daniel M.T. são as razões que desencadeiam a produção de suas criações de um modo geral. Nesse sentido, encontro eco na afirmação de Gombrich, para quem

[...] nenhum historiador pode ser um especialista em todas as questões. Há especialistas em porcelana chinesa, em esculturas do século XVII ou em desenhos florentinos, como Bernard Berenson. Mas como um especialista chega a suas respostas? Por comparação.⁵²

Maurício de Souza, segundo seu relato, produziu os quadrinhos do Penadinho baseando-se em experiência de vida, diferente de Daniel M. T., cujas histórias do Dr. Pepper não teriam uma razão específica para existir. Querer desqualificar uma obra em detrimento de outra, a partir dos motivos que desencadeiam uma dada criação, não proporcionaria um debate produtivo. Há de se considerar, todavia, que apesar disso, uma produção artística tem um intuito em si mesma, pois traz consigo um discurso que visa atingir um determinado público.

1.1 Suicídio

Uma categoria presente nas webtiras pesquisadas é o suicídio. Gustavo Borges e Daniel M.T apresentam abordagens distintas ao tratar deste tema. Afirmar que o suicídio é um tabu na sociedade brasileira contemporânea requer alguns cuidados para que não se criem generalizações. Recordo-me de duas ocasiões recentes ocorridas numa cidade do interior mineiro em que dois jovens, em ocasiões distintas, cometeram o suicídio. Ambos pularam de um prédio, um após uma balada com os amigos e o outro na faculdade em que estudava. No primeiro caso, as redes sociais serviram de termômetro tanto pelo ato em si como pelo fato de se tratar de pessoas jovens que, ao que entendemos, teriam um longo futuro pela frente. Por se

⁵² GOMBRICH, Ernest H. Sobre a interpretação da obra de arte: o quê, o porquê e o como. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n.13, p.11-26, dez. 2005, p.14.

tratar de uma cidade pequena e sob forte influência católica, os comentários em grande parte apresentavam grande carga religiosa, direcionando aos parentes do falecido palavras de conforto, mas também de incompreensão diante do ato do rapaz. Na segunda situação, porém, o descontrole foi maior uma vez que os frequentadores da faculdade passaram a enviar as fotos do rapaz morto pelo WhatsApp e as compartilhando no *Facebook*. Assim como havia pessoas tratando esta ação de modo natural, outras questionavam tal atitude pensando, sobretudo, nos parentes do rapaz que poderiam vir a saber do ocorrido de um modo tão brusco e inesperado.

O que pretendo demonstrar nesses dois exemplos são as atitudes diante da morte. O que para uns é natural, para outros não é, podendo inclusive se tornar motivo de piada. O humor, nesse sentido, age sob esta mesma perspectiva, nos fazendo repensar certas afirmações dadas como prontas, como por exemplo, a de falar que a morte é um tabu.

Figura 5 – Você morreria pelo seu amor?



Fonte: www.drpepper.com.br

A tirinha acima, a partir de uma situação *nonsense*, trata, à primeira vista, de uma brincadeira com a atitude estúpida do rapaz que, para provar amor à moça, dá um tiro em si mesmo. A graça reside justamente na ação sem sentido, uma vez que de nada adianta amar se não se puder ficar com o objeto do amor, neste caso, a mulher. Ela, sem imaginar que ele seria capaz de tal ato, dada a seriedade do seu semblante no último quadrinho, sugere, em tom de brincadeira, que o mesmo se mate como prova de amor, o que acarreta no desfecho trágico.

É também uma piada de humor negro por abordar de modo jocoso um tema ainda difícil de lidar em nossa sociedade: o suicídio. A jocosidade reside em banalizar um ato que, acredita-se, tende a ser premeditado ou decorrente de algum transtorno oriundo de dor e sofrimento.

Figura 6– A Entediante Vida de Morte Crens #16



Fonte: http://mortecrens.blogspot.com.br/2012_06_17_archive.html

A Entediante Vida de Morte Crens também brinca com o tema. O humor reside no descaso da personagem Morte com a vida humana, uma vez que possui uma alta demanda para providenciar ao longo do dia. A diferença entre os dois quadrinistas, nos dois exemplos apresentados, se evidencia no estilo do desenho: o primeiro colorido e o segundo em preto e branco. Outros elementos também diferem: Gustavo Borges sempre materializa a personagem morte, enquanto em Daniel M.T essa personificação nunca ocorre; uma mulher é agente motivador da morte do rapaz, diferente da segunda tira em que a morte é quem promove a ação; na primeira o suicídio se concretiza, enquanto na segunda não há um desfecho, abrindo espaço para se imaginar o final da história.

Além do suicídio, é possível discutir uma multiplicidade de outros temas correlatos presentes nas imagens, como a fragilidade dos afetos pessoais, a relação de submissão entre sujeitos, a ridicularização do amor, enfim, elementos possíveis de serem abordados a partir do momento em que os indivíduos estabelecem laços sociais, buscando darem algum sentido à vida.

Emile Durkheim, ao tratar do tema do suicídio na obra intitulada *Sobre o Suicídio*, de 1897⁵³, propõe que o suicídio é um fato social e não um ato privado, e aponta uma série de variáveis sociais que dificultam a prática do suicídio, a saber: indivíduos casados tendem a se suicidar menos que os solteiros devido a existência de um cônjuge; indivíduos com filhos também repensariam tirar a própria vida, sobretudo quando estes são economicamente dependentes; indivíduos que tem pais vivos também entrariam na mesma lógica, principalmente quando estes são os responsáveis pelo sustento da família. Estes fatores de impedimento são denominados por Durkheim de “fator protetivo da vida”. Além dessas situações, o fato de estarem inseridos no mercado de trabalho, ou mesmo frequentarem cultos religiosos, faz com

⁵³ Esta breve análise acerca da obra de Durkheim foi obtida o fragmento de uma aula do professor Clóvis de Barros Filho. “Suicídio, um fato social”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qqjlOHAjBao>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

que esses indivíduos, por vias da construção de laços sociais, sintam que a vida tenha alguma existência.

O motivo do suicídio é a tristeza, mas não uma tristeza qualquer, segundo Barros. Trata-se daquela que suscita um sentimento de não pertencimento a nada: eu não estudo, não trabalho, logo, não sou nada por que não tenho o que dizer sobre mim. Durkheim, contudo, afirma que o suicídio não se relaciona a causas econômicas, a exemplo de cidades ricas e desenvolvidas como Tóquio e Estocolmo, em que estatísticas apontam alto índices de suicídio⁵⁴. Embora a pobreza provoque tristeza, ela não determina o ato de tirar a própria vida. Esta seria uma sensação de cunho particular, de isolamento.

Hoje, o que serviria de motivação para um indivíduo alegrar-se ou entristecer-se não estaria mais nas coisas simples da vida, como contemplar uma paisagem, mas na posição social que ocupa, nas relações sociais que estabelece, na maneira como lida com as frustrações. Assim sendo, é possível entender na tira acima porque um jovem seria capaz de tirar a própria vida frente a uma situação tão banal: uma prova de amor. Este é um tipo de atitude que demonstra a frágil estabilidade emocional identificada nos jovens de hoje, a exemplo da retomada do boato sobre um jogo de nome ‘Baleia Azul’ supostamente criado em 2013 na Rússia e que teria feito vítimas de suicídio em vários países, inclusive no Brasil.⁵⁵

Quanto ao tema ‘suicídio’ ser ou não considerado um tabu na sociedade brasileira, entendo que há um desconforto em se falar sobre o assunto na sociedade brasileira atual, bastando observar as reações de surpresa que esse tipo de acontecimento provoca. Não menos impactantes também são as notícias sobre morte de um modo geral, sobretudo as que envolvem

⁵⁴ Esses índices não correspondem mais aos dias atuais e embora ainda haja suicídios houve significativa redução de casos na Suécia, estando, inclusive, abaixo da média europeia.

Suicide death rate, by age group. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&language=en&pcode=tsdph240&plugin=1>> Age-standardized suicide rates (per 100.000 population), 2015. Disponível em: http://gamapserver.who.int/gho/interactive_charts/mental_health/suicide_rates/atlas.html. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁵⁵ Embora nunca se tenha encontrado qualquer evidência de que o jogo de fato existiu, a discussão acerca do suicídio na adolescência foi retomada com força total nos últimos meses. Assim como houve uma avalanche de notícias sobre a repercussão do jogo, séries de TV também começaram a tratar sobre o tema, a exemplo de “13 Reasons Why”, transmitida pela Netflix e que recebeu inúmeras críticas quanto a abordagem do tema. Segundo matéria do jornal Huffpost, de 12/04/2017, foram elencadas seis razões para não se assistir a série, sendo algumas delas a romantização em torno do suicídio, recorrer a ele como uma alternativa aceitável em relação aos problemas pessoais e por expor o modus operandi do suicida, quase um manual de como tirar a própria vida. BARROS, Daniel Martins de. A lenda da baleia azul – ou como uma notícia falsa traduz um perigo real. 11/04/2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/a-lenda-da-baleia-azul-ou-como-uma-noticia-falsa-traduz-um-perigo-real/>>. Acesso em: 10 mai. 2017. Seis motivos para não ver “13 Reason Why”. 12/04/2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/superela/6-motivos-para-nao-ver-13-reasons-why_a_22036860/>. Acesso em: 28 mai. 2017.

peessoas jovens ou em idade ainda bastante produtiva. Nesse sentido, dadas as reações de um modo geral a morte seria um tatu, mas observada a frequência com que se fala sobre ela, não.

Tabu é um termo polinésio. É difícil para nós encontrar uma tradução para ele, desde que não possuímos mais o conceito que ele conota. [...] O significado de ‘tabu’ diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de tabu em polinésio é ‘*noa*’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’. Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições.⁵⁶

Nesse sentido, como considerar que o humor sobre a morte é um tabu se ele se manifesta através das mais variadas formas de expressão? Totem e tabu, ao tratar da primeira comunidade humana, estabelece a relação entre um pai tirano e seus filhos, considerados escravos. O pai possui poderes plenos sobre as mulheres da comunidade e os filhos, em um dado momento e por alguma razão que Freud não especifica, passam a identificar nesta uma relação de injustiça. Segundo Endo, “[...] o Complexo de Édipo já instaurado com a relação pai-filho estimula a organização dos irmãos, que ao fim se juntaram para aniquilar o elemento opressor cometendo o parricídio[...]”.⁵⁷

A partir da morte do pai os filhos passam a ter noção do poder que possuem, enxergando-se como possíveis tiranos. A fim de evitar novos abusos, passam a considerar a existência de leis que ordenem a sociedade. O tabu do incesto teria surgido a partir daí, segundo Freud, uma vez que as mulheres desse clã deixaram de ser consideradas “privilégios” de um só homem, o que abre espaço para pensarmos se outros tipos de tabu teriam se originado em decorrência dessa experiência.

Uma leitura ainda possível nesta tira refere-se ao ato ter sido reforçado por uma mulher. Considerando que vivemos em uma sociedade machista e predominantemente cristã, discursos presentes no Antigo Testamento que ajudaram na construção da imagem da mulher como sendo a causadora de grande parte dos males que os homens sofrem, surpreendentemente não soam como anacrônicos: “Mulher: anjo ou demônio?” (...) Nenhuma ferida é como a do coração, e maldade nenhuma é como a da mulher!” (...) “Qualquer maldade é um nada diante da maldade

⁵⁶ FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Vol. XIII, pp.18-19. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>>. Acesso em: 01 dez., 2017.

⁵⁷ Completando 100 anos, Totem e Tabu traz teoria sobre o surgimento das leis.

da mulher: caia sobre ela a sorte dos pecadores!” (...) “Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos”.⁵⁸

Em outras tiras de Dr. Pepper esta personagem, de nome Jurema, sempre aparece representada como alvo de chacota por ser gorda e feia. Indesejada sexualmente por outros homens, ela busca constantemente alguém que queira transar com ela. Retratada com o corpo desproporcional, Jurema possui seios enormes que saltam ao decote e sempre usa um vestido curto de cor vibrante. Nesta tira ela aparentemente teria conseguido encontrar um homem que a amasse de verdade, diferente dos outros que quando a convidam para fazer sexo sempre tiram sarro dela o final. A tragédia da tira residiria no azar de Jurema em perder justamente o único homem que a queria, e por culpa dela.

Inicialmente o que despertou o interesse em entrevistar Daniel M. T., assim como os demais quadrinistas, cartunistas e chargistas, foi o receio em cometer equívocos quanto à interpretação das imagens. Um dos momentos mais marcantes da minha Graduação em História se deu durante uma aula da disciplina História e Música, em que o professor falava sobre o uso de letras musicais como fontes no âmbito acadêmico. Sem que fosse citado o nome do pesquisador ou o título do trabalho, a discussão girava em torno de uma pesquisa cuja problemática versava sobre o processo de produção da música *Feijoadá completa* (1978), de Chico Buarque. Segundo o autor do trabalho, a canção teria sido composta por Chico a partir da conjuntura brasileira vigente que refletia as agruras do povo brasileiro diante da crise econômica que afetava as condições de vida do trabalhador. Justificativas aceitas, não fosse o resultado de uma entrevista feita com o compositor em que o mesmo teria afirmado não ter sido esta a motivação para a criação da música, mas o resultado de uma noite de bebedeira com amigos, longe das preocupações alegadas.

Sendo assim, e não sendo este fator determinante para o entendimento de qualquer produção artística, não descarto a possibilidade de interpelar o autor da obra para explicar sua criação, muito embora saibamos que a arte enquanto forma de expressão nos possibilita liberdade de entendimento. De acordo com Gombrich, citado por Lehmkuhl

Aprendemos com o autor que toda a arte e, por conseguinte, toda imagem, origina-se na mente humana, nas reações frente ao mundo, mais do que no mundo mesmo. Nenhuma imagem é, então, “verdadeira” ou “falsa”, é apenas adequada a uma cultura ou momento para expressar significados. Entender uma imagem pressupõe distintas interpretações visuais, as quais se baseiam

⁵⁸ Antigo Testamento. Eclesiástico. A preservação da identidade de um povo, capítulo 25, versículos 12, 18, 25,33. Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 1990, tradução, introdução e notas Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, pp. 856-898, p.876.

num jogo de construção e leitura entre o artista e o espectador, como por exemplo, a inexistência do “olho inocente” que, com o aparecimento das técnicas de perspectiva, no âmbito da pintura, redefiniu a percepção da realidade.⁵⁹

Talvez com imagens abstratas essa tarefa seja mais difícil, muito embora tirinhas, charges e cartuns gerem algum tipo de afobamento por parte do leitor, ao parecer de fácil entendimento. Nem sempre o humor está contido nesses tipos de imagens, o que poderia, inclusive, conduzir o leitor a interpretações equivocada e parciais. Mas se a arte permite livre interpretação, qual o critério para se definir o que é ou não uma leitura aceitável? Na outra ponta da criação está o autor que, segundo seus leitores, pode ser acusado de dar a determinados temas um tratamento simplista, superficial ou mesmo distorcido.⁶⁰

1.2 Redes sociais

Um tema também explorado nas *webtiras*, charges e cartuns são as relações humanas frente ao uso das novas tecnologias. Este é, sem dúvida, um traço bastante presente em nossa sociedade, bastando para isso fazermos uso da observação. Em grande parte das situações cotidianas a utilização dos smartphones se faz indispensável a ponto de competir em atenção com amigos e lugares.

As imagens abaixo trazem a discussão a respeito das redes sociais sob perspectivas diferentes. Gustavo Borges brinca com a insatisfação humana, vendo nela o pretexto para, de seu perfil no *Facebook*, selecionar as pessoas que poderia subtrair da vida, sem qualquer sentimento de culpa.

⁵⁹ GOMBRICH, Ernest. Meditações sobre um cavaleiro de pau, 1999 a. apud LEHMKUHL. Fazer história com imagens. In: LEHMKUHL, L; PARANHOS, K.R; PARANHOS, A. História e Imagens: textos visuais e práticas de leitura. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010, p.59.

⁶⁰ Um exemplo dessa situação pode ser observado nos quadrinhos de Maurício de Souza sobre o Mito ou Alegoria da caverna, de Platão. Na história intitulada “As sombras da vida”, o personagem Piteco ouve, no interior de uma caverna, três homens de costas para a entrada contemplando reflexos na parede vindos do lado de fora. Admirado com a ingenuidade dos três, Piteco, inicialmente debochado, os convida a conhecer o mundo exterior, a vida. Irritados, eles se negam e começam a perseguir Piteco, que os conduz, involuntariamente, para fora da caverna. Lá fora, a luz incomoda os olhos dos homens, acostumados com a escuridão. Paulatinamente conseguem abrir os olhos e constatar que Piteco dizia-lhes a verdade sobre a beleza da vida. Maurício de Souza mostra então a transição de Piteco, passando de homem da caverna, seguindo pela Idade Média, Moderna e finalmente a Contemporânea, se deparando, por fim, com a situação similar à inicial, porém, em substituição à caverna e à parede, agora apresentava em seu lugar uma sala de estar e uma televisão com homens também admirados contemplando o ‘Fantástico, o show da vida’. Disponível em: <<https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Figura 7 - A entediante Vida de Morte Creens #63



Fonte: http://mortecrens.blogspot.com.br/2013_08_25_archive.html

Percebe-se na tirinha acima a crítica a um comportamento muito comum de ser identificado nas redes sociais, um ambiente virtual que proporciona o compartilhamento de ideias e momentos íntimos que nos faz refletir sobre o uso popular de recursos eletrônicos e os problemas implícitos dessa superexposição.

É possível pensar antes de tudo que só há exposição porque há consumo. Existe do outro lado da tela dos computadores e smartphones uma plateia que acompanha os acontecimentos diários da vida das pessoas, por mais banais que eles sejam e os motivos para isso, inumeráveis. A mola propulsora desse tipo de relação age, tomando de empréstimo um termo de Bauman, dentro do que se chama de “cultura agorista”, ou seja

[...] uma retroalimentação constante de tudo o que se ‘posta’ num movimento quase frenético de publicização de cada espirro, ação e consumo de um modo geral: é exatamente por essas razões que a vida “agorista” tende a ser “apressada”. A oportunidade que cada ponto pode conter vai segui-lo até o túmulo; para aquela oportunidade única não haverá “segunda chance”.⁶¹

Utilizo-me das ideias de Bauman sobre o uso de bens para pensar os hábitos contemporâneos de exposição de situações e momentos particulares como se não os tornar públicos fizesse com que perdessem valor e a importância, o que corrobora a hipótese de que esta sociedade, com seus conflitos e desafios, encontra nas tiras eletrônicas uma chave de leitura possível sobre si mesma.

Tratemos agora das duas imagens das Figuras 7 e 8, de autores diferentes, Gustavo Borges e Amarildo, além de possuírem modalidades distintas: uma tira e a outra um cartum. Quanto ao período a que pertencem, a primeira data de agosto de 2013. A segunda, por sua vez, não foi possível estabelecer esse dado por se tratar de uma imagem que inicialmente teria sido

⁶¹ BAUMAN. Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 200, p.50.

veiculada em um jornal impresso. O fato de estar hoje disponível na internet não nos dá subsídios para afirmar quando teria sido criada ou publicada. Apesar do desconhecimento desta informação, acredito que não estejam tão afastadas no tempo por fazerem referência às redes sociais em seus conteúdos.

Na figura 7, a linha é essencialmente plana, ainda que possua em alguns locais, como na roupa da morte, densas zonas pretas que ressaltam as sombras. Na figura 8 não se diferencia muito nesses aspectos, apesar de a Figura 7 proporcionar um efeito maior de movimento e sentimentos.

Figura 8– Riscos.



Fonte: Blog do Amarildo

Ultimamente a ocorrência de acidentes envolvendo o uso de smartphones e celulares vem crescendo de maneira alarmante. São inúmeras as manchetes de jornais noticiando esses casos em que as pessoas, principalmente enquanto dirigem, registram seus autorretratos para postar na rede.

Cada momento registrado deve ser mostrado, do contrário é como se não tivesse existido. Segundo Jesus, “esse tipo de fotografia tem mudado a relação dos sujeitos com as fotos, com a noção de privacidade e, conseqüentemente, com a construção da subjetividade.”⁶² A grande questão em torno das *selfies* no contexto da charge de Amarildo é a necessidade excessiva de mostrar aos outros cada ação realizada ao longo do dia, ocasionada por uma espécie de carência incontrolável que se traduz na perda do senso de perigo.

⁶² JESUS, Paulo Henrique Martins. CLIC!: selfie e a subjetividade do instante. 2015. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Católica de Brasília, 2015, p.6.

1.3 Consumismo

O cartum da Figura 9 traz várias possibilidades de análise. O consumismo é apenas uma delas, embora outras possam também ser consideradas centrais, como detalhado a seguir.

Figura 9 – Cartum



Fonte: www.nanihumor.com

No cartum acima é possível observar elementos que refletem algumas situações presentes no mundo em que vivemos como o consumismo, a dificuldade em lidar com a morte retratada sob uma atitude perplexa da personagem, “tipicamente feminina” (seria uma representação machista em torno da imagem da mulher?) de dar chique alegando nunca ter roupas suficientes quando na verdade as tem de sobra. A morte inesperada e indesejada surge em um momento em que vítima se encontra desprevenida. Por não conceber esta possibilidade em virtude de ser ainda bem jovem, trata-se de um evento constrangedor e causador de espanto, embora natural, apesar de fazermos parte de um coletivo que lida com ela diariamente, através das notícias jornalísticas que muitas das vezes dão uma ênfase maior a mortes trágicas e violentas do que as decorrentes de causas naturais. Ao acompanharmos esse tipo de acontecimento, refletimos o nosso medo e alívio por não termos sido “a bola da vez”.

As mudanças no modo de encararmos a morte no século XX, segundo Carvalho [*apud* Sobchack], devem-se à redução dos casos de morte natural cada vez mais medicalizada e

tecnologicizada, passando da casa ao hospital.⁶³ Antes domada, ou seja, vista como natural e se dando dentro do ambiente familiar da casa, utilizando a expressão de Ariès, a morte passa a ser na contemporaneidade objeto de perplexidade para a maioria da sociedade, o que não impede que se escarneça dela em determinados momentos. Se verificarmos que a partir do século XX a morte passa a ganhar paulatinamente espaço nas mídias, de certo modo podemos entender o abandono das abordagens noticiosas sobre a morte natural, sendo substituída pelas de caráter violento e trágico. Carvalho aponta como possível causa dessa substituição o aumento da expectativa de vida em várias sociedades

[...] a morte natural vai se tornando cada vez mais distante, quando não postergada por modernos recursos médico-científicos e suas parafernalias tecnológicas e disponibilidades medicamentosas. Em tais condições a morte não costuma ser atraente para as mídias, exceção para as situações em que o seu contraponto – o prolongamento da vida – aparece como pautas muitas vezes propostas por indústrias farmacêuticas e de cosméticos interessadas em divulgar seus produtos, ou ainda na divulgação de dados estatísticos sobre o envelhecimento sempre mais tardio de certas populações.⁶⁴

Para Martins e Correia, a contemporaneidade se caracteriza pela tensão entre o “regime da palavra” e o “regime da imagem tecnológica”, significando que ‘mostrar’ exerce um impacto maior do que ‘falar sobre’, a exemplo não apenas das fotos dos jornais publicizando a morte violenta, mas também de dispositivos estéticos e técnicos como “a moda, a publicidade, o turismo, a fotografia, o cinema e a arte contemporânea”.⁶⁵

Em contrapartida, o autor salienta as contradições que essas tecnologias carregam mesmo sob a promessa de prolongamento do nosso tempo de vida dados os efeitos colaterais decorrentes do uso de medicamentos, dos cânceres oriundos do consumo de alimentos repletos

⁶³ CARVALHO, Carlos Alberto de. Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas: de que mortes tratamos? In: Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar. CECS: Portugal, 2016, pp.33-48 apud SOBCHACK. V. Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário. São Paulo: SENAC, 2005, pp. 127-157.

⁶⁴ CARVALHO, Carlos Alberto de. Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas: de que modo tratamos? In: Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar. Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2016, p.34. Neste artigo, o autor apresenta os estudos da teórica e crítica cultural Vivian Sobchack ao traçar as relações entre morte, representação e documentário cinematográfico, estabelecendo a distinção entre esta mídia e a jornalística ao identificar na primeira uma menor visibilidade das mortes naturais e não-naturais e, na segunda, um grau de abrangência tamanho ao permitir o acesso com máquinas e filmadoras os mortos em ambientes como hospitais, velórios e necrotérios. A autora utiliza fontes jornalísticas entre os anos 2013 e 2014 cujas notícias versam sobre crimes de gênero denominados “crimes de proximidade”, aqueles praticados não só por parentes, mas por pessoas em que a vítima possui relações de confiança socialmente estabelecidas.

⁶⁵ CORREIA, Maria da Luz; MARTINS, Moisés de Lemos. Pensar a morte na contemporaneidade. In: Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar. Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2016, p.7.

de agrotóxicos, dos acidentes automobilísticos, entre outros. Como dito, o visual comove mais que a palavra, mas nem sempre foi assim. Houve, certamente, uma mudança entre o valor atribuído ao ouvir e o ver. De acordo com Febvre

Hoje, dentre todos os nossos sentidos, a visão é a que mais trabalha. Por isso sentimos mais piedade dos cegos do que dos surdos. Para os homens do século XVI, entretanto, a visão não era tão fundamental como em nossas sociedades. Para eles, era a audição que tinha um papel predominante. Isso pode ser observado no extremo valor atribuído à música e à palavra oral. Vejamos um exemplo do valor da audição. O século XVI era um século de vida religiosa. Era o século da Reforma e da Contrarreforma. E qual a autoridade que os religiosos invocavam? A da palavra de Deus. Que se prestassem ouvidos à palavra de Deus. A fé é audição. Lutero dizia textualmente: somente os ouvidos são os órgãos do cristão. Assim, o homem do século XVI tinha uma extraordinária capacidade de ouvir. Por isso eram comuns as pregações religiosas que duravam horas, dirigidas a uma multidão que se acotovelava para ouvi-las. Hoje, sabemos das notícias lendo jornais, vendo televisão. Aqueles homens sabiam das notícias ouvindo-as, de boca em boca.⁶⁶

Pode-se observar na imagem de Nani uma crítica à sociedade de consumo⁶⁷ da qual fazemos parte, onde que cada vez mais desejamos possuir bens materiais desmesuradamente ao adquirirmos coisas para além do que realmente necessitamos para viver. Sobre isso, Lipovetsky lança a seguinte reflexão

Nunca fomos tão livres social e politicamente e tão submissos (ao consumismo, por exemplo); vivemos cada vez mais para o prazer e tendemos como nunca para a decepção; saímos da era da moral do sacrifício e da obrigação do dever, que valoriza a rigidez, e entramos no sacrifício pela felicidade e pelo desejo. Somos, ao mesmo tempo, uma sociedade da diferença e da indiferença.⁶⁸

⁶⁶ FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. In: Revista de História. São Paulo, EDUSP, 1950, v.I, pp.6-11.

⁶⁷ Barbosa alerta para o que caracterizaria a sociedade moderna contemporânea como uma sociedade de consumo, uma vez que os conceitos ‘cultura material’ e ‘consumo’ são questões essenciais a qualquer sociedade, embora apenas a contemporânea receba este atributo devido ao consumo estar ocupando, entre nós, um posto que ultrapassa o que de fato satisfaz as nossas necessidades materiais e de reprodução social compartilhadas por todos os grupos sociais. BARBOSA, Livia. Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Baudrillard, por sua vez, afirma que tudo o que hoje é produzido o é “em função de sua morte”, ou seja, não possui mais valor de uso e responsabiliza a publicidade por esta mudança de comportamento que vê na produção algo que naturalmente remete a felicidade, concluindo: “Todas as sociedades desperdiçaram, dilapidaram, gastaram e consumiram sempre além do estrito necessário, pela simples razão de que é o consumo do excedente e do supérfluo que tanto o indivíduo como a sociedade se sentem não só existir, mas viver.” BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2010, p.40.

⁶⁸ LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade da decepção. Barueri, SP: Manole, 2007, p.16.

A personagem feminina, apesar de possuir tantos vestidos, entende que não dispõe de roupa adequada para este grande evento ou talvez até possua, mas reage dessa maneira como forma de enganar a morte, adiando-a. Há de se observar, complementarmente, o discurso machista contido no cartum ao reforçar na figura feminina um estereótipo fútil que, ao invés de se preocupar com a possibilidade da própria finitude, volta-se exclusivamente para a aparência física. O fato de vivermos sem pensar na morte, segundo alguns autores⁶⁹, faz com que nos comportemos como imortais, segundo Freud⁷⁰ ao não admitirmos a própria morte, de tão convictos que estamos de nossa imortalidade, nos escandalizamos quando uma pessoa, singularmente uma que se encontra em idade bastante produtiva, vem a perecer.⁷¹ Na grande maioria das charges, tirinhas e cartuns disponíveis na internet, as imagens da morte são as predominantes desde a Idade Média

[...] desde a ascensão da Igreja e sua institucionalização, com o Concílio de Niceia convocado por Constantino, começamos a ver a introdução da ideia do julgamento que passa a ocorrer não mais nos finais dos tempos, mas no momento da morte e ocorre também, nesse período, a personificação da morte cuja representação foi dominante durante a Idade Média. A morte passa a ser representada nas descrições literárias e nas pinturas como uma figura desfigurada, pesada, de horror, com um significado de deterioração, sendo muito frequentemente representada por um esqueleto segurando uma foice. Daí a expressão de que a morte ceifa à maneira da colheita da época, de maneira individual ou coletiva.⁷²

Nesse sentido, a história cultural auxilia no entendimento dessa permanência em torno da representação da morte. Abre-se este precedente a partir da complexidade que o termo

⁶⁹ MORIN, Edgar. O homem diante da morte. Portugal: Europa America PT, 1988; RODRIGUES, José Carlos. Tabu da morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006; SCHUMACHER, Bernard N. Confrontos com a morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

⁷⁰ FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1915). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV.

⁷¹ Morto aos 29 anos em um acidente automobilístico em 2015, o cantor sertanejo Cristiano Araújo não era tão conhecido nacionalmente, embora arrastasse multidões em seus shows. A repercussão de sua morte causou grande comoção, inclusive internacionalmente. A mídia televisiva noticiou exaustivamente este acontecimento, enquanto a morte de outro cantor brasileiro, Cauby Peixoto, morto em 2016 aos 85 anos por pneumonia, não teve a mesma ressonância, apesar do histórico musical que reunia 60 anos de carreira. Uma crítica feita pelo apresentador Zeca Camargo, da Rede Globo, sobre o abraço coletivo orquestrado repentinamente entre diversos públicos no Brasil a respeito dessa morte provocou revolta massiva entre os fãs e mesmo entre os que passaram a conhecer o cantor a partir de sua morte. Não pretendo com esta comparação desqualificar um artista em detrimento de outro, mas refletir sobre o valor de uma vida a partir do valor de sua morte.

⁷² SANTOS, F.S.; INCONTRI, D. Perspectivas histórico-culturais da morte. p.18. Disponível em: <http://www.pampedia.com.br/abpe/Artigos%20site/ABPE_siteArtigos%20perspectivas%20morte.pdf> Acesso em: 13 jun. 2017.

‘cultura’ exige, que passou a ser utilizado cotidianamente em alguns países como Grã-Bretanha e Brasil por pessoas comuns como sendo algo relativo a coletividade ou modo de vida.⁷³

1.4. Medo da morte

Das vezes em que pergunto às pessoas se elas têm medo de morrer, para minha surpresa a maioria das respostas é sempre negativa. Logo em seguida a justificativa complementar é a de que o problema não está tanto em morrer, mas na forma de morrer. O medo em torno da morte estaria para essas pessoas mais atrelado ao sofrimento do que a finitude em si por sabermos que ela é inevitável apesar dos nossos esforços em estender a vida ao máximo.

A tirinha de Gustavo Borges, apesar desse pequeno relato, vai na contramão do que preconiza uma sociedade de consumo. A personagem de nome “Zé” teme a morte apesar de não aproveitar a vida nos moldes do que seria compreensível usufruir dela em todos os sentidos. Ele não demonstra ser uma pessoa feliz e ativa, muito pelo contrário, está sempre triste, com ar melancólico, pessimista, medroso, isolado e sem grandes projetos de vida. Na primeira vinheta ele aparece chorando, de frente a uma lápide, provavelmente lamentando a morte de um ente querido. Aparentemente depressivo, pode sofrer de algum tipo de depressão. Está sempre sozinho e desde a mais tenra idade já apresenta um medo exacerbado de contrair algum tipo de doença. De galocha e guarda-chuvas a imagem retrata uma criança prevenida, com semblante preocupado com a possibilidade de vir a adoecer ou manter contato com ambientes mais propensos a algum tipo de contágio.

A falta de anticorpos aponta para o medo doentio da personagem em adoecer, embora não fique claro na tirinha se ele morreu em decorrência de alguma enfermidade. A morte narra a história de Zé desde sua infância até a fase adulta, como se o acompanhasse desde sempre. Na quarta vinheta ela lança um riso sarcástico no canto da boca como se estivesse zombando do medo da personagem frente a algo que, independentemente da maneira como aproveitamos a vida, faz parte da condição humana. Sendo assim esta tira nos convida a pensar a maneira como vivemos, em que aquela que encerra a festa é a mesma que nos tira para dançar.

⁷³ BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000, p.233.

Figura 10 – A Entediante Vida de Morte Creens #122



Fonte: <http://mortecrens.blogspot.com.br/>

Convidando mais a reflexão, a mensagem contida na imagem da Figura 10 não necessariamente remete ao riso. A seriedade da sequência das cinco vinhetas é quebrada com a linguagem relaxada da personagem, a exemplo do termo “piripaque”. A Morte nas tiras de Gustavo Borges é sempre representada no estilo tradicional: um esqueleto vestido de roupas pretas carregando uma foice, mas sem o capuz. Nessa história a Morte critica o estilo de vida de alguns humanos, a exemplo de Zé, que por medo de morrer acabou deixando de viver.

O desenho apresenta em sua composição linhas grossas e finas, presença de preenchimento, uso do preto sólido e de sombreado. Trata-se de uma imagem informativa que, segundo Barbieri “nos proporciona uma maior possibilidade de envolvimento, que nos joga na situação com maior intensidade”.⁷⁴

⁷⁴ BARBIERI, Daniele. As linguagens dos quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017, p.36.

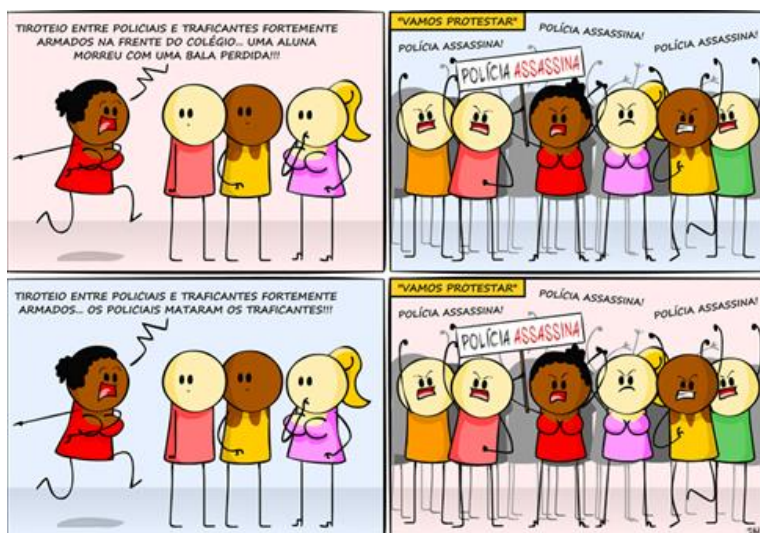
2 SOBRE O HUMOR E O RISO

Expressões como humor, riso e comédia são empregadas muitas das vezes como sinônimas, mas cada uma delas possui um significado particular. Na Antiguidade Clássica, a medicina contava quatro humores que indicavam os líquidos excretados pelo corpo responsáveis pelo estado físico e mental dos indivíduos. Outro significado da palavra diz respeito ao estado de espírito das pessoas que remetem diretamente ao fazer rir. O riso, por sua vez, possui algumas variantes: pode ser sarcástico, subversivo, escarnecedor, unir ou mesmo provocar algum mal-estar. Comédia, por sua vez, refere-se ao gênero literário, teatral e cinematográfico para fazer rir.

Por humor sarcástico podemos entender todo aquele que debocha de determinados grupos, de uma pessoa em específico ou de situações delicadas que podem causar polêmica.⁷⁵ Este tipo de humor encontra-se presente nas tiras de Dr. Pepper, que de certo modo questionam os acontecimentos do país, levantam discussões e convidam ao debate quem meramente visualiza as tiras mas, sobretudo, os frequentadores e curtidores da página por vias do blog ou do *Facebook*.

2.1 Violência

Figura 11 - Polícia assassina



Fonte: <http://blog.drpepper.com.br/?s=morrer&submit=Search>

⁷⁵ DEUTNER, Kátia. Humor sarcástico gera polêmica, mas dá audiência. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2011/08/18/humor-sarcastico-gera-polemica-mas-da-audiencia-entenda-o-motivo.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Nesta tira, Daniel M.T utiliza a sequência de quatro quadrinhos para comparar duas situações distintas. Nos dois primeiros, na parte superior, ele traz uma mulher negra que, desesperada, avisa a um grupo de outras três pessoas a respeito de um tiroteio entre policiais e traficantes na frente de uma escola e que resultou na morte de uma aluna. No quadro subsequente, uma cena de protesto popular mostra pessoas indignadas culpando a polícia por esta morte.

Nos quadros inferiores, porém, embora a cena seja composta pelas mesmas personagens, o diálogo difere. Dessa vez, os mortos decorrentes do tiroteio com policiais são os traficantes. Nas cenas, é sempre uma mulher negra que chega com a notícia do fato, denotando que pode se tratar de uma mulher que resida numa área pobre da cidade cujo índice desse tipo de crime ocorra com maior frequência. Entre os populares, seis personagens compõem a cena: a portadora da notícia, as três que conversavam quando da abordagem e mais duas que se juntaram ao ato. A sobra cinza, ao fundo da cena de protesto, indica que há uma multidão endossando a revolta da população com uma polícia que eles generalizam chamando de assassina!

Nas duas situações, a tira polemiza o modo como a sociedade percebe os policiais de um modo geral, como se eles estivessem desempenhando mal o seu papel e recebendo culpa justamente por serem truculentos em situações típicas de confronto. Na imagem, brancos e negros unem-se por uma causa comum, o combate à violência policial, como se ela afetasse a ambos da mesma forma. O quadrinista é irônico quando destaca a crítica social a uma polícia que, na verdade, salva, mas mesmo assim é repreendida quando ocorrem mortes, seja de inocentes ou de bandidos. Abaixo dela, no blog, Daniel M.T escreve: “Já passou da hora desses policiais aprenderem que só podem morrer!”.

Entre os comentários, apesar das divergências de opinião, a maioria concorda com a tirinha do autor

Figura 13 – Muito trabalho



Fonte: Blog do Amarildo.

Na imagem acima, Amarildo mostra três personagens Morte, onde duas estão bem-humoradas e a outra está claramente insatisfeita. Não há entre elas uma distinção hierárquica: trata-se da mesma personagem. Três Mortes juntas, dado o diálogo travado, indicam o índice de mortes provocadas por acidentes automobilísticos nas estradas do Espírito Santo a ponto de deixar de mal humor a encarregada das mortes nesta região. As duas que provavelmente irão ‘trabalhar’ em lugares mais calmos riem da condição da terceira.

Nesta imagem, a Morte assumiria características humanas ao demonstrar insatisfação por ser ela o alvo do constrangimento e da zombaria das colegas. Por outro lado, no que se refere à mensagem do cartum, o constrangimento poderá partir do observador que se sinta afetado, por exemplo, ao ter perdido algum ente querido na BR 101 ou em qualquer outra do país. Nesse sentido torna-se bastante delicado estabelecer os limites do humor, uma vez que nos é permitido, também, interpretar esta imagem como uma crítica às condições precárias das estradas brasileiras, haja vista a quantidade de dinheiro arrecadado no pagamento de impostos que deveriam ser revertidos na manutenção e construção de rodovias mais seguras, a ponto de não se justificar o pagamento de pedágios a empresas privadas que assumem uma função que, na opinião de parcela da sociedade, deveria ser exercida pelo Estado. Tomando este raciocínio,

a charge pode levar a pensar que o Estado relega a segundo plano as nossas vidas, deixam-nos à mercê da morte (da Morte, personagem).

Outro fato que incomoda a nossa personagem irada é o de que a obrigação do ofício lhe impõe trabalhar ao lado de um de seus “inimigos” mais poderosos no universo da cosmologia cristã, o Espírito Santo. Assim, ao brincar com os opostos da simbologia das crenças religiosas, ao fazer trocadilhos com as palavras e ironizar o sentido literal e metafórico destas, é que os discursos do humor nos colocam a pensar sobre os imaginários sociais, até mesmo aqueles separados pelas fraturas do tempo.

Figura 14— Sem título.



Fonte: Blog Viva la brasa.

Neste cartum pode-se identificar alguns elementos que permitem chegar a uma interpretação possível. Nela, o marido de uma das mulheres aponta o revólver na direção de um homem que se encontra deitado com duas moças. Ao que parece, nem mesmo o homem sabe qual delas é a casada ou o que o senhor pretende, e apesar da situação de risco em que se encontra, não demonstra qualquer reação de medo ao chamar o seu algoz de “meu chapa”.

A começar pela agressividade do senhor armado é possível perceber a presença do machismo na perspectiva da defesa da honra considerada tolerável ainda hoje pela legislação brasileira no Código Penal, Art.65, I, c: “São circunstâncias que sempre atenuam a pena: ter o agente cometido o crime sob coação a que podia resistir, ou em cumprimento de ordem de autoridade de ordem superior, ou sob a influência de violenta emoção, provocada por ato injusto da vítima”. Na imagem de Jaguar a violência é impetrada contra um homem, o que não diminui a gravidade do fato e nem exclui a possibilidade de se estender à mulher num segundo momento.

Discurso semelhante pode ser encontrado na dramaturgia, como no exemplo da novela Gabriela, de Jorge Amado. Na Ilhéus da década de 1940, o fazendeiro Jesuíno flagra a esposa na cama com o dentista Osmundo, os executando a tiros. Após o crime, vai ao bar onde todos bebem normalmente sem qualquer comoção quanto à perda da vida das vítimas. Atualmente, quase 80 anos depois, ainda vemos esse tipo de reação por parte das pessoas quando um homem comete o mesmo tipo de crime equivocadamente nomeado de passional.⁷⁷ Basta observar os comentários feitos nas redes sociais ou entre pessoas em ambientes comuns condenando a vítima e não o assassino nos crimes envolvendo infidelidade conjugal.

A ironia estaria expressa não na infidelidade em si, mas na figura do corno, alvo de chacota na sociedade brasileira, valendo salientar, segundo Possenti, que piadas sobre este estereótipo, por exemplo, não seriam objeto de riso em países como França ou Itália.⁷⁸ Quanto ao ménage contido no cartum, o fato do homem se relacionar sexualmente com duas mulheres de modo aparentemente natural talvez diga algo sobre a época em que a imagem foi criada. Embora não tenha esta informação, saber que Jaguar reagiu às pressões de um regime militar, que reprimia a liberdade do exercício da sexualidade, nos ajude a entender o contexto de criação do cartum.

Outra questão que poderia passar despercebida diz respeito a gíria “meu chapa”, presente no diálogo entre os dois homens da cena, e que teria surgido no Brasil quando um candidato merecia o voto do eleitor.

A chapa eleitoral, além de uma lista de candidatos e eleições, é a cédula que eleitor deposita na urna e que contém a lista de candidatos de um partido. Daí surgiu no Brasil a gíria de se dizer “ele é meu chapa”, quando um candidato merecia um voto, por identidade de pensamentos e ideais. Por extensão, chapa ganhou o sentido de companheiro, amigo.⁷⁹

Por ser carioca, talvez Jaguar a tenha incorporado ao diálogo por ser de uso mais frequente no Rio de Janeiro (no sentido de um linguajar mais “malandro”, estereótipo construído em torno da figura do carioca) e, em relação à época, considerando que só em 1996 foi introduzida a urna eletrônica no Brasil,⁸⁰ não saberia dizer se esta gíria teria caído em desuso, pelo menos por lá.

⁷⁷ No combate à violência contra a mulher, atualmente existem as Leis Maria da Penha (Lei nº 11.340 de agosto de 2006) e que trata do Feminicídio (nº 13.104, de 2015). Apesar dos avanços nesse sentido, o machismo presente na sociedade brasileira ainda reproduz ideias e práticas que colocam as vítimas de violência em situação vulnerável e degradante.

⁷⁸ POSSENTI, Sírio. Humor, língua e discurso. São Paulo: Contexto, 2010, p.140.

⁷⁹ PIMENTA, Reinaldo. A casa da mãe Joana. São Paulo: Elsevier, 2002, p.62.

⁸⁰ NICOLAU, Jairo. História do voto no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

Acredito ser necessário esclarecer que riso e humor não são sinônimos e, para tanto, Possenti esclarece que um conduz ao outro, ou seja, “o humor é uma das maneiras de levar o sujeito a rir”⁸¹. Há ainda outros termos que podem soar semelhantes, quando na verdade possuem suas especificidades: cômico, riso, sorriso, chiste, piada etc., mas apesar da tentativa de apresentar as diferenças, mesmo sutis, concordo com Bergson quando afirma ser a invenção cômica um problema filosófico para além de qualquer tentativa de delimitação, levantando a seguinte questão que ultrapassa os aspectos teóricos acerca da comicidade: aonde, em que lugar ela deve ser procurada? Como resposta, estabelece os seguintes pontos: 1) Só há comicidade dentro do que é exatamente *humano*; 2) o riso normalmente é acompanhado de insensibilidade e 3) a comicidade demanda uma espécie de anestesia do coração, e este sentimento, para poder existir, deve ser compartilhado entre seres capazes da mesma possibilidade.⁸²

Refletindo sobre esses três critérios apresentados por Bergson, podemos conjecturar que o riso brota a partir de situações com as quais nos identificamos. Segundo ele, uma paisagem, feia ou bonita, não nos remete ao riso. Em contrapartida, podemos rir de um animal quando ele age ou se expressa de modo que, de alguma forma, remeta ao humano. A mesma possibilidade se dá a partir dos objetos e suas formas, também criações humanas. O segundo ponto levantado pelo autor refere-se à insensibilidade que obrigatoriamente conduz ao riso. Aqui, riso e comoção não combinam.

Parece que a comicidade só poderá produzir comoção se cair sobre uma superfície d’alma serena e tranquila. A indiferença é o seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção. Não quero com isso dizer que não podemos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, por exemplo, ou mesmo afeição: é que então, por alguns instantes, será preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade.⁸³

Com algumas reservas, deve-se levar em consideração tal afirmação a partir do lugar de fala do autor, filósofo, nascido em meados do século XIX, na França. Apesar da flexibilidade que a temática proporciona à luz da filosofia, para outras áreas do conhecimento, observados o período histórico e a sociedade, rir de determinadas s?⁸⁴

⁸¹ FERNANDES, E.M.F; SOUSA, W.K.M.V. O riso como enunciado: um estudo discursivo do ato de rir. 2014, p.2 apud POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. São Paulo: Mercado das Letras, 1998, p.13. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1762.pdf>>. Acesso em: 13 fev., 2017.

⁸² BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp.1 - 2.

⁸³ Bergson, H. Op.cit., p.3.

⁸⁴ MINOIS, George. História do riso e do escárnio. Pp.15-16.

Figura 15– Sem título.



Fonte: <http://www.blogdozedefatima.com.br/2016/10/01/como-a-criminalidade-tomou-conta-do-brasil-a-pena-de-morte-seria-bem-vinda/>

A charge de Duke reproduz cenas típicas dos grandes centros urbanos brasileiros, permeados por medo, violência, assaltos, muitas vezes seguidos de morte. A crítica contida na imagem reflete o hábito de acreditarmos, muitas vezes direcionados pela mídia, que os problemas sociais de outros lugares, principalmente em países desenvolvidos, são mais graves que os nossos, quando muitas vezes são iguais ou acontecem em menor proporção.

Não saberia afirmar se em algum outro país a reação também se dá desta forma, numa tentativa involuntária de desqualificar o valor da vida humana de um determinado lugar em detrimento de outro. Utilizando um termo criado por Nelson Rodrigues, poderia chamar esse deslumbramento do brasileiro com outros países de “síndrome de vira-lata”.

Esse sentimento de dependência e vislumbre em relação à cultura do europeu e do norte-americano pode ser identificado ao olharmos, por exemplo, para o modo como aprendemos sobre a história da formação do Brasil. Na escola somos ensinados que fomos “descobertos” por Portugal sempre se destacando o pioneirismo desta e de outras nações europeias sobre suas colônias, contribuindo assim com a naturalização de comportamentos subservientes. É como se sempre tivéssemos a necessidade de ser apadrinhados e ensinados por um terceiro.

Podemos observar o modo como esse imaginário acerca do outro e de sua cultura é construído em obras como *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre ou *Raízes do*

Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. O primeiro, um clássico da sociologia brasileira, enaltece o colonizador europeu, enquanto atribui aos nativos, negros e índios, o papel de contribuidores na história da formação do Brasil. A segunda obra, por sua vez, nos conduz a imaginar como teria sido vantajoso para nós brasileiros se tivéssemos sido “conquistados” pelos espanhóis, ao invés dos portugueses, naturalizando uma relação de dependência que nos diz, de modo implícito, o quanto somos incapazes de conduzir as nossas vidas e de tomar as nossas decisões.

Nesse sentido, estas nações nos serviriam de modelo a ser desejado de tal modo que seus dilemas parecem nos tocar muito mais do que os nossos próprios. Basta observar a comoção e indignação massificadas que um massacre do porte do ocorrido há alguns dias em Las Vegas⁸⁵ deixando 59 mortos e mais de 500 feridos causa numa população cujos índices de mortes diárias por assassinato tem um saldo maior do que o exemplo citado. De acordo com matéria da Revista Exame, entre 2011 e 2015, foram registrados 278.839 assassinatos no Brasil, resultando em uma média mensal de 4.647,3 vítimas.⁸⁶ Embora notícias contendo esses dados se encontrem disponíveis na internet, a TV, por ser uma mídia de maior visibilidade, contribui com esse sentimento de solidariedade com um “outro” cujas mazelas aparentam ser mais importantes que as do seu cotidiano.

Remetendo-me à Antiguidade como ponto de partida no entendimento de como se deram as transformações em torno do riso, Cícero (106 a.C - 43 a.C), considerado um dos oradores romanos mais engraçados de sua época, tem no capítulo de seu livro *De Oratore* (Do orador) uma das principais fontes sobre o humor, reunindo escritos tanto sobre a prática do humor, enquanto manifestação pública, como também a respeito de aspectos cotidianos da alta classe romana. Em seu tratado *De officiis* (Dos deveres), Cícero abordava os limites do humor, o que seria considerado adequado e socialmente cabível, preservando os limites do respeito. De acordo com Graf,

Há mais coisas no capítulo sobre os limites da graça do tratado retórico anterior *De oratore*, e há também diferenças em relação ao trabalho ético posterior; a classificação segue mais a praticabilidade romana do que a teoria ética grega. O orador, por fim, usa o humor como um instrumento de persuasão a fim de conquistar a plateia, não de hostilizá-la. Cícero atua em dois planos, do geral para o particular. No primeiro plano, ele esboça os limites gerais do humor: a graça deve se manter distante dos grandes crimes e da

⁸⁵ Maior ataque a tiros da história dos EUA mata 59 e deixa mais de 500 feridos em Las Vegas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-investiga-relatos-de-atirador-em-casino-em-las-vegas.ghtml>>. Acesso em: 02 out. 2017.

⁸⁶ SANTOS, Bárbara Ferreira. Em 5 anos, violência no Brasil mata mais que a guerra na Síria. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/violencia-brasil-mata-mais-guerra-siria/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

grande desgraça – ambos, obviamente, questões sérias, e o orador deve tratá-los com seriedade para ser digno de crédito. Piadas sobre criminosos famosos e sobre grandes infortúnios desacreditarão quem as conta. O segundo plano se concentra em um assunto específico, a aparência corporal: “Deformidades e anomalias físicas são um grande campo para pilhérias”, diz ele – mas novamente é preciso ter cuidado para não ir longe demais, caso contrário parecerá um palhaço ou um mímico, *scurra aut mimus*.⁸⁷

Nascido em família rica de Roma, Cícero teve acesso aos estudos, tornando-se grande orador, poeta, advogado, vindo a assumir a posição de Cônsul. Bem relacionado, gozava do respeito dos cidadãos romanos, embora tivesse seus desafetos, a ponto de ser assassinado por ser considerado inimigo do Estado. Ser cidadão em Roma implicava possuir determinado status social e político, condição esta que garantia a Cícero um lugar de fala privilegiado concebido a todo aquele que, nos dias de hoje, ressalvadas as formas de comunicação e o grau de alcance dos meios de comunicação atuais, se considere investido de autoridade para falar sobre os mais variados assuntos. Cícero era um entre tantos que, a partir de seus próprios critérios, poderia determinar o que era humor e quais os seus limites. Obviamente, considerando o contexto social, rir de anomalias corporais naquele período era aceitável, posto serem tais deformidades vistas como um desvio social.⁸⁸

Hoje, porém, essa afirmação não se sustenta por sabermos que anomalias físicas possuem origem congênita ou razões as mais variadas. O que mudou, todavia, foi a postura social do olhar sobre essas pessoas que não mais permite, ou se o permite é de forma velada, rir de sua condição. Por mais que alguém julgue engraçado ver uma pessoa ou mesmo um animal não-humano sem um dos membros, certamente será censurado caso tal demonstração ocorra publicamente, a não ser que esteja dentro de um grupo que compartilhe dos mesmos códigos que ela.

Este é, pois, o terceiro ponto mencionado por Bergson quanto ao lugar onde a comicidade deve ser procurada: no estabelecimento de contato entre as inteligências. Para ele, “o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários”.⁸⁹ Isso significa dizer que uma piada pode ser engraçada para uns, mas não para outros e isso é facilmente identificável quando assistimos aos programas de humor de outro país. Ramos enfatiza a importância dos estereótipos a partir de personagens

⁸⁷ GRAF, Fritz. Cícero, Plauto e o riso romano. In: Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p.52.

⁸⁸ GRAF, Fritz. Op. Cit., p.54.

⁸⁹ BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

fixos, com atributos específicos (com pênis grande, loira, português) que fazem parte do conhecimento prévio do leitor para que o humor tenha sentido.⁹⁰

Para que a comicidade exista é preciso que nos sintamos parte de um grupo a fim de que o humor circule, saia do isolamento e repercuta de um ponto a outro. De acordo com Bergson,

Ao leitor talvez já tenha ocorrido ouvir, em viagem de trem ou à mesa de hospedarias, histórias que devam ser cômicas para os viajantes que as contavam, pois que o faziam rir com muito gosto. O leitor teria rido com eles se pertencesse à sociedade deles. Mas, não pertencendo, não tinha vontade alguma de rir. Um homem, a quem perguntaram por que não chorava num sermão em que todos derramavam muitas lágrimas, respondeu: “Não sou dessa paróquia.”⁹¹

Por outro lado, ele afirma que nem todos os efeitos cômicos podem ser traduzíveis em todos os idiomas por questões culturais. Em matéria publicada no jornal espanhol *La Vanguardia*, intitulada “El humor según cada país”, são explicitadas algumas possibilidades no entendimento quanto ao que tornaria determinadas questões motivo de humor nos países.⁹² Uma das explicações dada pelo professor e psicólogo holandês Gert Jan Hofstede é a de que o sentido do humor pode mudar de acordo com a região geográfica, embora não exista consenso entre os estudiosos do humor quanto ao conceito desta palavra ou mesmo o seu sentido, porém há uniformidade de pensamento entre eles: o humor é cultural. Para ele, os comportamentos humanos são o reflexo do tipo de humor produzido pela sociedade a partir de elementos considerados importantes por ela, ilustrando que judeus e escoceses são capazes de rir de si mesmos, enquanto os japoneses, não.

Nesse sentido, faz-se necessário entender o conceito de cultura por ele contemplar, utilizando a justificativa de Burke, quase todas as coisas que uma sociedade pode conhecer: “comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante”.⁹³

Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente [...] A história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda

⁹⁰ RAMOS, Paulo. Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011, p.46.

⁹¹ BERGSON, H. Op. Cit., p.5.

⁹² Neste artigo, o humor é analisado por estudiosos de áreas diversas como psicologia, linguística, medicina. SANDRI, Piergiorgio M. El humor según cada país. *Jornal La Vanguardia*. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/estilos-de-vida/20130816/54379403091/el-humor-segun-cada-pais.html>>. 16/08/2013. Acesso em: 05 jan., 2017.

⁹³ BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p.21.

de um século a outro, que é “construído” socialmente e, portanto, requer explicação e interpretação social e histórica.⁹⁴

Além disso, é preciso pensar o espaço geográfico dessa produção, uma vez que massificar o humor ocidental como algo homogêneo incorreria em equívoco dada a necessidade de haver um código de um grupo para que o humor se torne inteligível. Teço esta observação por perceber em algumas referências sobre riso e cultura nas idades Média e Moderna especificamente no ocidente, mas de qual país ou região, especificamente? Trato sobre o humor e a morte no Brasil a partir das tirinhas disponíveis em meio eletrônico, logo, é imprescindível salientar que a maioria das referências são europeias e abordam seus temas a partir desta perspectiva que, como se sabe, possui ainda assim países de culturas distintas⁹⁵.

Não podemos esquecer que determinadas atitudes, se identificadas como nocivas a outras pessoas, esbarram na esfera da lei. Em tempos como no de Cícero, ou mesmo mais adiante, na Idade Média, alguns comportamentos que eram naturalizados dado o contexto social, para nós atualmente seriam considerados absurdos. De acordo com Capelotti, apesar de nenhum texto constitucional garantir a existência do discurso humorístico, ele é assegurado como forma de manifestação do livre pensamento na maior parte dos países democráticos.⁹⁶ Assim com ele, caso outras liberdades que também são garantidas por lei sintam o seu direito invadido, deve haver a reparação adequada, geralmente traduzida na forma de indenização.

Embora nos dias de hoje se defenda um livre mercado de ideias, a liberdade de expressão apresenta os seus limites ao atingir um terceiro em sua integridade. Um exemplo disto aconteceu em 2010, quando o chargista Duke publicou uma charge criticando a má arbitragem do juiz de futebol Ricardo Marques Pereira, no jogo entre os times Cruzeiro e Ipatinga pelo campeonato mineiro⁹⁷. Houve vitória por parte do reclamante e o pagamento de uma

⁹⁴ BURKE, Peter. Op. cit., p.21.

⁹⁵ Pode-se observar a festa de Halloween, originária do Reino Unido vindo a ser exportada para os Estados Unidos e outros países. Conhecido como Dia das Bruxas, essa comemoração foi se modificando ao longo dos tempos, incorporando elementos dado o contexto social, como no caso do uso de doces. O Halloween representa a interseção entre vivos e mortos o que, no Brasil, é praticamente desconhecido: “[...] as crianças, portando máscaras e disfarces, monstruosos, ocupam a função de mediadoras entre os mortos e os vivos, pregando peças fantásticas ou realizando as mais diferentes travessuras se não forem atendidas com festas e guloseimas.” MACEDO, José Rivair. Riso, cultura e sociedade na Idade Média. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/Ed. Unesp, 2000. p.37. É possível observar o sentido comercial da data devido à ampla publicidade de produtos como máscaras e fantasias de monstros e bruxas cuja demanda é ditada pela indústria talvez iniciada no Brasil em decorrência do boom dos cursos de idiomas.

⁹⁶ CAPELOTTI, J.P. Ridendo Castigat Mores: tutelas reparatórias e inibitórias de manifestações humorísticas no direito civil brasileiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

⁹⁷ ORLANDO. Cartunista Duke é condenado por charge sobre má arbitragem. Disponível em: <<https://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2014/01/31/cartunista-duke-e-condenado-por-charge-sobre-ma-arbitragem/>>. Acesso em: 23 abr., 2016.

indenização no valor de R\$ 15.000,00. Quando um indivíduo se sente ofendido diretamente torna-se evidente a quem se direciona a ofensa, como o caso acima. Mas, e nos casos em que se brinca com algo subjetivo, como doenças, tragédias ou mesmo a morte? Como estabelecer, para quem produz charges, cartuns, tiras ou outro tipo de imagem, um limite (se realmente há algum) para zombar de questões que envolvam um coletivo, um grupo, um país. Piadas sobre Jesus Cristo, por exemplo, a quem caberia se sentir ofendido uma vez que o alvo do ataque não teria nomeado alguém para representá-lo na Terra? Apesar da ironia aqui utilizada, ela nos ajuda a pensar que temas universais não personificados em alguém de carne e osso dê a quem quer que seja a oportunidade de brincar com qualquer assunto, por mais polêmico que ele seja em uma dada sociedade.

Os sentimentos resultantes do humor e da morte nos despertam reações que se manifestam tanto em expressões físicas como emocionais. Vale salientar que não pretendo aqui aprofundar os aspectos biológicos desses elementos traduzidos na linguagem corporal como contidos na obra de Charles Darwin, *A expressão das emoções no homem e nos animais*, mas não pude deixar de desnaturalizar questões dadas como prontas a partir da observação de posicionamentos diferentes entre pesquisadores de áreas distintas do conhecimento, quanto à noção de morte entre seres humanos e animais. Ao dialogar com campos outros como a sociologia e a medicina, o que antes me parecia uma verdade incontestável, agora me abre um leque de possibilidades, fazendo-me repensar uma pretensão inicial de obter uma resposta absoluta para esta e outras questões.

Foi possível identificar pontos discordantes entre os discursos antropológico e médico sobre em que medida a morte pode ou não ser reconhecida não só pelos humanos, mas também pelos animais não-humanos. De acordo com Rodrigues apenas os que se reconhecem como indivíduos são capazes de se saberem mortais, logo “a consciência da morte é uma marca da humanidade”.⁹⁸ Os animais não humanos, por mais que tenham individualidade e tenham uma percepção relativa da morte, não são aptos a reconhecer nela uma perda. Eles sentem o perigo, criam mecanismos de defesa, atacam para se proteger e assim preservar e manter a sua espécie, mas são incapazes de transmitir aos membros de sua família a experiência de morte⁹⁹ ou mesmo representá-la.

⁹⁸ RODRIGUES, José Carlos. O tabu da morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 19.

⁹⁹ Voltaire pode servir como base para tal argumento quando afirmou: “A raça humana é a única que sabe que há de morrer e só o sabe pela experiência”. Apud KELLEHEAR, Allan. Uma história social do morrer. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p.29.

Em perspectiva contrária, Kellehear afirma não haver diferença entre seres humanos e animais não-humanos no que se refere ao entendimento da morte.¹⁰⁰ O autor faz críticas ao posicionamento de Norbert Elias e Ernest Becker, por defenderem em suas respectivas obras *A solidão dos moribundos* e *A negação da morte* a condição exclusiva do ser humano em ter uma consciência especial da mortalidade, fruto de uma herança proveniente muito mais do dom do desenvolvimento do ego do que por conta de uma natureza divina.¹⁰¹ Kellehear alega perceber que esses e outros autores insistem em desqualificar essa experiência da morte, do morrer e do luto entre os animais não-humanos, uma vez que estaríamos atrasados em relação a eles, se obedecida a ordem das coisas. Ele cita diversos autores e exemplos de situações que identificam nos animais a capacidade de reconhecer a morte

O famoso ecologista sul-africano Eugène Marais, autor de *The Soul of the Ape* [A alma do macaco], registra a história de uma mãe *Papio ursinus* (um babuíno) cujo filhote se feriu acidentalmente algumas semanas depois de nascer. Quando o pequeno lhe é retirado, ela dá infinitos sinais de sofrimento, inclusive gritos incessantes durante a noite. O filhote morre em tratamento e é devolvido à mãe enjaulada. Esta acolhe o pequeno cadáver com vozes carinhosas, tocando-o com as mãos e os lábios. Mas, ao perceber que está morto, perde o interesse pelo corpo, mesmo quando o retiram da jaula. A *Papio ursinus* reconheceu a morte.¹⁰²

Poderia citar inúmeros exemplos utilizados por Kellehear que sustentam o argumento de que seres humanos e animais não-humanos possuem os mesmos mecanismos no que se refere à percepção da morte: elefantes, peixes, gambás, serpentes são alguns dos animais envolvidos em situações semelhantes à descrita acima, que corroboram com a tese do autor, mas que não estão entre os objetivos desta pesquisa. Não nos interessa aqui adentrar nessas questões, mas refletir sobre as questões relativas à morte e o morrer do ponto de vista da História sempre dialogando com as discussões sobre o humor.

Entendendo o morrer como um processo que resulta na morte, “em termos biológicos, morrer dura apenas alguns segundos ou, ocasionalmente, minutos.”¹⁰³ À luz da bioética, o conceito de morte é redefinido como sendo a privação definitiva das funções cerebrais e sob esse aspecto tem havido possível consenso.¹⁰⁴ Nos dias de hoje, diferente de outros tempos, não

¹⁰⁰ KELLEHEAR, Allan. Op. cit., p.30.

¹⁰¹ KELLEHEAR, Allan. Op.cit., p.30.

¹⁰² KELLEHEAR, Allan. Op. cit., p.32.

¹⁰³ KELLEHEAR, p.15.

¹⁰⁴ SINGER, Peter. Estará doente terminal a ética do caráter sagrado da vida? In: Vida ética. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, pp. 214-232. Esta moderna definição de morte tem início no Comitê Especial da Escola de Medicina da Harvard para Exame da Definição de Morte Cerebral, em relatório publicado em agosto de 1968 no Journal of the American Medical Association, p.214.

se trata de um instante ao qual queremos presenciar. Nas palavras da médica psiquiatra Kubler-Ross em seu estudo acerca de doentes terminais

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. Às vezes, é até mesmo difícil determinar tecnicamente a hora exata em que se deu a morte. Morrer se torna um ato solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência.¹⁰⁵

Embora a autora se refira especificamente aos doentes terminais, há de se reconhecer as mudanças em relação às condições da morte e do morrer na contemporaneidade, eventos cada vez mais afastados do ambiente familiar para concretizar-se dentro do ambiente hospitalar. Essa mudança de hábitos e de mentalidades se deu e se dá de maneira gradativa dentro de um processo de longa duração, demandando bastante tempo para apresentar mudanças de comportamentos identificáveis, mas, sobretudo, que possam ser compreendidas para além do simples acontecimento e suas relações de causa e consequência.

A relação dos sujeitos com a morte é uma discussão sobre o tempo, afinal, o modo de lidar com a finitude não só do corpo, mas da alma, não é sempre a mesma e contem variedades quando olhamos para o passado e para as mais diversas civilizações, principalmente se observadas numa perspectiva cristã.¹⁰⁶ Marton explica que nas sociedades pagãs havia o relacionamento íntimo entre vida e morte de tal modo que as tumbas eram construídas próximas às casas, “isto por que o *pagus*, a terra, representava o que havia de mais sagrado por conter nela o corpo dos seus ancestrais”.¹⁰⁷ Nesse sentido, a expansão do Cristianismo inverte estes valores já que a partir do momento em que Deus confere ao homem o dom da vida, esta deve ser preservada. Neste momento, o foco passa a ser a vida e não mais a morte, tendo em Cristo aquele que nasceu da morte. Saliento que qualquer retomada ao passado, como ponto de partida sobre as mudanças e permanências em torno da morte e do morrer não implica em construir uma escrita teleológica, mas demonstrar, principalmente, as permanências, nos dias atuais, dos hábitos, práticas, rituais e crenças em questões que envolvam direta e indiretamente a morte numa perspectiva histórica.

¹⁰⁵ KUBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp.19-20.

¹⁰⁶ RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p.18.

¹⁰⁷ MARTON, Scarlett. A morte como instante de vida. Café filosófico. TV Cultura. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JbXHftyakm4>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

É possível observar ainda hoje a repulsa que muitos de nós ocidentais por vezes cultivamos em relação ao corpo morto, comportamento este também identificado na Antiguidade clássica, passando pelo medievo e modernidade. Entre os romanos buscava-se manter o distanciamento dos mortos repelindo-os para as fronteiras das cidades devido ao mau cheiro do cadáver em decomposição, mas, sobretudo, por questões sanitárias. Apesar de ter citado um tempo tão longínquo e em um espaço tão distante do nosso, é possível identificar a permanência dessa conduta na contemporaneidade. A barreira que nos impede de aproximarmos do cadáver é visível dadas as reações de medo e repugnância, tendo se tornado a partir de então depósito de bactérias, associado à decomposição.

Em contrapartida, na Grécia clássica reconhecia-se o direito à morte quando se estivesse no fim da vida, o equivalente ao que hoje denominamos eutanásia. Atualmente, porém, e embora não estejamos na Grécia, a abordagem em torno da eutanásia desperta grandes dissensos e polêmicas nos âmbitos jurídico, religioso, médico, entre outros.¹⁰⁸

Toda a reflexão sobre em que medida o humor, seus discursos e formas permitem revelar como a morte é encarada por nós ocidentais têm nessas *webcomics*, dispostas gratuitamente na internet, um dentre tantos caminhos possíveis de leitura da sociedade na qual vivemos, mesmo que ela não se dê de forma unânime. Apesar de qualquer divergência quanto ao fato de serem ou não de mau gosto, de serem ou não consideradas um tipo de arte, o fato é que elas existem e trazem consigo uma carga de significados que não podem ser simplesmente ignorados e muito menos negligenciados. Cada quadrinista, chargista e cartunista expressa a sua visão de mundo de maneira intencional, o que consequentemente nos leva a pensar que também representam uma visão de mundo coletiva, dados os aspectos culturais e de época, considerando o sentido político que cada uma dessas expressões culturais assume por possuírem características próprias a serem apresentadas nas páginas que se seguem.

¹⁰⁸ Em países como Bélgica (2002), Holanda (2002), Luxemburgo (2008), Colômbia (2015) Canadá e alguns estados dos E.U.A tal prática já está regularizada. Na Suíça não há regulamentação, porém, inexistente punição para quem ajude outrem a morrer. No Brasil, de acordo com a Art. 121 do Código Penal Brasileiro, a eutanásia é considerada crime. OLIVA, Milagros Pérez. Quem decide como devemos morrer?. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180_147265.html>. Acesso em: 18 abr., 2017.

2.2 Cenas da vida (e da morte) contemporânea na pena de Nani e Jaguar

Ernani Dias, o Nani¹⁰⁹, e Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o Jaguar, são cartunistas brasileiros nascidos nas décadas de 1950 e 1930, respectivamente. Ambos produzem, além de charges, cartuns, caricaturas, ilustrações e desenhos. Nani é mineiro de Esmeraldas, tendo iniciado sua carreira em 1971 divulgando suas charges no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte. Poucos anos depois passa a divulgar seu trabalho no *O Pasquim*, além do *Jornal da Globo* e na *MAD* brasileira. Foi ganhador de prêmio no Salão do Humor e publicou livros e revistas de conteúdo humorístico.¹¹⁰

A partir da busca no seu blog pela palavra “morte” surgiram inúmeras imagens que não necessariamente traziam em seu conteúdo o tema correspondente, o que dificultou apresentar um número exato de cartuns.¹¹¹ Pode-se observar que as publicações se iniciam pelo ano de 2009 e vão até 2017.

2.3 Política

Este é um tema recorrente nos cartuns pela natureza própria desse tipo de desenho. Embora fique mais a cargo das charges fazer críticas políticas, nem por isso aos cartuns é proibido fazer humor sobre assuntos dessa ordem.

¹⁰⁹ Ernani Diniz Lucas, o Nani, é um humorista brasileiro nascido em 1951 na cidade de Esmeraldas, MG. Entre suas produções estão charges, cartuns, tirinhas e textos humorísticos que abordam aspectos da sociedade brasileira. Já colaborou com *O Pasquim* e possui algumas obras escritas.

In: Revista Sapiens. L&PM Editores. Disponível em:

<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=549282>. Acesso em: 02 jan., 2017.

¹¹⁰ Entre os livros publicados por Nani encontram-se os seguintes títulos: *Feliz e orgulhoso*, *Envaidecido mesmo*, *Cachorro quente uivando para a lua*, *A traça de A a Z*, *Jornal do menininho* e *Se arrependimento matasse*, *Batom na cueca*, *É grave, doutor?*, *Foi bom prá você?*, *Humor politicamente incorreto* e *Orai Pornô*. Disponível em:

<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=549282>. Acesso em: 02 jan., 2017.

¹¹¹ Os cartuns de Nani estão disponibilizados no blog www.nanihumor.com (acesso em: 02 jan. 2017.), cujo conteúdo brinca com temas gerais que não se vinculam ao noticiário recente, o que faz desta a característica dos cartuns. Apesar dessa dificuldade na filtragem, é possível, por critérios associativos, buscar novos cartuns pelo sistema de marcadores no site divididos por temas como: política, corrupção, economia, Deus, ditadores, velhos, censura, etc. Nos marcadores também consta o campo ‘morte’, porém, verifiquei que outros cartuns contendo relação com a morte, por terem sido indexados com outro termo, ficam de fora do filtro.

Figura 16– Salvando Temer.



Fonte: www.nanihumor.com.br

O cartum acima encontra-se identificado no marcador ‘política’, embora seja possível observar nele a presença da comicidade sobre a morte. Na imagem, o presidente em exercício no Brasil, Michel Temer, aparece na forca numa alusão a sua possível saída do governo provocada pelo sistema de delações (representadas pela formação do nome “Temer” no jogo da forca) que deem indícios do seu envolvimento com crimes de organização criminosa e obstrução de Justiça.¹¹² Temendo (sem trocadilhos) essa possibilidade, o Baixo Clero, ou seja, aqueles deputados que possuem pouca influência na Câmara, passam a ser os que agora podem vir a livrá-lo de uma possível cassação, caso o pedido chegue até esta Casa. Em troca de apoio Temer estaria, segundo a mídia, atendendo a algumas demandas desses deputados, estas representadas na imagem pelo saco de dinheiro. Os deputados seriam assim o homem a puxar a cadeira que ocasionaria no “fim” do presidente.

A morte neste cartum aparece em sentido figurado, denotando o fim do mandato presidencial. Além do significado simbólico que a morte adquire nesta imagem, outras questões devem ser observadas a respeito das possibilidades de interpretação que ela suscita: por mais que a política brasileira tenha caído em total descrédito diante das tantas denúncias de corrupção, ocasionando a chacota das figuras públicas ligadas ao governo, espera-se que o riso se manifeste se houver, por parte do leitor, o devido entendimento do contexto de criação do cartum e o que ele pretende comunicar.

Sobre a biografia de Jaguar, nascido no Rio de Janeiro em 1932, dá início a sua carreira de cartunista em 1957. Trabalhou na revista *Manchete* e no *Jornal Última Hora*. Em 1969, cria

¹¹² Janot finaliza denúncia contra Temer e o acusa de dois crimes. Folha de São Paulo [versão on-line], 13/09/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1918309-janot-finaliza-denuncia-contra-temer-por-dois-crimes.shtml>>. Acesso em 04 out. 2017.

o jornal *O Pasquim*, em parceria com Ziraldo, Millôr Fernandes, Henfil, entre outros, tendo feito parte de uma geração de artistas gráficos que lutou contra a censura durante o regime militar. Além de cartunista foi jornalista, desenhista e ilustrador.¹¹³

O cartum da Figura 17 de autoria de Jaguar, diferente na Figura 16 de Nani, adquire um tom mais sério devido aos dados que a compõe. Nela, um cidadão brasileiro aparece acorrentado pelos pés vestindo uma bandeira do Brasil rota, numa conotação de que o país estaria aos farrapos. Pálido, com ar doente e tristonho o homem nos encara com o olhar derrotado por saber que está caminhando rumo ao abismo. Para piorar a sua situação, ele não tem outra escolha a não ser “andar para frente”. No sentido figurado, a frase está entre aspas e a imagem traduz que este “andar para frente”, embora seja o argumento de governos autoritários e elitistas para justificar retrocessos para a população, significa na verdade caminhar rumo ao abismo.

Embora o cartum não esteja datado, e este foi um dos problemas metodológicos encontrados ao lidar com esse tipo de imagem, é possível deduzir a crítica feita por Jaguar devido a sua biografia. Provavelmente este cartum tenha a intenção de retratar o período da ditadura no Brasil, que, como sabemos, apesar da grande expansão econômica do período conhecido como Milagre Econômico, foi marcado pela concentração de renda e pelo aumento da desigualdade social.

Figura 17– Sem título



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/resistencia-cultural/caricatura>

¹¹³ Biografia de Jaguar. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1734/jaguar>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

2.4 A vida cotidiana e o morrer em Duke e Amarildo

Transitando entre as charges, Duke e Amarildo produzem imagens para pensar o humor sobre a morte na contemporaneidade. Eduardo dos Reis Evangelista, o Duke, nasceu em Belo Horizonte em 1973. É formado em cinema de animação pela UFMG e publica suas charges nos jornais mineiros O Tempo e Super Notícia. Reconhece ter recebido influências da geração do jornal O Pasquim e da revista Chiclete com Banana na criação de suas charges. Duke afirma que para desenhar o chargista “tem que ir a fundo numa informação, tem que destrinchar uma informação. É uma crônica, só que desenhada. Por serem lidas por um público menor e específico. Mesmo que a pessoa não entenda ou não ache graça, ela vê a charge”.¹¹⁴

2.5. Velhice

Figura 18– Certezas da vida.



Fonte: domtotal.com.

Esta charge mostra dois homens conversando em um banco de praça. Pela cor dos cabelos, trata-se de um idoso e outro um pouco mais jovem. Um deles devaneia sobre as certezas da vida, nesses momentos em que paramos para refletir sobre o nosso passado, fazer um balanço das coisas que fizemos ao longo da nossa existência. O outro senhor, também

¹¹⁴ Entrevista concedida em 12 de setembro de 2011 ao Jornal do Humor. Entrevista: Par Duke, chargista deve ir a fundo na informação. Disponível em: <<https://ojornaldohumor.wordpress.com/2011/09/12/entrevista-para-duke-chargista-deve-ir-a-fundo-na-informacao/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

pensando nessas certezas, além da morte, demonstrar acompanhar as articulações de cunho político que estão ocorrendo no país, ao apontar um segundo fato tão certo como o primeiro: a perseguição de um juiz de direito a um ex-presidente da República, cuja popularidade e liberdade poderia vir a lhe garantir a vitória nas próximas eleições e, para tanto, deve ser impedido de atingir tal feito por não representar os interesses de uma classe que este mesmo juiz apoia, simpatiza e faz vista grossa ao agir a partir do senso de uma justiça seletiva.

Esse tipo de “texto” humorístico estabelece relações com vários tipos de acontecimentos. Segundo Foucault, a História pode definir quais acontecimentos são de curta ou curtíssima duração (os visíveis e observáveis), e de longa duração (que não são facilmente observáveis), a exemplo dos imaginários sobre a morte.¹¹⁵ As charges, nesse sentido, referem-se aos “fatos do dia” e geralmente tratam de eventos imediatos e instantâneos como retratado na charge de Duke.

Dando continuidade no universo das charges, Amarildo Lima, capixaba, trabalha há 30 anos no Jornal *A Gazeta do Espírito Santo* como chargista e editor de Ilustração.¹¹⁶ Em seu blog, *o Blog do Amarildo*, foram filtradas 60 charges pelo termo “morte” sobre diversos assuntos, entre eles os de maior incidência: política, famosos mortos, violência e meio ambiente.

Figura 19– Aposentadoria diminui



Fonte: <https://amarildocharge.wordpress.com/2014/01/06/aposentadoria-diminui/>

¹¹⁵ FOUCAULT, M. Retornar à história. In: Ditos e escritos, II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972, pp.282-295.

¹¹⁶ Fonte: Blog do Amarildo. <https://amarildocharge.wordpress.com/about/>. Acesso em: 01 jun. 2017.

Esta charge poderia ter sido incluída no tema “Política”, porém opto por fazer sua leitura a partir do tópico “velhice”. Na imagem da Figura 19, a morte ri do cidadão brasileiro que, após as reformas trabalhistas realizadas pelo governo do presidente em exercício Michel Temer, aumenta a idade na aposentadoria por tempo de serviço fazendo com que grande parte da população tenha de trabalhar até a morte. Vestido de palhaço, o homem representa os brasileiros devido a cor de sua roupa verde e amarela, cuja expressão facial demonstra tristeza por estar sendo feito de bobo.

A imagem discute as falácias que o governo vigente tem inventado para justificar o aumento do tempo de contribuição do trabalhador, sob o argumento de que a expectativa de vida do brasileiro teria aumentado. Estas mesmas falácias são o motivo que levam a morte a rir do brasileiro que não tem outra opção a não ser aceitar as novas regras impostas.

Apesar de sabermos que a expectativa de vida no Brasil tem aumentado a partir de 1940 com a incorporação das políticas de saúde pública e da medicina, se verificarmos que alguns Estados brasileiros, sobretudo os da região nordeste, ainda possuem uma expectativa baixa em relação a outros Estados, isso significa que estas pessoas deverão trabalhar até morrer. Outras questões a respeito da velhice podem ser levantadas aqui, como o esgotamento físico, fatores de ordem emocional desencadeados como depressão, falta de perspectiva, sentimento de impotência e de desvalorização, porém isso tornaria a discussão muito extensa, mas não menos necessária.

2.6 A morte nas redes sociais nos traços de Daniel M.T. e Gustavo Borges

2.6.1 Doenças terminais

Figura 20– Como você reagiria se soubesse que tem câncer?



Fonte: www.drpepper.com.br.

Esta tira do Dr. Pepper, produzida pelo quadrinista independente Daniel M.T trata de modo banal o suicídio, assim como distorce e ridiculariza a prática da eutanásia. O humor ou mesmo o espanto frente à sugestão desse médico pode estar na desconstrução do discurso médico que desde o século XIX vem se modificando. Do direito à doença a medicalização descomedida a partir do século XX¹¹⁷, nos dias de hoje, diante de tantos recursos que a medicina proporciona no que se refere ao prolongamento da vida, seria trágico, se não fosse cômico, que um médico sugerisse ao seu paciente que o mesmo tirasse a própria vida dadas as possíveis alternativas de cura.

A história do corpo no século XX é de uma medicalização sem equivalente. Ao assumir e enquadrar um sem-número de atos ordinários da vida, indo além daquilo que fora anteriormente imaginável, a assim chamada medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso em caso de doença, mas um guia de vida concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação reside no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade.¹¹⁸

Utilizando-se do humor negro, Daniel brinca com dois temas polêmicos na sociedade brasileira, sobretudo o segundo, por envolver discussões nos âmbitos médico, jurídico e religioso. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer, 8,2 milhões de pessoas morrem por ano de câncer no mundo e para 2016 estimou-se a ocorrência de mais de 596 mil casos da doença no País.¹¹⁹

Em relação ao suicídio, de acordo com o Mapa da Violência 2017, a taxa de suicídios na população de 15 a 29 anos subiu de 5,1 por 100 mil habitantes em 2002 para 5,6 em 2014, um aumento de quase 10%.¹²⁰ Tratam-se de números alarmantes, mas que em nada alteram a possibilidade de se fazer piadas sobre um assunto de natureza tão séria para nós, ocidentais.

¹¹⁷ MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001, pp. 15-82.

¹¹⁸ MOULIN, Anne Marie. Op.cit., p.15.

¹¹⁹ Números do câncer no Brasil. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/wcm/dmdc/2016/numeros-cancer-brasil.asp>>. Acesso em: 09 jan., 2016.

¹²⁰ ESCÓSSIA, Fernanda da. Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

O documentário *O riso dos outros*¹²¹ de Pedro Arantes, apresenta a visão de comediantes, atores, cartunistas, críticos literários entre outros sobre os limites do humor. Não houve consenso nas colocações, embora tenha sido dito que há diferenças entre fazer humor no teatro, na TV, no cinema, etc. Em depoimento, a cartunista Laerte afirma que o humor dialoga com o preconceito das pessoas e que para se realizar precisa falar a mesma linguagem de todos aqueles que estão ali, partilhando de conceitos.¹²² Nas *webcomics* o espaço de divulgação, por ser a internet, possibilita que qualquer pessoa tenha acesso a elas, mesmo sem desejá-lo. Até mesmo o público que curte as páginas de Daniel M.T. algumas vezes critica o teor de determinadas postagens, por achar as mesmas ofensivas e de mau gosto, embora ele já de início comunique ao leitor a partir do seguinte slogan presente em seu blog: “piadas ruins é que são boas”.

Hugo Passolo, ator e palhaço, destaca que o humorista não é responsável pelas mazelas da sociedade, pois está apenas retratando e expressando, à sua maneira, que é aquela que provoca o riso, logo, ele não poderia ser culpado por algo que acontece na sociedade.¹²³ Segundo Herzog e Bush, fazer piada sobre morte, desastres, deformidades físicas, etc. é uma forma de transgredir barreiras sociais, sendo este um gênero já conhecido e praticado que em inglês que recebe o nome de *sick humor*.¹²⁴ Para Capelotti, “dizer o indizível” se tornou mais frequente, graças à internet e ao uso e-mails, blogs e, posteriormente às redes sociais, o Twitter e Facebook.

Na contramão de Daniel T. M., outro quadrinhista que aborda o humor sobre a morte, mas utilizando minimamente o estilo do humor negro é Gustavo Borges, um gaúcho que publica suas histórias de modo independente através do Facebook, Blog e, mais recentemente, pelo Instagram. Entre suas produções encontram-se as webtiras *A entediante vida de Morte Creens* e *Edgar e 30 minutos*, além da novela gráfica *Pétalas*.

A Entediante vida de Morte Creens apresenta uma leitura da personagem Morte mais reflexiva a respeito do seu ofício, chegando a algumas vezes entrar em crise existencial frente

¹²¹ O riso dos outros. Documentário. Direção e roteiro: Pedro Arantes, Produção: Ângelo Ravazi e Ricardo Monastier. Brasil, dez, 2012, TV Câmara, São Paulo, Massa Real Filmes (52 min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zqlRD3E72sI_ Acesso em: 10 dez. 2017.

¹²² COUTINHO, Laerte. Depoimento concedido ao documentário O riso dos outros. Direção e roteiro: Pedro Arantes, Produção: Ângelo Ravazi e Ricardo Monastier. Brasil, dez, 2012, TV Câmara, São Paulo, Massa Real Filmes, (52 min.)

¹²³ PASSOLO, H. Depoimento concedido ao documentário O riso dos outros. Op. Cit.

¹²⁴ HERZOG, T; BUSH, B. A. The prediction of preference for sick humor. *Humor – International Journal of Humor Research*, v.7, n.4, p.324, 1994 apud CAPELOTTI, João Paulo. *Ridendo Castigat Mores: Tutelas reparatórias e inibitórias de manifestações humorísticas no direito civil brasileiro*. Universidade Federal do Paraná. Tese de Doutorado. Curitiba, 2016, pp.53-54.

ao trabalho de conduzir as almas dos vivos para o mundo dos mortos. Além da Morte, Gustavo Borges cria a *Entediante Família de Morte Creens*, composta por outros personagens.

2.6.2 Enganando a morte

Figura 21– A Entediante Vida de Morte Creens # 119.



Fonte: mortecrens.blogspot.com.br.

Nesta tira a Morte se mostra indignada ao ser constantemente enganada pelos vivos. Por ser atemporal, a morte admite em sua linguagem o uso do termo *bullying*, típico de nossa época. Ela demonstra entender o medo que os humanos sentem da morte, mas questiona o exagero dessa recusa em deixarmos de existir. Composta por duas vinhetas, esta tira é composta por cores escuras em que predominam o preto e o roxo, numa referência à noite. Na primeira vinheta a morte aparece ao fundo, pensativa, aparentando estar confusa por não conseguir encontrar a sua vítima, que a engana ao se esconder atrás dela. Na mesma cena a morte, com o semblante contrariado, vê a sua vítima novamente em fuga. A tira finaliza a frustração da morte na segunda vinheta ao reconhecer a astúcia dos humanos em tentar enganá-la constantemente, momento este em que o humor se apresenta.

É possível perceber no diálogo e na imagem um homem extremamente velho que ri da morte, demonstrando tê-la feita de boba incontáveis vezes. Naturalmente, por mais longevos que nos tornemos com o aumento da expectativa de vida proporcionada principalmente pelos avanços da medicina, ninguém viveria tanto tempo como o personagem bíblico Matusalém. Ainda bem que, como representado na charge de Amarildo (figura 10), a morte também tem Facebook para poder acompanhar essas novas tendências humanas.

Pensando sobre a tira e as reflexões que suscita e nos ajudam a pensar a contemporaneidade, enganamos a morte por que ela nos priva, segundo Schumacher, “dos

prazeres e dos bens da vida (como a riqueza, o poder, a amizade ou a virtude etc.).¹²⁵ Apoiando-se no pensamento grego epicurista (341 a.C) no tocante a noção de felicidade, o autor esclarece como uma das tentativas de resposta frente a pergunta *De quê a morte priva o sujeito?* a seguinte possibilidade

[...] a morte rouba do sujeito seus desejos, interesses, projetos, em outras palavras, os objetivos que ele fixou para a sua vida. “Ao atingir a plena percepção de sua própria mortalidade, a pessoa pode mergulhar num desespero, ter a impressão de que sua vida é fútil e absurda porque todos os seus desejos correm o risco de serem vazios e vãos. A morte interrompe nossos projetos. Ela nos deixa insatisfeitos e incompletos. Que sentido podemos dar à vida com a busca do prazer se a morte nos deixa sempre com aspirações não realizadas? ”.¹²⁶

Observando essa afirmação, penso em que medida a sociedade mencionada se assemelharia a nossa atual considerando a semelhança dos sentimentos decorrentes do medo da morte, o que me levaria a concluir que temer a finitude e produzir humor sobre essas questões sempre ocorreu, mudando apenas o suporte e o tipo de abordagem dado o contexto histórico e social.

Assim como a filosofia nos auxilia a entender os dilemas e desafios humanos ao longo da história, a psicanálise, através do pensamento freudiano, nos ajuda a entender determinadas reações frente a esta temática. Segundo Freud, os humanos vivem como se fossem imortais, não acreditando na possibilidade da própria morte.¹²⁷ Esta recusa da morte de si, como demonstrado na tira acima, mas também do outro, é levada ao extremo quando criamos e usamos ferramentas como as oferecidas pelas redes sociais que propõem a imortalização dos que se foram. Em um primeiro momento essas práticas que soam estranhas para alguns, para outros são naturalizadas e vistas como benéficas por permitir o aplacamento de uma dor que, não fossem esses recursos, tornariam o processo de aceitação da morte mais doloroso ou mesmo insuportável.

As novas tecnologias digitais de comunicação criam novas temporalidades e espacialidades da morte, podendo ser observadas ao se construir, segundo Ribeiro, um modo virtual de existência para aqueles que já morreram, a exemplo não só da manutenção, mas a

¹²⁵ SCHUMACHER, B. N. Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p.229.

¹²⁶ SCHUMACHER, B.N. Op.cit., p.231.

¹²⁷ FREUD, Sigmund. Sonhos com mortos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

possibilidade de “alimentação” dos perfis do Facebook.¹²⁸ Nesse sentido, o humor poderia se apresentar em duas situações: entender essas ferramentas como algo bizarro, ao propor a extensão de uma vida que materialmente não existe mais, alimentando no imaginário dos parentes e amigos dos que morreram a falsa impressão de que ainda estão vivos por manterem alguma forma de contato, mesmo que virtualmente; ou criar a possibilidade de brincar com o fato do morto estar se comunicando através de alguma dimensão transcendente que acompanhe as tendências tecnológicas do mundo terreno, a exemplo do *memé* elaborado abaixo localizado na internet através da ferramenta de busca do Google.

Figura 22– Ual, tem wifi lá partiu # inferno



Fonte: <https://aminoapps.com>

Nesta imagem a falecida aparece habitando o inferno, representado sob os símbolos das chamas do fogo e da escuridão. Este lugar que desde que inventado sempre significou lugar de sofrimento não aparenta sê-lo para a mulher retratada. Com semblante descontraído e risonho, ela se distrai manuseando um smartphone transmitindo a ideia de que estaria se comunicando com os que ficaram no plano terrestre. Para um determinado grupo não haveria razão alguma para rir desse tipo de humor negro dada a morbidez da situação, mas para outro tipo de público haveria espaço para o riso considerando a comicidade da situação. Para os religiosos ou os que creem na existência desse lugar pós-morte, a mensagem desestabiliza dogmas, escarnece da fé

¹²⁸ A rede social Facebook possibilita aos seus usuários o gerenciamento de suas contas em caso de falecimento por um terceiro a que eles denominam de contato herdeiro. A este caberia a incumbência de continuar fazendo as publicações na Linha do Tempo do falecido, respondendo, inclusive as solicitações de amizade e atualizando a foto de perfil, com as únicas restrições de publicar conteúdos ou ver as mensagens. RIBEIRO, R.R. A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói, RJ: Eduff, 2014, p.15.

alheia e brinca com os medos, causando desconforto entre os que temem duvidar dessas “verdades” historicamente construídas.

Os ambientes virtuais, nesse contexto, possuem um papel importante no surgimento de novas configurações acerca dos modos de lidar com a morte e dos sentimentos de dor e solidão nos tempos atuais ao tentar criar uma falsa sensação de que aqueles que se foram, de algum modo, permanecem próximos a nós.

A internet, hoje, talvez, possa ser essa mnemoteca. Com a “digitalização do corpo”, uma espécie de diálogo entre os grupos em torno do morto pode ser estabelecida de forma mais efetiva e interativa. Isso ocorreria por que, numa realidade marcada pela midiática das relações socioculturais, a morte não escapa à formatação midiática de sua *performance*: é necessário eternizar esse corpo, mesmo morto, e ativar relações comunicativas a seu redor a fim de conservar de alguma maneira a presença do falecido.¹²⁹

Este apego exacerbado à vida, claramente identificado nas novas relações com a morte e o morrer e também do tipo humor que brinca com esse tema nos ajuda a pensar a sociedade na qual vivemos a partir de determinados conceitos. Um deles é o de hipermodernidade, do filósofo Gilles Lipovetsky. Concordo com Mota¹³⁰ ao afirmar a impressão que temos quando vemos estudiosos utilizarem nomes diferentes para, aparentemente, tratarem do mesmo assunto, como se estivessem se apropriando de um tema antigo dando-lhe uma nova roupagem. Há vários autores que travam essa discussão, a exemplo de Lyotard (pós-modernidade), Lipovetsky e outros (hipermodernidade), Zygmunt Bauman (modernidade líquida), Jameson (modernidade “tardia”), Giddens (modernidade reflexiva).

Lipovetsky não descarta a ideia de pós-modernidade, mas considera que houve uma extensão dela a qual denomina de hipermodernidade. Surgido no final dos anos 1970 e início de 1980, o termo pretende superar o *pós*, sendo este insuficiente e vazio na explicação da sociedade atual. Segundo Lipovetsky, o prefixo *hyper* caracteriza a cultura do excesso, das mudanças em ritmo frenético. A pós-modernidade não seria, nesse sentido, suficiente para explicar e acompanhar estas transformações, uma vez que de acordo com o autor, sequer resolvemos os desafios da modernidade para darmos qualquer indicativo de que as tenhamos superado.

¹²⁹ RIBEIRO, R.R. Op.cit., p.21.

¹³⁰ MOTA, L. A. Os tempos hipermodernos, de Gilles Lipovetsky (Resenha). Revista de Ciências Sociais, v.35, n.2, 2004, p.137. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10261/1/2004_art_lamota.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2018.

Sendo as características da hipermodernidade as ligeiras experiências, a rápida expansão da comunicação de massa, o aumento do hedonismo particular, o culto ao presente, “[...] de uma temporalidade social inédita, marcada pela primazia do aqui-agora”.¹³¹

“[...] o que define a hipermodernidade não é exclusivamente a autocrítica dos saberes e das instituições modernas; é também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente. Não apenas a desconstrução das tradições, mas o reemprego delas sem imposição institucional, o eterno rearranjar delas conforme o princípio da soberania individual.”¹³²

Estas particularidades levantadas por Lipovetsky como sendo próprias do nosso tempo podem ser identificadas nos comportamentos e práticas sociais quanto ao modo como lidamos com a morte, o morrer e a elaboração do humor sobre este assunto que, para alguns autores, ainda é considerado um tabu. De acordo com a entrevista feita com o criador das tiras do Dr. Pepper, foi possível observar que não há uma preocupação mais elaborada ou sistematizada das histórias que cria e propaga nas redes, até mesmo pelo caráter efêmero e transitório que a internet possui, o mesmo podendo se aplicar a quaisquer tipos de expressão artística fluindo na www. Qualquer pessoa pode hoje disponibilizar qualquer tipo de conteúdo gratuitamente e sem nenhum tipo de filtro ou que exija certos padrões estéticos do que seria, para entendedores dos mais variados assuntos, um produto de “qualidade”, possibilidade esta que contém pontos positivos e negativos. Discursos de ódio, piadas de mal gosto, música de má qualidade, material intelectual frágil mesmo que de origem acadêmica, enfim, critérios à parte, o fato é que estão a nosso alcance e visualmente fáceis mesmo que não tenhamos escolhido acessá-los.

A mesma transitoriedade se aplica às relações humanas para com as práticas relativas à morte e o morrer na contemporaneidade. Como já mencionado, o exemplo do contato herdeiro do Facebook serve como exemplo para entendermos esse apego exagerado ao presente apontado por Lipovetsky, a ponto de não conseguirmos mais lidar com a ausência de um ente querido, de não o deixar ir. Entretanto, essa alternativa pode ser considerada positiva por auxiliar nos modos de lidar com a dor e a saudade, logo, entendo que essa hipermodernidade categorizada por Lipovetsky não deva ser encarada de maneira radical como algo positivo ou negativo.

Feitas as devidas considerações acerca do que seria essa hipermodernidade, o próximo capítulo nos ajudará a refletir em que medida as tiras, charges e cartuns do meio eletrônico nos

¹³¹ LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.51.

¹³² LIPOVETSKY, G. Op. cit., p.98.

servem de parâmetro para entender os discursos sobre a finitude e as “maneiras de sentir e pensar”¹³³ a morte na sociedade contemporânea.

Apesar desta seção estar reservada as tiras de Gustavo Borges e Daniel M.T, optei por dar sequência a discussão inserindo e comentando um cartum do Nani por tratar, assim como as Figuras 20 e 21, da temática ‘enganando a morte’. A Figura 23 nos mostra uma criança fugindo da morte, porém, levando consigo a foice. Sendo ela a ferramenta de trabalho da morte, esta seria uma forma encontrada pelo menino de evitar que a mesma continuasse exercendo o seu ofício, matar. Sobre isso, Wolff lança reflexões que nos ajudam a pensar as atitudes diante da morte considerando o estágio de vida dos sujeitos.

Figura 23- Cartum



Fonte: <http://www.nanihumor.com/2014/02/>

Sobre a criança, Wolff afirma que ela pensa mais na morte dos outros e muito raramente na sua, talvez motivada pelo sentimento de perda e desamparo por reconhecer não estar apta a garantir a própria manutenção. O que faria uma criança pensar mais na morte do que um adulto ou mesmo um idoso seria o fato de a criança estar mais próxima da *ideia* de morte.

Para o idoso, a morte já é uma velha ideia que nada mais tem a lhe ensinar, é uma velha companheira com a qual ele já está bem acostumado. Para a criança morrer está longe, mas a ideia está próxima e um dia ela descobre de modo assustador e desconfortável. Já que ela aprende no exercício da razão que morrerá, que morrerá um dia, que morrerá necessariamente. É uma ideia nova para ela, e pela qual ela se transforma em adulto. Ela para de viver na despreocupação do momento, de um momento sem dimensão, sem passado nem futuro; ela começa a existir, que dizer, ela começa a tomar consciência de ser, mas um ser precário e frágil, que ela não sabe de onde veio, que um dia

¹³³ Marc Bloch nos convida a pensar que, para entendermos uma dada sociedade, é preciso conhecermos suas práticas e hábitos relativos a religião, saúde, higiene, linguagem, a noção de tempo, entre outros aspectos. BLOCH, Marc. Maneiras de sentir e pensar. In: A sociedade feudal. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.

lhe será retirado. Ela começa a pensar: “eu”. E pensar “eu” é pensar “eu sou”, “eu sou hoje”, “eu sou de maneira acidental, temporal, contingente, incerta”, o que quer dizer: “eu não estive sempre, houve um mundo antes de mim, haverá um mundo depois. Um dia eu não estarei mais, um dia morrerei”. E essa consciência repentina, essa nova ideia, esse novo medo, o medo da morte, de sua própria morte, torna-a provavelmente mais fraca “por se saber mortal” uma vez que, em sua despreocupação de criança, ela se acha invencível, protegida por toda a eternidade, de todos os perigos, protegida por sua mãe, por seu pai; mas ao mesmo tempo esse medo a deixa mais forte, faz com que se torne adulta, consciente de si mesma.¹³⁴

Feitas as devidas considerações para além das imagens, as possibilidades de mensagens nelas contidas, faz-se necessário nesse momento finalizar este capítulo fornecendo informações de ordem mais técnica sobre as charges e os cartuns. Assim como os quadrinhos, e nesse caso refiro-me às *webtiras*, as outras duas formas podem ser consideradas ilustrações. De acordo com Barbieri

Na verdade, mais do que falar das semelhanças, seria melhor destacar as diferenças entre quadrinhos e ilustração. Apesar de essas diferenças serem evidentes, as semelhanças se encontram num nível tão básico que nem sempre é fácil distinguir uma vinheta (separada do contexto e sem o balão) de uma ilustração.¹³⁵

Enquanto a imagem dos quadrinhos é uma imagem de ação, a ilustrativa apesar de poder sê-lo não possui em sua natureza essa obrigatoriedade. As ilustrações são, nesse sentido, mais descritivas que narrativas, dando maior ênfase ao enquadramento, favorecendo uma visão mais geral, rica e informativa. Diferente disso, os quadrinhos precisam ser concisos em suas vinhetas já que possuem outras nas quais podem se apoiar a fim de mostrar os detalhes.¹³⁶

¹³⁴ WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto (Org). Ensaio sobre o medo. São Paulo: Edições Senac, 2007, p.18.

¹³⁵ BARBIERI, D. As linguagens dos quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017, p.27.

¹³⁶ BARBIERI, D. Op. cit., p.28.

3 IMAGEM E HISTÓRIA: PENSAR O CONTEMPORÂNEO

Iniciaremos nossas reflexões sobre o que consideramos ser mais importante: conceituar o termo imagem, a partir de uma perspectiva que a toma como sendo tudo aquilo que “comunica e transmite mensagens”¹³⁷, assim como verificar em que medida elas representam uma dada realidade. Em contrapartida, Maffesoli afirma não ser a imagem sinônimo de representação, mas um fator de agregação que permite perceber o mundo.¹³⁸ Assim como considero necessário buscar uma compreensão das mensagens que estas imagens trazem consigo, não menos importante é lê-las e destrinchá-las a partir do que mostram, seus aspectos visuais e suas características ilustrativas.

O termo *imagem* possui diversos usos e significados, o que dificulta defini-lo de modo a reunir todas as suas aplicações. Apesar disso, é algo que conseguimos compreender com relativa facilidade, mesmo que, por vezes, não se traduza em algo pré-definido, visível, concreto.¹³⁹ Pensar a imagem em termos contemporâneos

[...] remete, na maioria das vezes, à imagem da mídia. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que se critica e que, ao mesmo tempo, faz parte da vida cotidiana de todos, é a imagem da mídia. Anunciada, comentada, adulada ou vilipendiada pela própria mídia, a “imagem” torna-se então sinônimo de televisão e publicidade.¹⁴⁰

A autora afirma ser esta uma definição específica das imagens veiculadas na televisão, revistas e rádio, mas, em se tratando das imagens disponíveis na internet caberia uma reflexão diferente? Se pensarmos que a publicidade transmitida pela televisão, cinema, rádio ou revista possui uma engrenagem mercadológica e financeira, dado o envolvimento de patrocinadores e empresários que aguardam um retorno do que foi investido, no caso das imagens disseminadas na internet não necessariamente há esta preocupação. Se considerarmos a televisão como meio e a publicidade como conteúdo, tem-se nesta última uma comunicação particular, que adquire corpo nos suportes já mencionados, assim como também observada a característica da repetição. Vale salientar que a publicidade não abarca toda a televisão (ou o contrário), mas uma autopromoção a partir da informação ou mesmo da ficção. Feitas essas considerações, o

¹³⁷ JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papirus editora, 1996, p.19.

¹³⁸ MAFESSOLI, Michel. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1995, p.35 apud VERONEZI, Márcia. Quadrinhos na internet: abordagens e perspectivas. Porto Alegre: Editora Asterisco, 2010, p.9.

¹³⁹ JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papirus editora, 1996, p.13.

¹⁴⁰ JOLY, Martine. Op. cit., p.14.

que diferiria a publicidade da televisão, rádio, cinema e afins da publicidade das *webtiras*, charges e cartuns seria o caráter repetitivo, onde as primeiras se fixariam melhor na memória do espectador.¹⁴¹

Outro dado importante a considerar, de acordo com Joly, diz respeito a confusão entre imagem fixa e imagem animada, nos levando a incorrer no equívoco de considerar imagens contemporâneas apenas aquelas oriundas da TV ou vídeo, excluindo ou esquecendo outras expressões visuais também consideradas imagens, como a fotografia, a pintura, o desenho, a gravura, a litografia, e mesmo as charges, os cartuns, as tiras e os quadrinhos.

Considerar que com a televisão se passou da “era da arte à da visualização”, pretende excluir a experiência, real, da contemplação das imagens. Contemplação das imagens fixas da mídia, como os cartazes, as publicidades impressas, mas também as fotografias da imprensa; contemplação da pintura, das obras e de todas as criações visuais possíveis, como retrospectivas de todos os tipos, permitidas precisamente pela tecnologia e pelas infraestruturas contemporâneas. Essa contemplação descansa da animação permanente da tela de TV e permite uma abordagem mais refletida e mais sensível de qualquer obra visual.¹⁴²

A ideia que fazemos da imagem hoje remete a outros tempos bem anteriores à televisão e à publicidade. Imagem compreende movimento, entretenimento, sabedoria, religião, semelhança linguagem... A começar pela arte rupestre, uma forma de comunicação cuja intenção era transmitir mensagens quando não havia a escrita nos moldes que a conhecemos hoje. As imagens também fazem parte do mundo religioso, uma vez que era proibido pelas religiões monoteístas a adoração a outros deuses, ao que denominamos de iconoclastia.¹⁴³ Remetendo a Antiguidade, a Alegoria da Caverna¹⁴⁴, mas não só ela, já trazia essa discussão em torno da ideia do mundo se formar a partir de reflexos que não necessariamente correspondem ao “real”: “visualmente imitadora, a imagem pode enganar ou educar.”¹⁴⁵

A nossa maneira de ver e interpretar as coisas está cada vez mais condicionada ao uso das imagens. Uma vez que até os fatos corriqueiros do nosso cotidiano precisam ser mostrados, como se o ato de não o fazer não significasse que de fato existiu ou adquiriu relevância, tem-se

¹⁴¹ JOLY, M. Op. Cit., p.15.

¹⁴² JOLY, M. Op. Cit., p.16.

¹⁴³ JOLY, M. Op. Cit., p.18.

¹⁴⁴ O Mito da caverna ou Alegoria da caverna, de Platão, encontra-se no livro VII da obra “A República”, e trata, entre outras coisas, do aprisionamento dos homens ao mundo das aparências. Caberia, portanto, ao filósofo desfazer essas amarras nas quais estamos enredados.

¹⁴⁵ JOLY, M. Op. Cit., p.19.

a impressão de que há um desejo de participar dos eventos e situações¹⁴⁶, a exemplo das *selfies*, assunto já mencionado na charge de Amarildo (figura 10). Até algum tempo não havia essa facilidade de aceitação das imagens. Na modernidade as imagens de ficção eram tratadas com acentuada rigidez por precisarem parecer as mais reais possíveis. Apesar da nova aparência, os valores morais e religiosos ainda faziam parte da mensagem a ser transmitida, sem necessariamente apresentar algo novo.

Com o surgimento lento e gradual da pós-modernidade a partir dos idos de 1950 a insegurança em relação às imagens foi aos poucos se reduzindo. A partir do movimento *hippie* dos anos 1970, as imagens começaram a ser entendidas mais como cópias malfeitas da realidade do que “realidades produzidas”. Com o passar do tempo, dadas as abordagens jornalísticas em tempo real, o espectador assume um status de testemunha observadora dos acontecimentos.¹⁴⁷

No tempo pós-industrial, o visual, o estético, se comporta como um fator capaz de provocar a união entre cada pessoa e o mundo que a rodeia. Seria uma falácia, contudo, dizer que se vive atualmente na “era das imagens”, visto que a sociedade é bombardeada por elas desde que o homem deixou de ser macaco e se tornou, na Pré-História, um primata diferente, pensante, capaz de estabelecer uma linguagem para se comunicar. Uma das primeiras formas de linguagem, talvez até mesmo anterior à fala, foi o desenho. Através das figuras esboçadas em cavernas o homem descobriu que podia representar as coisas, trazer para elas outras formas simbólicas, que não fossem as próprias, mas algo que pudesse ser interpretado pelos outros como tal.¹⁴⁸

Há, porém, uma visão contrária sobre o entendimento das imagens nos movimentos de contracultura dos anos 1970, sobretudo se observarmos a influência do surrealismo, cuja base fora a psicanálise freudiana com abordagem nos sonhos, explorando o subconsciente nas suas criações, além do Movimento Psicodélico dos anos 1960, nos EUA, refletido nos cartazes de bandas e capas de álbuns.¹⁴⁹

No Renascimento, a arte ainda não era objeto de atenção do historiador¹⁵⁰. Segundo Burke a literatura detinha um maior status, logo, os eruditos nem sempre levavam os pintores a

¹⁴⁶ VERONEZI, Cláudia. Quadrinhos da internet: abordagens e perspectivas. Porto Alegre, RS: Editora Asterisco, 2010, p.9.

¹⁴⁷ VERONEZI, M. Op. Cit., p.10.

¹⁴⁸ VERONEZI, M. Op. Cit., p.10.

¹⁴⁹ LOBO. Movimento psicodélico dos anos 60. 15 fev., 2017. Disponível em: <<http://lobopopart.com.br/movimento-psicodelico-dos-anos-60/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

¹⁵⁰ Pode-se identificar um equívoco na afirmação de Burke ao não mencionar a existência do pintor escultor e historiador do século XVI, Giorgio Vasari. De acordo com GOMES JR., “O processo pelo qual as artes do desenho ganharam o estatuto de Artes Liberais é bem conhecido no que diz respeito à Itália, e foi parcialmente decidido na Florença de meados do século XVI pelo duplo esforço de Vasari, que deu à sua cidade e à arte italiana duas contribuições inestimáveis: a publicação de *Le vite de più eccellenti pittori, scultori et architettori* (1550/1567) e a fundação da Accademia del Disegno, em 1563; instituição pioneira

sério, “ao mesmo tempo que faltava aos pintores aquela preparação necessária à pesquisa histórica.”¹⁵¹ Por outro lado, Fabris afirma que o interesse pelo visual no mundo contemporâneo advém do Renascimento, uma vez que nesse período a imagem não se caracterizava apenas como uma ação artística, mas fruto de um cruzamento entre arte e ciência. Ainda segundo a autora, tal perspectiva ultrapassava o simples uso de leis geométricas e matemáticas por tratar-se de um modelo cuja organização e racionalização primava por relações hierárquicas, cujo arcabouço sinalizava um ponto de vista específico apoiado num entendimento divino de um sujeito que tudo sabe, vê e determina.¹⁵²

A visualidade que o artista do Renascimento organizava era incompatível com as demandas do tempo correspondente ao período de desenvolvimento da imprensa que impunha uma nova maneira de armazenar e disseminar um conhecimento empenhado em preservar o passado e divulgar o presente.¹⁵³

Através da paulatina substituição de imagens que punham no centro figuras imponentes, em pé e num único ponto por outras em perspectiva, e que tentavam tornar o mundo inteligível, é que se deu a transição de um estilo que se estendeu até a fotografia. Na contemporaneidade, entretanto, conceitos como os de espaço, tempo, produção e distribuição do conhecimento¹⁵⁴ foram reavaliados, reivindicando não só um outro modo de pensamento, mas também outra visualidade.¹⁵⁵

de uma série, que continuou com a Accademia di San Luca, de Roma, em 1593; seguida da Accademia degli Incamminati de Bolonha, em 1598; e teve seu momento de culminância com a Académie de Peinture et Sculpture, criada na França, em 1648, por Mazarino (Pevsner, 1999). Essas instituições estiveram na base do amplo sistema das artes do Ocidente europeu que, apesar de variações regionais, definiu um conjunto mais ou menos homogêneo de ideias e rotinas praticadas nos ateliês, uma hierarquia de gêneros, um estatuto social para o pintor e um papel específico para a pintura no interior da sociedade.” GOMES JR., G.S. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.22, n.64, jun./2017.

¹⁵¹ BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p.18.

¹⁵² FABRIS, A. Redefinindo o conceito de imagem. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.18, n.35, 1998 apud SARDELICH, M.E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, 2006, p.452.

¹⁵³ SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, p.451-472, mai./ago. 2006.

¹⁵⁴ Há, no âmbito da Ciência da Informação, uma discussão sobre a diferença entre informação e conhecimento. A primeira diria respeito ao que é transmitido aos sujeitos, enquanto a segunda a internalização da informação recebida. O conhecimento, nesse sentido, não poderia ser transmitido, pois este faria parte do repertório interno de cada indivíduo, ao entendimento de cada um. Segundo Costa e Xavier: “[...]raramente esse assunto foi tratado de maneira pontual e com atenção, na falsa justificativa de que é um debate puramente teórico e que não levaria a resultado útil algum.” COSTA, R. O. da.; XAVIER, R.C.M. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. Ci. Inf., Brasília, DF, v.39, n.2, p. 75-83, maio/ago., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n2/06.pdf>>. Acesso em: 12 fev., 2016.

¹⁵⁵ SARDELICH. Op. Cit.,1996, p.453.

A internet surge como o grande acontecimento no mundo da comunicação. Embora tenha se popularizado nos anos 1960, os computadores surgiram vinte anos antes nos Estados Unidos e Inglaterra. Todas essas inovações provocaram evidentemente mudanças culturais, mesmo que inicialmente seu uso tenha sido restrito a cálculos científicos e militares, passando a compor o ambiente doméstico somente no final do século XX. Gradativamente a internet foi oferecendo novas possibilidades de comunicação como as trocas de mensagens (e-mails), os bate-papos e o compartilhamento de imagens, fotos e músicas, entre outros usos, num espaço virtual denominado por Pierre Lévy de *ciberespaço*, “sinônimo de um ambiente aberto e interconectado de comunicação.”¹⁵⁶

3.1 Histórias em Quadrinhos

Pensando nas origens e no panorama das Histórias em Quadrinhos, Souza afirma que a partir do século XX houve uma aproximação maior entre arte e tecnologia, logo, não há como compreender esse período deixando de lado manifestações como o cinema, a fotografia e as histórias em quadrinhos.¹⁵⁷ No caso específico das tirinhas, posso considerá-las quadrinhos, uma vez, que, segundo este mesmo autor, elas seriam anteriores ao formato das HQ's.¹⁵⁸ De acordo com Nicolau citado por Souza, a origem das histórias em quadrinhos

[...] está intimamente relacionada ao aprimoramento das técnicas de impressão, enquanto sua popularização é indissociável do surgimento do jornal impresso como veículo de comunicação de massa. Podemos dizer que os quadrinhos são filhotes da caricatura, da charge, da ilustração e do folhetim; amalgamaram diferentes elementos destes gêneros para se tornar uma linguagem única.”¹⁵⁹

Apesar da ‘invenção’ suíça, foi nos EUA, na virada do século XX, que esse tipo de narrativa ganhou corpo. Na afirmação de Souza é a partir desse momento que os quadrinhos se consolidam como produto de consumo das massas, disseminados em jornais diários e

¹⁵⁶ LÉVY, Pierre. Ciberultura. São Paulo: Editora 34, 2000 apud VERONEZI, M. Quadrinhos na internet: abordagens e perspectivas. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2010, pp.66-67.

¹⁵⁷ SOUZA, Alex de. Moacy Cirne: o gênio criativo dos quadrinhos. In: Origens e panorama crítico mundial. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial editora, 2015, p. 15.

¹⁵⁸ As HQ's enquanto mesclas de narrativa visual e linguagem verbal tem como precursor o suíço Rudolf Töpffer, em 1820, assim como pioneiros como Angelo Agostini, italiano radicado no Brasil; o alemão Wilhelm Busch; e o norte-americano Richard Outcault. SOUZA, Alex de. Moacy Cirne: o gênio criativo dos quadrinhos. In: Origens e panorama crítico mundial. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial editora, 2015, p. 15.

¹⁵⁹ SOUZA, Alex de. Op. cit., p.15.

assumindo o padrão da fala dos personagens dentro de um balão, uma ‘novidade’ que resultou em disputa judicial entre dois grandes jornais pela publicação do personagem *Yellow Kid*, de grande aceitação popular.¹⁶⁰ Inicia-se a busca desenfreada dos jornais por novos personagens e desenhistas, o que desencadeou provável encarecimento do espaço nos jornais reservado aos desenhos, sendo necessário, portanto, a sua redução (em termos de tamanho e emperramento da narrativa), o que resultou nas tirinhas nos moldes como as conhecemos hoje.

Há, porém, uma outra versão quanto a origem das HQ’s partindo-se dos elementos constitutivos desse tipo de narrativa. Segundo Cagnin, “a história em quadrinhos é um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelos desenhos, e a linguagem escrita.”¹⁶¹ Diferente deste, Gubern caracteriza as HQ’s da seguinte forma

[...] certas formas artesanais que se julgam precursoras estéticas dos *comics* – narrativas iconográficas sobre papiros egípcios ou cerâmica grega – carecem de interesse num estudo sociológico desta forma expressiva. Costuma-se considerar geralmente que os *comics*, na sua forma moderna, nasceram no seio da indústria jornalística norte-americana em 1896. Para fixar esta data atende-se a três características: a narrativa sequencial em séries de gravuras, a permanência de um mesmo protagonista numa série de publicação periódica e a presença de “balões” ou “globos” com texto dentro como locução dos personagens. Estas características foram reunidas pela primeira vez no personagem *Yellow Kid*, obra de Richard Felton Outcault.

Fica evidente, de acordo com Vergueiro, a intenção de estabelecer determinados elementos que configuram um padrão para o que seria uma história em quadrinhos numa tentativa de colocar *Yellow Kid* como protagonista neste tipo de história nos EUA. Ampliando, porém, estas características para o uso dos diálogos não necessariamente dentro de balões, a supressão das palavras ou mesmo o uso delas embaixo da figura, passa-se a considerar o pioneirismo de outras tiras norte-americanas.¹⁶² As histórias em quadrinhos chegaram ao auge no século XX, definindo, nas seis primeiras décadas, o tipo de personagem principal e o modo sequenciado dos desenhos, originado no ápice da modernidade em um contexto posterior ao da Segunda Revolução Industrial, imperialismo, guerras e desesperança.

¹⁶⁰ SOUZA, Alex de. Op. cit., p.16.

¹⁶¹ CAGNIN, Antônio Luiz. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975, p.35 apud VERGUEIRO, Waldomiro. A contribuição de Antônio Luiz Cagnin aos estudos sobre a linguagem dos quadrinhos no Brasil. São Paulo: Criativo, 2015, p.13.

¹⁶² VERGUEIRO, Waldomiro. A contribuição de Antônio Luiz Cagnin aos estudos sobre a linguagem dos quadrinhos no Brasil. In: A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica. SANTOS, Roberto Elísio dos. São Paulo: Criativo, 2015.

O discurso que carrega em seu cerne, humor e morte, se faz perceber não só neste momento, o de abertura de uma brecha no imaginário humano necessitado de “um divertido consolo no jornal diário, tão cheio de catástrofes e destruição, dando origem às tiras de heróis e super-heróis”, assim como é possível identificar também na expressão medieval “rir para não chorar”¹⁶³, dada a distância temporal, as permanências de discursos e de modos de sentir que encontram no humor uma válvula de escape em tempos difíceis.

3.1.1 Amor e casamento

Figura 24- A Entediante Vida de Morte Crens #91



Fonte: <http://mortecrens.blogspot.com.br/2013/06/a-entediante-vida-de-morte-crens-91.html>.

Nesta tira é possível inferir que Gustavo Borges trata do amor romântico, já tão desmistificado por alguns na contemporaneidade. Certos discursos que estão na moda e que põem no topo dos *best sellers* psicólogos e terapeutas nos fazem refletir e mesmo desconstruir certas práticas tidas como naturais, como por exemplo o casamento.¹⁶⁴

¹⁶³ “Rir para não chorar”, segundo Minois refere-se a uma expressão utilizada na Baixa Idade Média, entre a metade do século XIV e o fim do século XV, quando se instala uma crise que afeta todos os aspectos humanos: superpopulação seguida da escassez de alimentos e aumento da fome; guerras; epidemias como a peste negra que matou quase um terço da população, se estendendo até aproximadamente 1460; recessão econômica; tensões sociais, entre outros. “Não há, portanto, de que rir. É preciso, antes, tremer à chegada do Apocalipse, que Luís D’Anjou manda ilustrar nos quadros gigantes de uma tapeçaria, ao redor de 1380. Os pregadores mendicantes, Vincent Ferrier em primeiro lugar, semeiam o terror. E, contudo, nesse “outono da Idade Média”, o riso amplifica-se, a ponto de cobrir o medo. Quando ouvimos esse riso, damos-nos conta de que os dois fenômenos estão ligados. Não é mais o riso lúdico dos séculos XII e XIII: é um riso desabrido, cacofônico, contestatório, amargo, infernal – o riso dos alegres esqueletos da dança macabra. Não se ri mais para brincar, mas para não chorar, e os ecos desse riso estão à altura dos medos experimentados.” MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.241-244.

¹⁶⁴ A psicanalista Regina Navarro Lins aborda questões relativas a vida a dois e os desgastes das relações afetivas a partir de quando idealizamos parceiros perfeitos e que nos completam. A intimidade, segundo ela, faz com que as relações naufraguem a ponto, inclusive, de serem pensados os chamados relacionamentos abertos ou mesmo novas configurações familiares. LINS, R. N. O mito do amor romântico é uma mentira. Disponível em: < <https://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/2017/06/08/o-mito-do-amor-romantico-e-uma-mentira/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

De acordo com Duby¹⁶⁵, na sociedade da Alta Idade Média, certas práticas sociais eram reproduzidas dentro de um quadro de estruturas estáveis formadas basicamente pela natureza e pela cultura em que códigos de comportamento coletivo e regras que não poderiam ser quebradas ditavam os papéis sociais de homens e mulheres, entre elas, o casamento.

Regulação, oficialização, controle, codificação: a instituição matrimonial se encontra, por sua própria posição e pelo papel que ela assume, encerrada numa firme estrutura de ritos e interditos: de ritos, pois que se trata de publicar, tornar público e, dessa forma, socializar, legalizar um ato privado; de interditos, pois que se trata de traçar a fronteira entre a norma e a marginalidade, o lícito e o ilícito, o puro e o impuro. Por um lado, esses interditos e esses ritos decorrem do profano. Por outro, eles decorrem do religioso, já que pela *copulatio* [cópula] entreabre-se a porta que dá para o domínio tenebroso, misterioso, terrificante da sexualidade e da procriação, isto é, para o campo do sagrado. O casamento se situa, consequentemente, no cruzamento de duas ordens, a natural e a sobrenatural.¹⁶⁶

Apesar da distância temporal, é possível identificar permanências e rupturas em relação ao casamento. Nesse período, segundo Duby, o casamento visava a manutenção de uma ordem social, não havendo espaço para relações conjugais baseadas no afeto, como nos dias de hoje. Casar-se por amor não fazia parte dos pré-requisitos para que o laço matrimonial se firmasse, diferente dos dias de hoje, cuja motivação, pelo menos da boca para fora, é o amor que une duas pessoas - ou mais -, dadas as novas configurações familiares.

Por outro lado, apesar desse desprendimento em relação ao casamento, seja em termos legais e também das próprias mudanças mentais decorrentes dos novos desafios que vão surgindo na sociedade, é possível identificar permanências ao vermos um clamor pela manutenção da castidade encabeçado como identificado no movimento religioso evangélico “Eu escolhi esperar”¹⁶⁷ e que vai de encontro a discursos e práticas de liberdade sexual em vigor no Brasil a partir dos anos 1960. Não menos importante é observar de que modo essas permanências e rupturas acontecem, pois, assim como identifica-se essa necessidade de retomada por certos valores considerados ultrapassados por um determinado grupo, há, simultaneamente, um registro cada vez maior do número de divórcios no Brasil na última

¹⁶⁵ DUBY, Georges. Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁶⁶ DUBY, Georges. Op. cit., pp.10-11.

¹⁶⁷ O “eu escolhi esperar” é formado por uma família de pastores evangélicos de Vitória – ES que tem como missão “preservar sexualmente até o casamento e disseminar os princípios eternos nas áreas afetiva e sexual.”. Disponível em: <<http://www.euescolhiesperar.com/sobre>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

década¹⁶⁸. Como avaliar essa sociedade que ri de coisas sérias de um modo quase instantâneo, assim como rompe laços convencionalmente eternos?

Figura 25– Felizardos no casamento



Fonte: blog.drpepper.com.br

Nesta tira, Daniel M.T também brinca com a morte em relação ao casamento, mas sob uma perspectiva diferente da de Gustavo Borges. Aqui a piada não é feita a partir do “até que a morte nos separe”, mas da instituição do casamento dada a consciência do noivo em saber que estaria entrando numa fria. A futura esposa, uma vez que o casamento ainda não fora celebrado, antes mesmo de consumado o ato decide matar o rapaz pelo fato de o mesmo ter brincado com algo que para ela teria um significado sagrado. Outro fator que teria motivado a morte do noivo seria o de sua crítica não ter se direcionado ao casamento, mas ter na noiva o foco do problema.

Enquanto esta história da Morte Creens possui cinco vinhetas, a do Dr. Pepper tem apenas três. Como os estilos de ambos são diferentes, o primeiro mais reflexivo e o segundo mais direto e dentro dos padrões do que entendemos como de humor negro, talvez por isso o número reduzido de vinhetas se justifique sob este argumento. Os pontos comuns entre elas são o dinamismo e a ação típicas dos quadrinhos, além de, por serem quadrinhos, “[...] é frequentemente necessário ser conciso, em cada vinheta, porque se apoia em outras nas quais se podem mostrar os detalhes.”¹⁶⁹

¹⁶⁸ OLIVEIRA, Nielmar. Divórcio cresce mais de 160% na última década. 30/11/2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/divorcio-cresce-mais-de-160-em-uma-decada>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

¹⁶⁹ BARBIEIRI, Daniele. As linguagens dos quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017, p.128.

As diferenças residem nas técnicas de desenho, cor e traçado. As linhas dos desenhos na figura 19 são grossas e finas, enquanto na figura 20 são finas, apenas. Na figura 19, as imagens são mais escuras, estando mais presente o tom preto, enquanto na figura 20 predominam maior número de cores e em tons mais alegres.

3.1.2 Temas e tramas variados

As tiras de Dr. Pepper que trazem o assunto da morte em suas histórias podem ser obtidas no blog a partir do uso das palavras-chave ‘morte’ e ‘morrer’. Ao todo aparecem quatorze imagens, sendo três delas zombando de uma mulher por ser gorda. Na figura abaixo, a personagem Jurema mata o parceiro por ter se sentido ofendida em sua vaidade. Sempre de Rosa, Jureminha é retratada como uma mulher gorda, de seios fartos, constantemente ridicularizada por estar fora do padrão de beleza exigido pela sociedade. Joselito, seu companheiro, não perde a oportunidade de tirar sarro de Jurema. Ao que parece nas duas primeiras vinhetas, Jurema age violentamente de modo repentino pois seu semblante em nenhum momento transmite a impressão de que ela matará Joselito. Ele, por não conseguir se controlar e ser do tipo que perde o amigo, mas não perde a piada, paga o preço com a própria vida por ter zombado da estética da esposa.

Figura 26– O que não dizer a uma mulher na TPM



Fonte: <http://blog.drpepper.com.br>

Figura 27– A Entediante Vida de Morte Creens #76



Fonte: <http://mortecrens.blogspot.com.br/2013/04/a-entediante-vida-de-morte-crens-76.html>

Acima, a tira também de Gustavo Borges, se apresenta em estilo mais simples, em termos de traçado, cores e detalhes. Em preto e branco, a linha do desenho compõe o corpo e o contorno do objeto, criando um preenchimento. Por ser afinada ou engrossada em alguns trechos, a linha aparece modulada, ou seja, engrossada e afinada em alguns trechos. No tocante ao conteúdo da tira, as quatro vinhetas estabelecem uma ideia e movimento da personagem, que diferente da tira anterior, não interage com outra personagem.

Insatisfeita, a Morte faz indagações sobre sua aparência amedrontadora por mais que se utilize de recursos que possam dar-lhe uma aparência mais agradável e bondosa, como asas de anjo e auréola. Por fim ela reclama não ter um bumbum fofinho como o dos anjos, admitindo ser algo insuperável. Jurema, personagem de Dr. Pepper, parece estar em maior vantagem já que possui acesso mais fácil para resolver seus dilemas estéticos, muito embora Jurema não pareça ter problemas de autoestima...

3.2 Charges e cartuns

Charges são imagens que abordam de modo crítico temas do cotidiano, geralmente através da sátira, enquanto cartuns são imagens cuja presença textual torna-se desnecessária e cujos temas tratam, segundo Morin, de “hábitos sociais, atualidades ou fatos científicos. Já naquelas onde o texto é imprescindível, a temática giraria em torno de psicologia, política e sociologia. Nesses casos, as disjunções “ocorreriam numa justaposição entre texto e imagem.”¹⁷⁰. No Brasil, a partir do século XIX alguns jornais como *A Revista Illustrada* (1876), de Angelo Agostini; *A Semana Illustrada* (1860), de Henrique Fleuss e *A Vida Fluminense*

¹⁷⁰ MORIN, Violette. Le dessin humoristique. In: Communications, número 15, France, 1970 apud ARAGÃO, Octavio. O riso em rede: a Conjunção Disjuntiva nas charges impressas e eletrônicas, pp. 114-115.

(1868), de Luigi Borgamaniero já traziam em seu corpo editorial esse tipo de humor gráfico, cujo público alvo desses jornais era a burguesia que estava se afirmando a partir da aristocracia imperial. Esse conteúdo só chegava até a população mais simples e iletrada, após seu descarte por parte dos primeiros leitores.¹⁷¹ A charge, antes mesmo do desenho ou da piada em si contida nela, tem um poder político que muitas vezes é desconsiderado ou relegado a segundo plano, assim como os cartuns, até mesmo por ser considerado matriz das charges.¹⁷²

Um caso que ilustra bem o despreparo na análise de charges geralmente feita por quem não tem a formação ou as práticas adequadas, contidas nos chargistas profissionais ou em um historiador da arte, para tal ocorreu em 2005, quando o jornal dinamarquês Jyllands-Posten publicou um conjunto de doze charges ironizando o profeta Maomé, o que gerou grande revolta entre árabes e os grupos de religião muçulmana, por não admitirem a personificação do seu Deus a fim de combater a idolatria. Esse chargistas, temendo represálias, prezaram pela manutenção do seu anonimato.

Apesar das consequências negativas da divulgação dessas charges, a ênfase dada pelos jornais frente a esta polêmica perpassa questões de cunho político, sociológico e religioso/ideológico, deixando de lado o debate acerca do uso do ridículo como arma política, as charges.

A força das imagens, da disjunção humorística nas charges impressas e sua posterior divulgação por meios eletrônicos, TV e internet, aparentemente atingiu seu objetivo: transformar a realidade sócio-política do mundo. Ou seja, a charge, por si própria, revela-se uma arma poderosa por ser, como afirma Roland Barthes, *domínio dos significados de conotação ideológica*.¹⁷³

Esse afastamento da discussão em torno do poder político da charge demonstra, de acordo com Aragão, a visão superficial da imprensa e da opinião pública, também no que concerne às questões de ordem estética ou artística. Apesar disso, durante o debate sobre essas

¹⁷¹ Joaquim Nabuco se referia a Revista Ilustrada por “Bíblia da abolição aos que não sabem ler” pelo fato de ao serem jogados fora esses jornais serem acessados pela população escrava. Apesar de analfabetos, eles conseguiam ver graça naqueles desenhos mesmo que não identificassem os personagens ali envolvidos. LIMA, H. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1963, p.795 apud ARAGÃO, Octavio. O riso em rede: a Conjunção Disjuntiva nas charges impressas e eletrônicas. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013, p.116.

¹⁷² ALVES, T.LB; CABRAL, L.N; PEREIRA, S.S. A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. Santa Maria, v. 38, n.2, pp.417-432, mai./ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/viewFile/7915/5488>>. Acesso em: 11 set. 2016.

¹⁷³ ARAGÃO, Octavio. O riso em rede: a Conjunção Disjuntiva nas charges impressas e eletrônicas. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013, p.111.

charges houve um consenso entre os participantes quanto ao humor ter conferido relevância política por achincalhar dogmas religiosos, evidenciando a falta de solidariedade dos chargistas a crenças socialmente estabelecidas. A função da charge, nesse sentido, é dar forma a um “senso comum imagético”, proporcionando o entendimento do seu conteúdo por um dado grupo social ou a maior quantidade de pessoas possível.

Cabe aqui um esclarecimento quanto ao uso das charges e dos cartuns como fontes nesta pesquisa, juntamente com as *webtiras*. Diferente destas últimas, pensadas especificamente para o espaço da internet, as charges e os cartuns do modo como os conhecemos não possuem este caráter. Como já explanado ao longo do texto, estas imagens foram pensadas para serem disseminadas e usadas especificamente a partir dos jornais impressos.

Hoje, dada a facilidade de acesso e de divulgação que a internet proporciona é possível encontra-las, porém soltas e sem uma data que oriente o leitor quanto a sua temporalidade histórica. Ao realizarmos a busca pelo google conseguimos identificar que habitam os blogs dos seus criadores, mas isso não é uma regra. No geral elas estão espalhadas, o que dificulta o estabelecimento da data precisa de sua publicação original. Nesse caso, seria necessário que buscássemos o jornal impresso, o que demandaria um tempo e um esforço incalculável.

Nesse sentido, apesar dessas questões, optei por mantê-las no meu corpo documental dado a sua relevância imagética e seu poder de alcance, sobretudo por poder, hoje, circular livremente por um espaço cada vez mais democrático como a internet.

Figura 28– Cartum



Fonte: http://www.nanihumor.com/2012/07/cartum_23.html.

Neste cartum, Nani nos mostra um morto que não queria morrer, numa condição quase equivalente a apresentada na Figura 10. Entre tantas diferenças entre ambas, as que mais se evidenciam diz respeito a primeira tratar-se de uma tirinha, enquanto a segunda é um cartum; a abordagem também difere, já que na tira o morto está materializado em um corpo, enquanto a segunda faz menção a alma do morto. Mesmo que o seu destino seja a paz celestial com direito a escolta angelical, o discurso religioso cristão do “partiu para uma melhor”, na prática, não convence, afinal, quem não gostaria de sair da condição de desigualdade entre o plano terreno e o divino? É possível conjecturar que este tipo de colocação seja reflexo do medo da morte, sobretudo, o medo relativo a perda daqueles a quem amamos. Seria uma forma de aplacar a dor, buscando uma alternativa autoconvencimento, conforto e conformação.

Sobre o medo da morte, Wolff¹⁷⁴ afirma ser este o medo mais humano, perene e universal de todos os medos.

Num sentido, [a morte] é o medo menos político, ainda que, evidentemente, as desigualdades sociais sejam, às vezes, mais óbvias diante da vida e da morte, fazendo com que ele, o medo da morte, varie, como todas as outras coisas, segundo os regimes e os Estados. É também o medo menos histórico, ainda que não seja independente dos fatos históricos: certos períodos, como o da Idade Média, parecem obcecados pelo medo da morte; outros como o nosso, parecem sobremaneira preocupados em dissimulá-lo, em uma espécie de falso pudor hipócrita. Falamos abertamente de doenças, de sofrimentos, de assassinatos, de massacres, de terror, mas da própria morte só falamos de maneira camuflada, e do medo que ela inspira - do medo que nossa própria morte nos inspira - não falamos absolutamente nada.¹⁷⁵

Seria algo semelhante ao que Gorer denominou *Pornografia da morte*¹⁷⁶, na transição onde o tabu em torno do sexo passa a ser a morte. Na Era Vitoriana, em meados do século XIX, o grande interdito girava em torno de assuntos como copulação, enquanto a morte era tratada de modo bastante natural. Até as crianças eram encorajadas a pensar e falar sobre a morte, inclusive a sua própria. A vida social acontecia em torno dos cemitérios, na maioria das cidades. Paulatinamente, no século XIX, na medida em que as execuções públicas dos criminosos passaram a ser abolidas o processo de silenciamento da morte tem início, embora a transferência de pudores se concretizara a partir do século XX.

¹⁷⁴ WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto (Org). Ensaio sobre o medo. São Paulo: Edições Senac, 2007.

¹⁷⁵ WOLFF, Francis. Op. Cit., p.17.

¹⁷⁶ GORER, Geoffrey. Pornography of Death. In: Encounter, October, n. 25, 1955, pp. 49-52, p. 50. Disponível em: <http://www.unz.org/Pub/Encounter-1955oct-00049>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Hoje, a morte e o luto são tratados, segundo Gorer, com o mesmo recato que se tratava o sexo séculos atrás, provocando estranhamento e a confirmação de que somos fracos quando não conseguimos controlar emoções decorrentes da tristeza da perda.

Uma vez explicados resumidamente os aspectos técnicos das imagens aqui elencadas e observadas a partir do respaldo bibliográfico, finalizo este capítulo reiterando ser banal, segundo Barbieri, discutir se as imagens são ou não realidade. Sabemos que não são, porém, não podemos deixar de considerar que elas refletem visões de mundo acerca da sociedade em que se vive, explicitam medos e angústias típicos dos desafios de cada época, no nosso caso, a contemporaneidade, seja ela hiper, líquida, tardia ou sob qualquer outro novo termo. A grande questão é que os desafios estão latentes e precisam ser enfrentados, de preferência com o uso do humor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões e discussões originadas nesta dissertação, pude observar que muitas das certezas sobre determinados assuntos foram, aos poucos, sendo abaladas e repensadas. A primeira que me despertou grande surpresa diz respeito ao habitual costume humano de fazer humor sobre a morte, algo que acreditava ser relativamente recente, mas que remonta a tempos a.C. Exemplo disto pode ser identificado em um papiro do século III que traz em seu conteúdo uma versão sobre a origem do mundo a partir do riso de Deus

“Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo...Quando ele gargalhou fez-se a luz. Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino, na sexta, o tempo”¹⁷⁷. Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma.

Vale salientar que a noção de humor ou mesmo de humorista que temos hoje não se aplica a esses tempos, um cuidado que principalmente nós, historiadores, devemos ter ao lidar com conceitos de modo equivocado e acabarmos incorrendo no problema do anacronismo. Outra descoberta surpreendente foi identificar já em tempos tão longínquos piadas sobre a morte, ao que hoje categorizamos como *humor negro*.

Outro ponto que desencadeou uma boa discussão, embora ele não se relacione diretamente ao tema pesquisado, foi o embate teórico entre Kellehear¹⁷⁸ e Rodrigues¹⁷⁹ sobre o que diferenciaria homens e animais na noção de morte. Sem a intenção de chegar a alguma conclusão precipitada, sem uma análise comparativa mais profunda, o fato é que ambos defendem posições divergentes, sob os argumentos médico e antropológico, respectivamente.

A mesma situação precisou ser enfrentada quanto à ideia preestabelecida de que a morte em nossa sociedade é um tabu, tese defendida pela maioria dos autores a que recorri, mas questionada por Walter¹⁸⁰ ao rebatê-la alegando ser justamente o contrário: nunca se falou tanto sobre a morte, bastando a nós observar os noticiários de TV ou mesmo a crescente abertura de cursos universitários e de uma literatura específica sobre a morte e o morrer. Esta reação denota

¹⁷⁷ REINACH, S. Cultures, mythes et religions. Paris: ed. Bouquins, 1996, p.147 apud MINOIS, G. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.21.

¹⁷⁸ KELLEHEAR, Allan. Uma história social do morrer. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

¹⁷⁹ RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

¹⁸⁰ WALTER, Tony. The revival of death. USA: Routledge, 1994.

uma preocupação humana contínua a ponto de querermos estudá-la, objeto de estudo este considerado por alguns, dentro e fora da academia, de gosto duvidoso por ser mórbido ou mesmo irrelevante, gerando perguntas como: “historiador estuda a morte?”, ou “você não têm coisa melhor para estudar?”.

Acompanhar as transformações das representações da morte ao longo dos tempos no Ocidente foi parte fundamental, sobretudo porque a todo instante, a medida em que ia descobrindo formas diferentes de lidar com a morte me fez refletir sobre um Ocidente só apresentado no singular, quando na verdade é mais plural do que imaginamos. Se usarmos como exemplos o *Dia de los muertos*, no México, ou mesmo o trato dos norte-americanos com a maquiagem dos cadáveres e o buffet completo nos funerais ou as fotos do falecido como forma de homenagem e despedida,¹⁸¹ enxergamos com certa estranheza esses costumes que entre nós, no Brasil, nos parecem pelo menos diferentes, para não dizer estranhos.

Mas aprendemos, ou pelo menos deveríamos ser chamados a pensar dessa forma, que quando se fala em *cultura* devemos evitar olhar a do “outro” tendo a nossa como espelho. Nesse sentido, foi possível identificar algumas discussões interessantes acerca deste conceito cada vez mais parte do objeto de estudo dos historiadores, por, segundo Burke, “incluir a história das ações ou noções subjacentes a vida cotidiana.”¹⁸²

A arte, assim sendo, poderia ser considerada uma das formas de expressão desse cotidiano, a exemplo das charges, tiras e cartuns, impressas ou em meio eletrônico. Nesta pesquisa, entretanto, trata-se especificamente da segunda opção, escolha esta que apresentou no percurso da escrita alguns problemas metodológicos que serão justificados. O primeiro deles diz respeito à necessidade de categorizar as imagens a fim de estabelecer um sentido, identificando aspectos mais frequentes que possibilitassem perceber se os desenhistas seguem algum critério nas suas criações. No caso das charges e dos cartuns, por serem a grosso modo desenhos jornalísticos de caráter crítico e humorístico, não esperaria encontrar entre elas repetições ou quaisquer semelhanças de ordem mais técnica, seja por ter escolhido quatro artistas diferentes e mesmo pela natureza dessas imagens, a crítica social através do humor.¹⁸³

Através de busca no *google*, com o uso das palavras-chave “morte”, “humor”, “imagens”, “charges”, “cartuns” e “tírinhas”, sem recorrer a operadores booleanos, as charges e os cartuns que iam surgindo foram selecionados de acordo com a minha capacidade de

¹⁸¹ CHIAVENATO, Júlio José. A morte: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

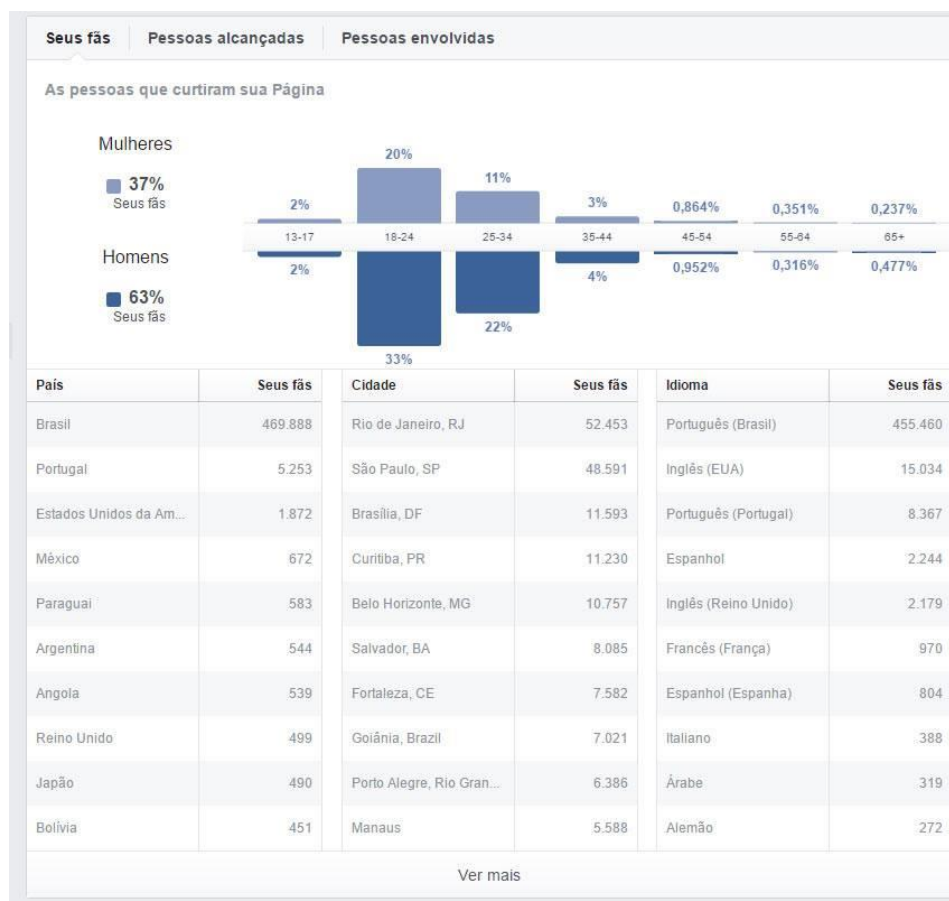
¹⁸² BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.21.

¹⁸³ Essa atualidade encontrada nas charges e nos cartuns possui uma diferença sutil, o que as diferencia: a charge brinca com situações do cotidiano, logo, sua “vida útil” torna-se maior que a do cartum, que satiriza situações atuais.

interpretação. Quanto às tiras, o critério de escolha partiu inicialmente dos quadrinistas Daniel M.T e Gustavo Borges por saber que já tratavam do tema, assim como apresentavam diferenças tanto de abordagem temática como de qualidade técnica.

Outro dado que julguei importante obter durante a pesquisa foi conhecer a respeito do público que acompanha o trabalho de Gustavo Borges e Daniel M.T. Não o fiz em relação aos chargistas e cartunistas pela dificuldade em adquirir estas informações. Diferente deles, como dois primeiros usam a plataforma do *Facebook* para divulgar seus trabalhos, havia a opção de enviar mensagens via bate-papo on-line. Apenas Daniel respondeu à entrevista e forneceu os números de acessos por país, cidade e gênero. Com Gustavo Borges consegui estabelecer um diálogo inicial, mas o mesmo não foi adiante.

Figura 29 – Acessos a página *Dr. Pepper* no Facebook.



Fonte: Dr. Pepper.

A tabela acima nos apresenta dados numéricos sobre quem mais acessa, neste caso o Brasil, cuja maioria compreende pessoas do sexo masculino.¹⁸⁴ Apesar de representarem um pouco mais da metade em relação aos homens, as mulheres têm demonstrado interesse pelas tirinhas de Dr. Pepper. Isso nos ajuda a pensar a dimensão do humor no Brasil, cuja fama de país da piada pronta não nos causa surpresa ao identificarmos que uma página com piadas de conteúdo misógino e machista tenha um número considerável de mulheres entre os seus seguidores.

Nas tiras foi possível perceber certo padrão nos desenhos. As personagens eram as mesmas, mudando apenas os contextos. Em *A Entediante Vida de Morte Crens*, as tiras de Gustavo Borges sempre traziam a Morte como personagem central, enquanto Daniel M.T tratou de questões mais cotidianas sem fazer menção à personagem com foice e demais características usuais. Ao todo, buscando pelos termos “morte” e “morrer” em seu blog, consegui filtrar dezesseis tirinhas, já nas páginas do *Facebook* de ambos não houve como realizar a busca por palavras, sendo necessário verificar cada história individualmente.

Algumas mudanças estruturais foram necessárias, pois a montagem inicial do texto dividia as imagens por autores. Devido à necessidade de se fazer a abordagem por temas, foi preciso coletar mais imagens a fim de tornar suficiente a discussão, já que mantive a divisão por categorias charges, cartuns e tirinhas. Por fim, após indicações da banca de qualificação, inseri informações de cunho mais técnico, uma vez que havia direcionado a interpretação das imagens à luz apenas do contexto histórico.

Foi possível saber que as tiras de Dr. Pepper não são feitas do modo “tradicional”. De acordo com Barbieri

Do ponto de vista do desenho, a produção de uma imagem em quadrinhos pode ser dividida em duas fases: lápis e nanquim. A fase do lápis é aquela em que a imagem é verdadeiramente criada, pensada e desenhada justamente com lápis pelo desenhista. A pintura nem sempre é realizada pelo mesmo desenhista. Especialmente nos quadrinhos norte-americanos, a tinta é comumente confiada a um especialista, enquanto o desenhista, que assina o quadrinho, elabora apenas a versão a lápis.¹⁸⁵

Daniel M.T, diferente do padrão gráfico citado por Barbieri, elabora as suas tirinhas com o auxílio do software Adobe CS5, usando no lugar do mouse uma mesa digitalizadora

¹⁸⁴ Estes dados foram fornecidos por Daniel M.T em 12 de julho de 2016, porém o quadrinista não especificou a qual período correspondem as informações dos acessos dos seus seguidores a sua página no Facebook.

¹⁸⁵ BARBIERI, Daniele. As linguagens dos quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017, p.31.

básica. Além disso, todo o processo de feitura das histórias é realizado por ele próprio, sem qualquer divisão de tarefas com outros desenhistas. Essa dinâmica talvez se dê dessa forma pelo fato de Dr. Pepper ser uma história circulante apenas no meio virtual, sem comercialização de material impresso.

Apesar de, em muitas ocasiões ter havido extrapolação na análise das imagens, entendo que elas são necessárias sobretudo se considerarmos que esta dissertação tem na História o seu ponto de partida. Mas ela por si só não seria suficiente para auxiliar nas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, foi constantemente estabelecido o diálogo entre os campos da história com áreas já mencionadas anteriormente e que integram os campos das ciências sociais e humanas. Sem essa contribuição, as reflexões despertadas nesta dissertação não seriam possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes digitais

Artigos, sites, filmes

AMANCIO, Thiago. Policiais matam e morrem mais no Brasil, mostra balanço de 2016. *Jornal Folha de São Paulo* [versão on-line], 30 out., 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1931445-policiais-matam-e-morrem-mais-no-brasil-mostra-balanco-de-2016.shtml>> Acesso em: 10 dez. 2017.

ARQUIVOS DA TURMA DA MÔNICA. Dona Morte. HQ Antes da hora. Disponível em: <<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com.br/2014/04/dona-morte-hq-antes-da-hora.html>> Acesso em: 12 jun., 2016.

BARROS, Daniel Martins de. “A lenda da baleia azul – ou como uma notícia falsa traduz um perigo real”. 11/04/2017. Disponível em: < <http://emails.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/a-lenda-da-baleia-azul-ou-como-uma-noticia-falsa-traduz-um-perigo-real/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BLOCH, Arnaldo. “Humor não serve mais pra nada”, diz Jaguar em sua ‘última entrevista’. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/humor-nao-serve-mais-para-nada-diz-jaguar-em-sua-ultima-entrevista-11681015>>. Acesso em: 18 out., 2016.

BLOG DO AMARILDO. Disponível em: <https://amarildocharge.wordpress.com/about/>. Acesso em: 01 jun. 2017.

BLOG DO ORLANDO. Cartunista Duke é condenado por charge sobre má arbitragem. Disponível em: <<https://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2014/01/31/cartunista-duke-e-condenado-por-charge-sobre-ma-arbitragem/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BLOG 0 NEWS. A morte do cartum. Entrevista com Jaguar. Disponível em: <<http://blog0news.blogspot.com.br/2007/03/morte-do-cartum-entrevista-com-jaguar.html>> Acesso em: 20 jun. 2016.

COSTA, R. O. da.; XAVIER, R.C.M. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito? *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v.39, n.2, p. 75-83, maio/ago., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n2/06.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DEUTNER, Kátia. Humor sarcástico gera polêmica, mas dá audiência. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2011/08/18/humor-sarcastico-gera-polemica-mas-da-audiencia-entenda-o-motivo.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DEUS NO GIBI. Dona Morte. Entrevista de Maurício de Souza para a PUC – Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.deusnogibi.com.br/textos-de-apoio/dona-morte/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. JAGUAR. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoal734/jaguar>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ESTÚDIO ARMON. Armon Entrevista Gustavo Borges. 02/04/2014. Estúdio Armon. Disponível em: <<http://www.estudioarmon.com.br/2014/04/armon-entrevista-gustavo-borges.html>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

FILHO, Clóvis de Barros. “Suicídio, um fato social”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qqjIOHAjBao>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO [versão on-line] Janot finaliza denúncia contra Temer e o acusa de dois crimes. 13/09/2017.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1918309-janot-finaliza-denuncia-contratemer-por-dois-crimes.shtml>>. Acesso em 04 out. 2017.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Vol. XIII, pp.18-19. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>>. Acesso em: 01 dez., 2017.

GLOBO.COM. G1. Maior ataque a tiros da história dos EUA mata 59 e deixa mais de 500 feridos em Las Vegas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-investiga-relatos-de-atirador-em-casino-em-las-vegas.ghtml>>. Acesso em: 02 out. 2017.

GOMBRICH, Ernest H. Sobre a interpretação da obra de arte: o quê, o porquê e o como. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n.13, p.11-26, dez. 2005.

Disponível em:

http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070514090829.pdf>. Acesso em: 04 out. 2017.

GOOGLE ADSENSE.

Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/9712?hl=pt-BR>>. Acesso em: 10 de dez. 2017.

GORER, Geoffrey. Pornography of Death. In: Encounter, October, n. 25, 1955, pp. 49-52. Disponível em: <http://www.unz.org/Pub/Encounter-1955oct-00049>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HUFFPOST BRASIL.COM. Seis motivos para não ver “13 Reason Why”. 12/04/2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/superela/6-motivos-para-nao-ver-13-reasons-why_a_22036860/>. Acesso em: 28 mai. 2017.

JORNAL DO HUMOR. Disponível em: <<https://ojornaldohumor.wordpress.com/2011/09/12/entrevista-para-duke-chargista-deve-ir-a-fundo-na-informacao/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

L&PM EDITORES. Nani: vida e obra. Disponível em: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=549282.>. Acesso em: 02 jan. 2017.

LINS, R. N. O mito do amor romântico é uma mentira. Disponível em: <<https://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/2017/06/08/o-mito-do-amor-romantico-e-uma-mentira/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

LIVRE PENSAMENTO. Fantástico, o show da vida. Disponível em: <<https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

LOBO. Movimento psicodélico dos anos 60. 15 fev., 2017. Disponível em: <<http://lobopopart.com.br/movimento-psicodelico-dos-anos-60/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. N.57, dez./2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/download/2181/4439>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

MARTON, Scarlett. A morte como instante de vida. Café filosófico. TV Cultura. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JbXHftyakm4>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

MOTA, L. A. Os tempos hipermodernos, de Gilles Lipovetsky (Resenha). Revista de Ciências Sociais. v. 35, n. 2, 2004, p.137.

Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10261/1/2004_art_lamota.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2018.

NANI HUMOR. Disponível em: www.nanihumor.com. Acesso em: 02 jan. 2017.

OLIVA, Milagros Pérez. Quem decide como devemos morrer?. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180_147265.html>. Acesso em: 18 abr. 2017.

OLIVEIRA, Nielmar. Divórcio cresce mais de 160% na última década. 30/11/2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/divorcio-cresce-mais-de-160-em-uma-decada>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

O RISO DOS OUTROS. Documentário. Direção e roteiro: Pedro Arantes, Produção: Ângelo Ravazi e Ricardo Monastier. Brasil, dez, 2012, TV Câmara, São Paulo, Massa Real Filmes (52 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zqlRD3E72sI>. Acesso em: 10 dez. 2017.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. São Paulo: Mercado das Letras, 1998, p.13. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiel/wp-content/uploads/2014/11/1762.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

SANDRI, Piergiorgio M. El humor según cada país. Jornal La Vanguardia. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/estilos-de-vida/20130816/54379403091/el-humor-segun-cada-pais.html>>. 16/08/2013. Acesso em: 05 jan. 2017.

SANTOS, Bárbara Ferreira. Em 5 anos, violência no Brasil mata mais que a guerra na Síria. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/violencia-brasil-mata-mais-guerra-siria/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SANTOS, F.S; INCONTRI, D. Perspectivas histórico-culturais da morte.

Disponível em:

<http://www.pampedia.com.br/abpe/Artigos%20site/ABPE_siteArtigos%20perspectivas%20morte.pdf> Acesso em: 13 jun. 2017.

SAPIENS. L&PM Editores.

Disponível em:

<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=549282> Acesso em: 02 jan. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. Suicide death rate, by age group.

Disponível em:

<<http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&language=en&pcode=tsdph240&plugin=1>> Age-standardized suicide rates (per 100.000 population), 2015.

Disponível em:

http://gamapserver.who.int/gho/interactive_charts/mental_health/suicide_rates/atlas.html. Acesso em: 10 dez. 2017.

Figuras

Figura 1. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#34. [17/06/2012]. 1 *webtira*, preto e branco. Disponível em: <http://mortecrens.blogspot.com.br/2012_06_17_archive.html>. Acesso em: 28 nov., 2017.

Figura 2. CEMITÉRIO JARDIM DA RESSURREIÇÃO. Sem título. [06/08/2017]. 1 fotografia, colorida. Disponível em: <<https://www.Facebook.com/jardimdaressurreicao/>>. Acesso em: 30 nov., 2017.

Figura 3. SOUSA, Maurício. Um caso de morte. [1984?]. 1 fotografia, colorida. Disponível em: <<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/10/livro-lpm-as-melhores-historias-do-penadinho.html>>. Acesso em: 02 jun., 2017.

Figura 4. M.T., Daniel. Alguns personagens assassinos em Dr.Pepper. 1 *webtira*, colorida. Disponível em:< www.drpepper.com.br>. Acesso em: 12 ago., 2017.

Figura 5. M.T., Daniel. Você morreria pelo seu amor? [29/10/?] 1 *webtira*, colorida. Disponível em:< www.drpepper.com.br>. Acesso em: 15 ago., 2016.

Figura 6. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#16. [17/06/2012] 1 webtira, preto e branco. Disponível em: <http://mortecrens.blogspot.com.br/2012_06_17_archive.html>. Acesso em: 15 dez., 2017.

Figura 7. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#63. [25/08/2013] 1 webtira, colorida. Disponível em: <http://mortecrens.blogspot.com.br/2013_08_25_archive.html>. Acesso em: 15 ago., 2017.

Figura 8. AMARILDO. Riscos. [07/03/2012]. 1 charge, colorida. Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/2012/03/07/riscos-2/>>. Acesso em: 01 fev., 2017.

Figura 9. NANI. Cartum. [13/02/2014]. 1 cartum, colorido. Disponível em: <http://www.nanihumor.com/2014/02/cartum_13.html>. Acesso em: 15 ago., 2016.

Figura 10. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#122 [29/07/2014]. 1 webtira, colorida. Disponível em: <<http://mortecrens.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 ago., 2016.

Figura 11. M.T. Daniel. Polícia assassina. [31/03/?]. 1 webtira, colorida. Disponível em: <<http://blog.drpepper.com.br/?s=pol%C3%ADcia&submit=Search>>. Acesso em: 08 dez., 2017.

Figura 12. M.T. Daniel. Comentários da tira *Polícia assassina*, de Dr. Pepper. 1 print, colorida. Disponível em: <<http://blog.drpepper.com.br/?s=pol%C3%ADcia&submit=Search>>. Acesso em: 08 dez., 2017.

Figura 13. AMARILDO. Muito trabalho. [26/09/2015]. 1 charge, colorida. Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/2015/09/26/muito-trabalho/>>. Acesso em: 12 jan., 2017.

Figura 14. JAGUAR. Sem título. [13/03/2007]. 1 cartum, preto e branco. Disponível em: <<http://blog.vivalabrasa.com/2008/09/confesso-que-bebi-jaguar-beber-cair-e.html>>. Acesso em: 05 mar., 2017.

Figura 15. DUKE. Sem título. [01/10/2016]. 1 charge, colorida. Disponível em: <<http://www.blogdozedefatima.com.br/2016/10/01/como-a-criminalidade-tomou-conta-do-brasil-a-pena-de-morte-seria-bem-vinda/>>. Acesso em: 05 mar., 2017.

Figura 16. NANI. Salvando Temer. [18/09/2017]. 1 cartum, colorido. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com/search?q=salvando+temer>>. Acesso em: 06 na., 2017.

Figura 17. JAGUAR. Sem título. 1 cartum, colorido. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/resistencia-cultural/caricatura.>>. Acesso em: 03 jan., 2018.

Figura 18. DUKE. Certezas da vida. [12/05/2017]. 1 charge, colorida. Disponível em: ><http://domtotal.com/charge/1882/2017/05/certezas-da-vida/>>. Acesso em: 15 set., 2016.

Figura 19. AMARILDO. Aposentadoria diminui. [06/01/2014]. 1 charge, colorida. Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/2014/01/06/aposentadoria-diminui/>>. Acesso em: 06 jan., 2018.

Figura 20. M.T, Daniel. Como você reagiria se soubesse que tem câncer? [7/11/?]. 1 webtira, colorida. Disponível em: <<http://blog.drpepper.com.br/?s=cancer&submit=Search>>. Acesso em: 18 fev., 2017.

Figura 21. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#119. [27/05/2014]. 1 webtira, colorida. Disponível em: <<http://mortecrens.blogspot.com.br/>> Acesso em: 04 jan., 2017.

Figura 22. Ual, tem wifi lá partiu#inferno. 1 print, colorido. Disponível em: <https://aminoapps.com/c/memes-hu3-br/page/blog/memespagao/zJeM_avcxu01PL5nEGnVbV5oKG4e2zjm8g>. Acesso em: 16 jan., 2018.

Figura 23. NANI. Cartum. [02/2014]. 1 cartum, colorido. Disponível em: <http://www.nanihumor.com/2014/02/>. Acesso em: 01 abr., 2017.

Figura 24. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens #91. [16/06/2013]. 1 webtira, colorida. Disponível em: < <http://mortecrens.blogspot.com.br/2013/06/a-entediante-vida-de-morte-crens-91.html>>. Acesso em: 14 fev., 2017.

Figura 25. M.T, Daniel. Felizardos no casamento. [11/09/?]. 1 webtira, colorida. Disponível em: <<http://blog.drpepper.com.br/?s=casamento&submit=Search>>. Acesso em: 16 jan., 2018.

Figura 26. M.T, Daniel. O que não dizer a uma mulher na TPM. [28/09/?]. 1 webtira, colorida. Disponível em: < <http://blog.drpepper.com.br/?s=tpm&submit=Search>>. Acesso em: 16 jan., 2018.

Figura 27. BORGES, Gustavo. A Entediante Vida de Morte Crens#76. [23/04/2013]. 1 webtira, preto e branco. Disponível em: <<http://mortecrens.blogspot.com.br/2013/04/a-entediante-vida-de-morte-crens-76.html>>. Acesso em: 119 jan., 2018.

Figura 28. NANI. Cartum. [23/07/2012]. 1 cartum, colorido. Disponível em: <http://www.nanihumor.com/2012/07/cartum_23.html>. Acesso em: 19 jan., 2018.

Figura 29. Acessos a página Dr. *Pepper*, no Facebook. [12/07/2016].

Obras de Referência

ANTIGO TESTAMENTO. Eclesiástico. A preservação da identidade de um povo, capítulo 25, versículos 12, 18, 25,33. Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 1990, tradução, introdução e notas Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, pp. 856-898.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAGÃO, Octavio. O riso em rede: a Conjunção Disjuntiva nas charges impressas e eletrônicas. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013.

ARIÈS, Philippe. Historia de la muerte en Occidente: De la edad media hasta nuestros dias. Barcelona: El Acantilado, 2000.

BARBIERI, D. As linguagens dos quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BAUDRILLARD, J. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2008.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BLOCH, Marc. Maneiras de sentir e pensar. In: A sociedade feudal. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CAPELOTTI, J.P. Ridendo Castigat Mores: tutelas reparatórias e inibitórias de manifestações humorísticas no direito civil brasileiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas: de que modo tratamos? In: Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar. Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2016.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista Estudos Avançados, 1991.

CHIAVENATO, Júlio José. A morte: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

CORREIA, Maria da Luz; MARTINS, Moisés de Lemos. Pensar a morte na contemporaneidade. In: Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar. Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2016.

COURTINE, J-J; CORBIN, A; VIGARELLO, G. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DUBY, Georges. Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. In: Revista de História. São Paulo, EDUSP, 1950, V.I.

FOUCAULT, M. Retornar à história. In: Ditos e escritos, II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972, pp.282-295.

FREUD, Sigmund. Sonhos com mortos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GOMES JR., G.S. Vidas de artistas: Portugal e Brasil. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.22, n.64, jun./2017.

GRAF, Fritz. Cícero, Plauto e o riso romano. In: Uma história cultural do humor. BREMMER, Jan; Roodenburg, Herman. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

JESUS, Paulo Henrique Martins. CLIC!: selfie e a subjetividade do instante. 2015. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Católica de Brasília, 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papirus editora, 1996.

KELLEHEAR, Allan. Uma história social do morrer. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade da decepção. Barueri, SP: Manole, 2007.

_____. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LUIZ, L. Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa. Rio de Janeiro: Marsupial, 2013.

MACEDO, J.R. Riso, cultura e sociedade na Idade Média. UFRGS: Editora Unesp, 2010.

MAGALHÃES, Henrique. Humor em pílulas: A força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de fantasia, 2006.

MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MORIN, Edgar. O homem e a morte. Lisboa: Europa-América, 1997.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001, pp. 15-82.

NICOLAU, Jairo. História do voto no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

NOVAES, Adauto (Org.). Ensaio sobre o medo. São Paulo: Edições Senac, 2007.

PIMENTA, Reinaldo. A casa da mãe Joana. São Paulo: Elsevier, 2002.

POSSENTI, Sírio. Humor, língua e discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RAMOS, P. Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana, 2011.

RIBEIRO, R. R. A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói, RJ: EDUFF, 2014.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, Roberto Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.

_____. A contribuição de Antônio Luiz Cagnin aos estudos sobre a linguagem dos quadrinhos no Brasil, pp.10-21.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, p.451-472, mai./ago. 2006.

SCHUMACHER, Bernard N. Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SINGER, P. Vida ética. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SOBCHACK. V. Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário. São Paulo: SENAC, 2005.

SOUZA, Alex de. Moacyr Cirne: o gênio criativo dos quadrinhos. In: Origens e panorama crítico mundial. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial editora, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: estudos de estética, linguística e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.

VERONEZI, Cláudia. Quadrinhos da internet: abordagens e perspectivas. Porto Alegre, RS: Editora Asterisco, 2010.

WALTER, Tony. The revival of death. USA: Routledge, 1994.

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto (Org). Ensaio sobre o medo. São Paulo: Edições Senac, 2007.